
THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

HOMENS DO MAR

HOMENS DO MAR

DRAMA MARITIMO

EM UM PROLOGO E TRES ACTOS

ORIGINAL

DE

A. CESAR DE LACERDA



RIO DE JANEIRO
EDITOR—A. A. DA CRUZ COUTINHO

[1864]

Segundo as leis de propriedade litteraria, ninguem póde representar este drama sem authorisação do seu author; para isto, em Portugal se dirigirão ao dito seu author, e no Imperio do Brazil ao editor o snr. Antonio Augusto da Cruz Coutinho—no Rio de Janeiro.

A. CESAR DE LACERDA.

PORTO—TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
Rua Ferreira Borges n.º 31
1864

PERSONAGENS DO PROLOGO

FRANCISCO DA SERRA, capitão baleeiro, e com fabricação em Moçambique.................................. 45 annos.
ANTONIO DUARTE, seu piloto e administrador.......... 38 »
MANOEL FORTUNATO, ex-capitão mercante, actualmente rico negociante com casa commercial em Gôa...... 48 »
BENTO ROSADO, guarda-marinha da armada real....... 25 »
SILVESTRE, pardo, tripulante da baleeira de Francisco da Serra....................................... 23 »
ANGELICA, criada de Francisco da Serra............. 45 »
EMILINHA, filha de Manoel Fortunato................ 5 »
UM MARINHEIRO DO BRIGUE «AUDAZ».
Tripulantes da baleeira de Francisco da Serra, negros, e pardos, seus escravos.

PERSONAGENS DOS OUTROS ACTOS

GUILHERME TRAVASSOS, ex-maritimo, actualmente negociante, e com escriptorio de consignações maritimas em Loanda	65 annos.
JOSÉ DE BARCELLOS, ex-maritimo, e seu guarda-livros	58 »
CARLOS SARAIVA, grande práctico da costa d'Africa, e conhecido por o capitão «mata-negros»	36 »
BENTO ROSADO, primeiro tenente da armada real, e conhecido por o tenente «menina»	45 »
FREDERICO D'ALBERGARIA, segundo tenente da armada real	30 »
JOSÉ MARIA, piloto da galera «Diamantina»	55 »
MANOEL MATUTO, segundo marinheiro a bordo da fragata «Diana»	68 »
SILVESTRE, pardo, criado de Travassos	43 »
JOÃO FATEIXA, moço de governo da «Diamantina»	18 »
AYRES DE SEQUEIRA — Aspirantes da armada real	14 »
AUGUSTO NEVES — Aspirantes da armada real	16 »
PEDRO NORONHA — Aspirantes da armada real	13 »
O GAGEIRO DE PROA DA «DIANA», patrão do escaler	50 »
UM GAGEIRO — Da galera «Diamantina»	48 »
UM FIEL DO PORÃO — Da galera «Diamantina»	50 »
UM MOÇO — Da galera «Diamantina»	16 »
UM MARINHEIRO — Da galera «Diamantina»	40 »
OUTRO MARINHEIRO — Da galera «Diamantina»	30 »
EMILIA — Filhas de Guilherme Travassos	25 »
ROSALIA — Filhas de Guilherme Travassos	18 »
ANGELICA, criada em casa de Travassos	65 »

Officiaes e aspirantes da «Diana».

Marinheiros, e moços da «Diamantina»; marinheiros, soldados, e pagens da armada real.

---

*A acção passa-se:—O prologo em 18**; os outros actos vinte*

annos depois. O prologo na feitoria de Francisco da Serra em Moçambique; o 1.º acto em casa de Travassos em Loanda; o 2.º acto a bordo da «Diamantina», no convés; o 3.º acto a bordo da «Diana», na primeira coberta.

N. B. Apesar de decorrerem vinte annos do prologo aos outros actos, adverte-se que não sendo a scena passada na actualidade, todos os uniformes devem ser os antigos: isto é, fardas do feitio de casacas, dragonas de cachos curtos, e bonets de tampo largo, e galão d'oiro de dois dedos de largura. Os aspirantes podem usar, uns jalecas, outros sobre-casacas, e outros fardetas com a gola voltada, etc.



HOMENS DO MAR

PROLOGO

Uma especie de alpendre, sustido ao fundo por grandes pilares de pedra; á direita grande porta que dá entrada para os armazens de Francisco da Serra; á esquerda porta e janellas da sua habitação; ao fundo uma especie de caes com tres ou quatro degraus, que descem para o mar, que se vê até aonde a vista póde alcançar; um banco de pedra á porta dos armazens, etc. É dia.

SCENA I

SILVESTRE, ANGELICA, TRIPULANTES DA BALEEIRA DE FRANCISCO DA SERRA E ESCRAVOS PARDOS E NEGROS

(Os escravos e os tripulantes conduzem algumas pipas vasias dos armazens para o fundo até desapparecerem na D. Angelica sahe da casa da E.)

ANGELICA [*E.* 2]

(Vendo rolar as pipas com precipitação.) Devagar! devagar com isso! Cuidam que são de ferro? Ainda quando o fossem, não resistiriam a similhante maneira de conduzil-as! Como não lhes custam dinheiro...

SILVESTRE [1]

Já vocemecê está a ralhar, snr.ª Angelica! Se fazemos o serviço assim, é porque o snr. capitão disse que tinha pressa. Pelos modos o azeite está prompto, e graças a Deus, é tanto, que quasi não ha aonde o guardar.

ANGELICA

Pressa é uma coisa, e estragação é outra! Em levando essas pipas bem direitas, embora rolem com rapidez, não se estragam, mas d'essa maneira... aos tombos por toda a parte...

SILVESTRE

Fique descansada, snr.ª feitora, que não se escangalham assim! Isto é fazenda de tempera rija, como a sua pessoa!

ANGELICA

É muito confiado em me comparar com uma pipa!... Ora, faça o seu serviço, ande, e não seja atrevido, quando não digo-o ao snr. capitão Serra!

SILVESTRE

Perdão, snr.ª Angelica: isto foi uma brincadeira innocente: longe de mim a idéa de a offender.

SCENA II

OS MESMOS E MANOEL FORTUNATO

MANOEL [2]

(Da esquerda.) Grande *faina* vai por cá, snr.ª Angelica! Ha pescaria nova! *(Os marinheiros e escravos, depois de levarem as pipas, desapparecem para a direita fundo.)*

ANGELICA [1]

Nova, não, snr. Manoel Fortunato; mas a velha foi em abundancia, graças a Deus!

MANOEL

Ganha o patrão um par de contos de reis, hein?

ANGELICA

Contos de reis! Quem déra d'isso! Depois que n'estas alturas navegam baleeiros hollandezes, tem descido a fazenda meio por cento. Aquillo são os maiores *atravessadores* do mundo! Má peste os mate, os malditos!

MANOEL

O mar é de todos, snr.ª Angelica; e o que Deus n'elle creou a todos deve pertencer. Sabe se effectivamente já se combinaria a minha passagem a bordo do brigue?

ANGELICA

Não sei: porque? V. s.ª não fallou ainda com o snr. Serra?

MANOEL

Não: ha vinte e quatro horas que não o vejo: anda lá com o seu azeite ás voltas, e não ha pôr-lhe a vista em cima. Eu podia ter ido directamente fallar com o commandante do brigue, mas como seu amo se quiz encarregar d'isso...

ANGELICA

E com razão; o que lhe não fizerem a elle, a ninguem fazem: é o baleeiro mais estimado, e de maior consideração que por aqui ha, graças ao seu bom comportamento, e grandeza d'alma.

MANOEL

Hospitaleiro é elle, snr.ª Angelica: quasi que estimo ás vezes o ter naufragado n'esta costa, só para o conhecer: e se um dia elle me apparecer em Portugal...

ANGELICA

(Com um suspiro.) Ai, tarde será, ou nunca, talvez! Estes ganhos da baleia são assim: juntar n'uma estação para comer na outra. Triste vida, snr. Manoel Fortunato: digo-lh'o eu.

MANOEL

Mas... vocemecê não percebeu um projecto que eu tenho, snr.ª Angelica?

ANGELICA

Ainda m'o não disse...

MANOEL

Como sabe, salvei todos os meus cabedaes, são oitenta e dois contos de réis, com que vou estabelecer-me em Portugal, na cidade do Porto, minha terra. Lá, se fôr fe-

liz, como fui em Lisboa, graças á Providencia Divina, tenciono abrir um escriptorio de consignações maritimas, e continuar o negocio; mas por minha conta, isto é, para vêr se construo d'aqui a dois, ou tres annos, uma ou duas *barcasitas*, que se fazem lá que nem uns brincos! Depois... Como foi esta gente que me salvou os haveres, quero ser grato; digo ao snr. capitão Serra que se deixe d'este negocio de azeite de peixe, e que se faça... capitão dos meus navios. Creio que lhe pagarei assim os seus bons serviços d'agora. Que diz, snr.ª Angelica?

ANGELICA

Eu sei... Elle é tão afferrado a esta vida!... Diz que tem presentimentos que a este negocio deverá um dia o ser muito rico.

MANOEL

Parece-me que póde esperar, coitado! Emfim, eu cumpro um dever de consciencia com a offerta que tenciono fazer; se não acceitar, nem por isso deixarei de considerar paga esta divida sagrada.

ANGELICA

Diz bem; mas, repito, duvido que elle acceite. De mais a mais, v. s.ª não póde tambem accommodar o snr. Antonio Duarte n'esse negocio lá dos seus navios...

MANOEL

Deus me livre!... *(Depois de certo silencio.)* Ora não sabe, snr.ª Angelica, parece mal dizel-o: de todos n'esta casa sou amigo; mas d'aquelle snr. Antonio Duarte... Ó snr.ª Angelica, vocemecê desculpe; mas não faz idéa do quanto antipathiso com elle! Palavra de honra que é repugnante!

ANGELICA

Tem aquelles modos sorumbaticos, tem; mas no fim de contas...

MANOEL

Um homem que nunca olha para outro senão de revés, e de catadura desconfiada e bisonha! Se não é um mau homem, parece-o.

ANGELICA

Aquillo é modo que adoptou por andar sempre a lidar com os escravos da feitoria.

MANOEL [1]

Tubarões o traguem, mais aos seus modos de ave de mau agoiro!

ANGELICA

(Que tem ido ao fundo.) Ahi vem o capitão.

MANOEL

Vejamos que novas me traz.

SCENA III

OS MESMOS E FRANCISCO DA SERRA

FRANCISCO [2]

(Entrando pelo F.) Oh! por aqui, meu querido hospede! Peço-lhe mil desculpas d'esta involuntaria ausencia: mas além de ter tido immenso que fazer na fabrica, esperava a todo o instante que lá me fosse encontrar. Porque não foi?

MANOEL [1]

Com verdade, por uma bagatella, uma fraqueza propria de pae, e pae extremoso como me préso de ser. A pequenita tem estado alguma coisa doente, e não me resolvi a deixal-a aqui só. *(Sorrindo.)* Se algum dia fôr pae, snr. Francisco da Serra, dará o valor ao que provavelmente não comprehende agora.

FRANCISCO

Comprehendo, essa é boa; nem melhor desculpa podia ter da sua ausencia. Mas o que sente a menina? É coisa de cuidado?

MANOEL

Creio que não, felizmente.

ANGELICA [3]

Apanhou hontem alguma cacimba, quando foi passear á *praia da torre,* e constipou-se, julgo eu. Já lhe pre-

parei um xarope para tomar hoje á noite; depois de suar, fica boa, verá.

FRANCISCO

(*Rindo, e dando-lhe com a mão no hombro amigavelmente.*) E póde crêl-a, snr. Manoel Fortunato: isto é a mulher mais sabedora em mezinhices caseiras, que eu tenho visto na minha vida. Se fosse á nossa universidade de Coimbra, estou que lhe davam o grau de doutora em medicina.

ANGELICA

Não o diga por mangação, que talvez haja quem cure com menos práctica do que eu. Quero vêr se já algum tripulante da baleeira, ou algum escravo da feitoria se deu mal com os meus remedios!

MANOEL

Visto isso, se tivesse a bondade de ir vêr a pequena, muito favor me fazia. Parece-me que lhe achei agora mais febre...

ANGELICA

Passa; verá. (*Entra para a casa da E.*)

SCENA IV

MANOEL FORTUNATO E FRANCISCO DA SERRA

MANOEL [1]

Não sei porque... o caso é que tenho fé n'esta Angelica. E' sua criada ha muito tempo?

FRANCISCO [2]

Ha um bom par de annos; foi criada de meu pai, que como lhe disse já, era negociante em Lisboa, e morreu do desgosto que lhe causou uma quebra em que se achou envolvido sem querer e lhe levou tudo quanto possuia. Fiquei só, pobre e desamparado; mas nem assim esta boa mulher me abandonou. Como eu era capitão de navios, por um acaso, achei meio de me estabelecer aqui; e ella cá veio ter, coitada! Isto já quasi que não é criada; é uma

segunda mãe. Mas, passando a outra coisa, saberá que está quasi concluido o negocio da sua passagem no brigue *Audaz*. Fallei ao commandante, que ficou d'aqui mandar a resposta hoje, depois do meio dia: e oxalá que (apesar da pena que me causa a sua ausencia) v. s.ª possa vêr em breve a sua patria, que eu cá... sabe Deus quando a verei!...

MANOEL

Cedo, snr. capitão; digo-lh'o eu; estes serviços que de tão bom grado me tem prestado, não os fez a um ingrato... Mas, que disse o commandante do brigue?

SCENA V

OS MESMOS E ANTONIO DUARTE

ANTONIO DUARTE [1]

(*Sahindo da casa da E. e tendo ouvido as ultimas palavras.*) Creio que v. s.ª não deve, nem póde partir ainda.

MANOEL [2]

Porque?

ANTONIO DUARTE

Porque o brigue veio unicamente fazer agoada, e supponho que segue para Angola depois de ámanhã: pelo menos é o que se diz hoje no caes.

MANOEL

Mas assim... tão repentinamente!...

ANTONIO DUARTE

Consta que o governador déra essa ordem hoje ás dez horas... (*Diligenciando sorrir com amabilidade.*) Melhor! Teremos o gosto de gosar mais algum tempo a sua companhia.

MANOEL

Que contrariedade! Já por cá ando ha quinze dias, e estou tão impaciente de abraçar meu filho!...

FRANCISCO [3]

Seu filho!... Ainda me não havia dito que tambem tinha um filho!...

MANOEL

Ainda não? pois tenho. Um rapazola que deve estar agora mocetão dos seus dezeseis para dezesete annos. Foi o primeiro penhor que me deu aquella sancta que Deus tenha em gloria! Como mostrou logo na infancia fortes tendencias para a vida do mar, lá o mandei para Lisboa recommendado a um amigo, que o matriculou na Academia dos Guarda-Marinhas: a estas horas deve elle estar a concluir o seu curso, e não tardará que o veja com as dragonas de official! Que prazer, meus caros amigos, é ter um filho de talento, o démo do rapaz! assim eu o tivera, que talvez a estas horas me visse tambem com uma farda de official da armada! Soffrivel mareante fui eu, porém isso...

FRANCISCO

(*Rindo.*) Não impediu que procurasse mais fortuna em terra. (*Sóbe para ficar a 2.*)

MANOEL [3]

Não tanto que não viesse naufragar n'esta costa de Moçambique!... Olhe que tambem é singular, snr. Francisco da Serra!... Parece destino!

ANTONIO DUARTE [1]

(*Sorrindo com certa ironia e trocando um olhar rapido de intelligencia com Francisco, que abaixa os olhos perturbado.*) E parece, snr. Manoel Fortunato! Dir-se-ia que as aguas quizeram dar-lhe cabo do que juntou em terra, por se vingarem de as ter deixado. (*Depois de curto silencio.*) A proposito: sempre está resolvido a assistir a uma *arpoadella* de *peixe grosso?*

MANOEL [3]

Se estou! Foi coisa que nunca vi nos doze annos em que andei embarcado. Custa a acreditar!

ANTONIO DUARTE

(*Continuando com a sua idéa fixa.*) Pois olhe, desconfio que cedo poderá satisfazer esse desejo: disse-me o

Silvestre, que vira hontem, ao sol posto, uma grande baleia negra á *babuge* d'um navio americano, que não se occupou em lhe dar caça.

FRANCISCO [2]

(*Com certa perturbação.*) Tambem o démo a leve para longe: tenho azeite á farta, e antes quizera que me apparecesse por ahi algum cachatote, que mais espermacete me daria, e de melhor vontade sahiria ao mar.

ANTONIO DUARTE

Tem razão; mas para obsequiarmos o seu hospede...

MANOEL

(*Rindo.*) Obsequio a mim, e proveito para o snr. Serra; não tenho remedio se não ir.

FRANCISCO

(*Comsigo.*) O diabo persegue este homem!

MANOEL

Vou vêr a pequena como está. Se houver novidade, chamem-me, e se vier com effeito algum recado do brigue...

FRANCISCO

Elles prometteram-me...

MANOEL

Bem: até logo. (*Entra para a casa da E.*)

SCENA VI

FRANCISCO DA SERRA E ANTONIO DUARTE

ANTONIO DUARTE [2]

(*Depois de silencio.*) Você na verdade não tem siso nenhum! Pois propônho-lhe um plano que nos enriquece, em que eu só me arrisco, e vai com o seu genio parvamente obsequioso estorvar a realisação d'elle!... Está doido, ou chegaram-lhe agora escrupulos improprios de um homem que tem pretenções a arrojado e industrioso?

FRANCISCO [1]

(*Perturbado.*) Mas... se acho esse plano inconcebivel...

ANTONIO DUARTE

(*Rindo com desprêso.*) Inconcebivel?! Tanto o não é que o concebi eu. Comprehendo melhor a quasi miseria em que vivemos! A feitoria é pobre, as difficuldades de um trafico tão pouco rendoso, augmentam de dia para dia!...

FRANCISCO

Pois bem; mas eu o que não quero é ser havido, nem achado n'esse negocio. Faça você o que entender; eu não acompanho esse homem... não quero vêr...

ANTONIO DUARTE

Nem é preciso; se havia ir por lá fazer ou dizer alguma parvoice!...

FRANCISCO

Parvoice... por ter melhor coração, e repugnar-me essa...

ANTONIO DUARTE

Escusa dizer, adivinho o resto. Se você tivesse, como eu, passado uma vida de sustos, talvez não lhe repugnasse assegurar o seu futuro, fosse de que maneira fosse! Que fiz eu, a final, para assim viver errante, sem patria, sem parentes, sem ninguem?! Tendo sentado praça na marinha militar, puni com a morte o—mar e guerra—que me roubava a ração. Se o não mato, matava-me elle á fome. Pude evadir-me a nado, e receando ser prêso em terra, dentro em poucas horas estava longe do porto, onde fizera justiça por minhas proprias mãos. Nunca ellas me dôam. Todos fariam o mesmo no meu caso.

FRANCISCO

Menos eu. E se soubesse ao principio quem você era...

ANTONIO DUARTE

(*Com ironia.*) Fechava-me a porta, não é assim? Olhem as grandes bondades d'este coração! Arrepende-se de me haver dado um pedaço de pão, quando com o suor do meu rosto, o tenho ganho para ambos! E eu a querer fazel-o feliz! E você...

FRANCISCO

Felicidade!... por ventura um crime póde nunca trazer a felicidade a alguem?

ANTONIO DUARTE

Póde! Duvida-o?

FRANCISCO

E... e o remorso?

ANTONIO DUARTE

(*Com uma gargalhada cynica.*) Remorso!?...

FRANCISCO

Estou a achal-o hoje peor do que nunca! Mas a final... explique-se: se a esse homem acontecer... *alguma desgraça* (em que eu, repito, não quero de fórma alguma tomar parte) que tenciona fazer?

ANTONIO DUARTE

Com oitenta e dois contos de réis, póde-se ir... até ao inferno! Deixamos esta maldita terra com toda a sua miseria, e mau clima; vamos estabelecer-nos por ahi n'algum paiz civilisado aonde haja mais para vêr e gosar. Como sempre tenho este receio de que me possam reconhecer, você figurará de patrão, e eu de seu gerente ou guarda-livros: isto em quanto não passarem mais meia duzia de annos, em que me percam a pista, e depois dos quaes eu possa apparecer no mundo, livre, e independente.

FRANCISCO

Ah! quer dizer...

ANTONIO DUARTE

Quero dizer, que, logo que eu assim o entenda, o snr. Francisco da Serra, figura perante o mundo, que de guarda-livros me faz seu socio; dá-me metade do capital, e dos lucros, e depois... boas noites! Saude e peças: cada um irá para o rumo que lhe convier.

FRANCISCO

Porém...

ANTONIO DUARTE

(*Desabrido. Passa a 1.*) Escusa de me fazer mais observações com o fim de obstar a este plano! O que disse,

está dito. Hei de tornal-o rico, ainda que você não queira. Depois, como ficamos dependentes um do outro... porque você fica com o que não é seu, e eu porque... Sim, já se sabe porque; não ha o perigo de nos atraiçoarmos.

FRANCISCO

(*Rindo contrafeito.*) Mas ha a idéa de... de você dar tambem cabo de mim, para ficar só com o dinheiro.

ANTONIO DUARTE [1]

Eu sei o que é a gratidão, snr. Francisco da Serra. Acolheu-me na miseria, hei de ser seu amigo para vida, e para morte!

FRANCISCO

Não fallemos mais n'isto: o que não quero, como já lhe disse, é ser havido, nem achado n'esse negocio. Faça o que quizer.

ANTONIO DUARTE

Ah! farei; deixe estar: não preciso para isso da sua authorisação.

SCENA VII

OS MESMOS E SILVESTRE, DEPOIS BENTO ROSADO

SILVESTRE

(*Correndo ao F.*) Ó capitão, olhe que vem ahi um snr. guarda-marinha do brigue, que perguntou por vocemecê na feitoria. Pelos modos tem pressa de lhe fallar.

FRANCISCO

Ah! eu vou...

BENTO ROSADO [3]

(*Entrando pelo F.*) Não é preciso; aqui estou eu, snr. Francisco da Serra.

(*N. B. Este personagem, tem uma voz essencialmente afeminada, e um extremo apuro no seu uniforme.*)

FRANCISCO

Oh! snr. guarda-marinha!... que bondade!... (*Indicando-lhe a casa.*) Quer fazer-me a honra...

ROSADO

Nada, não senhor; peço-lhe desculpa; não, não posso demorar-me. (*Sentando-se n'um dos bancos.*) Apesar de que venho estafado. (*Sacudindo o pó das botas e da farda.*) Estes caminhos são horrorosos!... Safa! Aqui não ha camara, snr. Serra?...

FRANCISCO

Ha, mas é... como tudo cá pelo ultramar.

ROSADO

Já tenho reparado n'isso. (*Petisca lume e em seguida accende um charuto.*)

ANTONIO DUARTE [1 *F.*]

(*Baixo a Silvestre.*) A gente das baleeiras que esteja prompta a sahir ao mar; ha-des vir commigo na lancha, ouviste?

SILVESTRE

Sim, senhor. (*Sahe pelo F.*)

ROSADO

(*Para Francisco.*) Pois, amigo capitão, o commandante encarregou-me de lhe dizer, que tendo recebido ordem do governo da provincia para sahir hoje para Angola, não lhe parece conveniente para o seu hospede, recebel-o agora a bordo, porque até crê que terá por lá sua demora; mas, que em todo o caso, como é provavel que á vinda, surja outra vez n'este porto, póde o seu afilhado seguir para Lisboa, se até então lhe não apparecer navio que o transporte. No entretanto, que veja v. s.ª o que melhor entende, porque está sempre ao seu dispôr como bom compatriota, e extremamente obrigado pela promptidão e boa vontade com que v. s.ª nos proveu de tudo quanto a bordo necessitavamos.

FRANCISCO [2]

Cumpri o meu dever; (*Rindo*) além d'isso o snr. commandante do brigue, pagou-me tão bem os meus generos, que o obsequiado não foi elle.

ROSADO

É que o meu commandante creio que pensa como

eu; os obsequios não o são pelo que valem, mas sim pela maneira como são feitos. Agora... em quanto ao embarque do seu hospede...

FRANCISCO

Eu vou mandal-o chamar, e...

ANTONIO DUARTE

Creio que não será necessario: anda a passeio, e como o snr. guarda-marinha tem pressa...

ROSADO

Devemos levantar ferro dentro de meia hora...

ANTONIO DUARTE

Pois por isso, posso já affiançar-lhe que ao snr. Manoel Fortunato é absolutamente impossivel ir a Angola, para depois seguir para Lisboa. Vamos entrando na boa monção, e, d'aqui até ao fim do mez, não faltarão navios que o transportem.

ROSADO

O que peço encarecidamente, é que lhe apresentem os meus respeitos, e lhe assegurem o desgosto que tenho de que elle nos não acompanhe.

ANTONIO DUARTE

Sim, senhor, eu lh'o direi.

ROSADO

(*Levantando-se, e para Francisco.*) Na verdade, ando ha tanto tempo a vêr caras estranhas, que, quando encontro os meus compatriotas, é um dia de regosijo! Pena sinto eu de que chegando ha cinco dias apenas, tenha já de sahir, sem apertar mais estas relações começadas por uma sympathia tão pronunciada. (*Indicando-lhe Antonio Duarte.*) Este senhor tambem é portuguez, segundo vejo?

FRANCISCO [3]

Sim, senhor, é meu piloto, e feitor.

ROSADO

(*Caminhando para elle e estendendo-lhe a mão.*) Tenho muito prazer em o conhecer, snr...

FRANCISCO

(*Acabando a phrase.*) Antonio Duarte.

ROSADO

(*Que lhe tinha a mão apertada, encarando-o e recuando um passo.*) Ora esta!...

ANTONIO DUARTE [1]

(*Comsigo.*) Oh! com os demonios!... Conheceu-me!...

ROSADO

(*Para elle.*) Parece-me que... que o conheço, snr. Antonio Duarte!...

ANTONIO DUARTE

(*Alguma coisa perturbado.*) E' possivel, mas... (*Comsigo.*) E não tenho a navalha commigo!...

ROSADO

O senhor, não... Desculpe, póde ser um engano, mas... o senhor não esteve a bordo da *Urania* algum tempo?

ANTONIO DUARTE

Não, senhor, nem vi nunca essa corveta.

ROSADO

É singular!... Parece-se espantosamente com um homem que... Torno a pedir desculpa, mas... (*Encarando bem com elle.*) E' impossivel haver uma tão exacta similhança! O senhor teve praça a bordo da *Urania!...*

FRANCISCO [3]

(*Comsigo.*) Mau!... mau!...

ANTONIO DUARTE

Ora esta!... Se lhe affianço que nem vi nunca similhante navio!... (*Comsigo.*) Parece-me que tenho de ir *ás do cabo!...* Seria uma dos diabos!... (*Entra e sahe do armazem, trazendo alguns arpões de baleeiro, e duas ou tres lanças do mesmo mister, deposita tudo no chão, proximo ao F.*)

ROSADO [1]

(*Baixo para Francisco da Serra, em quanto Antonio Duarte anda n'aquella lida.*) Snr. Serra, é a segunda vez que tenho o gosto de o encontrar, e oxalá que a terceira seja com menos pressa do que estas duas: no entretanto, parece-me que v. s.ª é um homem de honra, e como tal

lhe peço que me diga francamente quem é aquelle individuo. A bem do serviço de Sua Magestade, necessito saber se é ou não quem eu supponho.

FRANCISCO

(*Perturbado, mas disfarçando.*) Mas... não sei o que v. s.ª quer dizer; isto é, não sei as suas supposições.

ROSADO

Parece-me que é um tal Antonio Duarte, que foi praça da corveta *Urania*, e que desertou, commettendo um crime gravissimo.

FRANCISCO

Oh!... Isso não póde ser!... Este homem... (*Falla baixo.*)

ANTONIO DUARTE

(*Comsigo, sempre mexendo nos ferros que tem ido buscar ao armazem.*) Se me dás a voz de prêso, arpôo-te, como quem arpôa uma balêa do alto mar!

ROSADO [*P. a* 2]

Pois snr. Antonio Duarte, acredite que não me engano: vocemecê é o segundo marinheiro da *Urania*, que ha annos desertou, commettendo primeiro o crime de lançar pela borda o—mar e guerra—da corveta. Eu devia já e já prendel-o...

ANTONIO DUARTE [3]

(*Caminhando para elle com uma lança na mão.*) Como?...

ROSADO

Comprehendo a sua idéa: póde largar essa lança, porque antes que o senhor a levantasse, deitava-lhe eu a espada ao pescoço! Não o faço em contemplação a este senhor, que nos obsequiou tanto, e por quem sinto a maior sympathia. Porém como os deveres militares são para mim (e serão sempre a Deus me ajudar!) uma outra religião tão sagrada, como a que por meus paes me foi legada; previno-o, que, para desencargo de minha consciencia, vou immediatamente dar parte ao meu commandante da

sua estada aqui. Esta prevenção não a tome se não como prova da minha lealdade.

UM MARINHEIRO DO BRIGUE

(*Entrando e tirando o chapéo. F.*) Meu guarda-marinha, olhe que estão a fazer signaes do brigue, para que vamos para bordo. Creio que querem aproveitar o vento que sopra favoravel.

ROSADO

Reune a gente do escaler, que está provavelmente em terra: dei-lhe licença até á uma hora...

O MARINHEIRO

Já lá estão todos, snr. guarda-marinha.

ROSADO

Bem; eu já vou. (*O marinheiro sahe pelo F.*)

ANTONIO DUARTE

(*Com certa ironia disfarçada e rancorosa.*) Visto isso... o snr. guarda-marinha (d'antes o snr. aspirante Rosado) faz-me a esmola de me perdoar, não? Deus lh'o pague, snr. Rosado!... E acredite que, em qualquer parte que o encontre, ou que se falle de v. s.ª...

ROSADO

Está enganado, não lhe perdôo: repito-lhe que vou dar parte ao commandante; é o meu dever! Suma-se, faça o que entender, mas fuja já da minha presença.

ANTONIO DUARTE

Sim, senhor, Deus lhe dê saude e fortuna, snr. guarda-marinha! (*Entra para o armazem sempre munido da sua lança.*)

SCENA VIII

FRANCISCO DA SERRA E ROSADO

ROSADO [2]

(*Para Francisco.*) Em quanto ao senhor...

FRANCISCO [1]

(*Ainda muito perturbado.*) Agradeço sinceramente a sua attenção...

ROSADO

Nada tem que me agradecer... Um signal quasi imperceptivel que aquelle homem me fez, obrigou-me (tambem por um dever de honra) a proceder assim. Agora, o que lhe peço é que... tome cuidado com elle!... É um malvado!

FRANCISCO

Exaggera, talvez, snr. guarda-marinha!...

ROSADO

Não exaggero: tem essa fama na armada real: e admira-me, até, como v. s.ª, segundo vejo, se deixa influenciar por elle.

FRANCISCO

(*Sorrindo.*) Que quer? O meu genio apoucado, e o caracter energico e activo d'aquelle homem, fizeram-lhe adquirir sobre mim uma tal superioridade, que... que já se me vai tornando pesada, acredite.

ROSADO

Tenho visto muitos d'esses casos, desgraçadamente: é uma questão digna de estudar-se, e bem caracteristica do coração humano. Snr. Serra, dê-me as suas ordens.

FRANCISCO

Uma pergunta ainda; depois da sua parte, virão buscar aquelle homem?

ROSADO

Não é provavel, por que o navio está a sahir: o meu dever hei-de cumpril-o.

SCENA IX

OS MESMOS E MANOEL FORTUNATO
COM EMILINHA NOS BRAÇOS

MANOEL FORTUNATO [1]

Ella aqui está! ella aqui está! Sã como um pêro! Isto de creanças são assim!...

ROSADO [3]

(*Corre para ella.*) E que linda que é! eu morro por creanças!... (*Dá-lhe beijos e fica-a acariciando até que sahe.*)

FRANCISCO

Snr. Rosado, este é o meu hospede, o snr. Manoel Fortunato, de quem fallei para a passagem...

ROSADO

(*Sem largar a menina.*) Sinto que os seus desejos não se realisem; no entretanto permitta que lhe apresente os meus respeitos.

MANOEL FORTUNATO

(*Apertando-lhe a mão que elle lhe estende.*) Tenho muita honra... Visto isso o navio não segue directamente para Lisboa?

ROSADO

Não, senhor; para Angola.

EMILINHA [2]

Então já não vamos para Lisboa, papá?

ROSADO

(*Dando-lhe um beijo.*) Não, minha menina; mas cedo lá nos veremos, deixe estar. (*Para elles.*) E que linda que é!... Deus a fade bem!

MANOEL FORTUNATO

Bem mal o tem sido até hoje, coitada! Perdeu a mãe ha anno e meio, e, por pouco, que não fica sem pae, quando aqui naufraguei ha dias.

ROSADO

É sua filha?

EMILINHA

Sim, senhor; este senhor é o meu papá.

ROSADO

(*Rindo.*) Esperta como um azougue! (*Depois de a beijar.*) Até mais vêr, meus senhores...

MANOEL FORTUNATO

Tenho a pedir-lhe um favor, snr. guarda-marinha;

visto que (*Rindo*) não pude aproveitar a boa vontade do snr. commandante...

ROSADO

Estou ao seu dispôr. (*Vê-se Antonio Duarte espreitar á porta dos armazens.*)

MANOEL FORTUNATO

(*Tirando uma carta e um maço maior de papeis.*) Como não sei com certeza quando sahirei d'aqui; e como fiquei escarmentado com o meu naufragio, pedia-lhe o obsequio de, logo que possa, ou n'algum paquete que encontre, ou mesmo navio de véla,—que vá para a metrópole—, enviar-me esta carta para meu filho, e este... testamento, não me envergonho de dizel-o: não sei que presentimento me annuncia... Emfim, faz-me o favor de se encarregar...

ROSADO

(*Tomando os papeis.*) Pois não; e sinto immenso não poder demorar-me; o navio está a sahir e só espera por mim. Fazem favor de vêr se percebem aonde está o escaler, em quanto eu me despeço d'esta menina.

FRANCISCO

Deve estar proximo do caes... (*Dirige-se para o fundo com Manoel Fortunato.*)

ROSADO

(*Sentando-se á porta dos armazens, para melhor abraçar Emilinha.*) Ora venha cá, minha menina, vamos a fazer as nossas despedidas. (*Abraçando-a e beijando-a.*) Olhe que já sou muito seu amiguinho, sabe?

EMILINHA

O snr. official que o diz...

ANTONIO DUARTE

(*Apparecendo á porta, e comsigo.*) Se eu podésse... (*Em quanto elle está entretido com a creança, rouba-lhe subtilmente da algibeira os papeis que Manoel Fortunato lhe deu, e desapparece.*)

FRANCISCO

(*Voltando.*) O brigue continúa a fazer signaes, snr. guarda-marinha.

ROSADO [*P. a* 2]

(*Apressadamente.*) Adeus!... adeus!... (*Aperta-lhes as mãos, e torna a beijar a creança, que o segue e vai a sahir.*) Olá!... (*Parando.*) Eis uma separação bem presagiada, snr. Francisco da Serra!... Olhe!... (*Mostra-lhe com o dedo um grande cetaceo que se vê ao longe.*)

FRANCISCO

(*Aterrado, e lançando machinalmente um olhar para a porta dos armazens.*) Ah!! A baleia!

ROSADO

(*Muito alegre.*) Boa pesca, snr. capitão!

OS DOIS

Boa viagem, snr. guarda-marinha. (*Rosado sahe pelo F.*)

SCENA X

OS MESMOS, ANTONIO DUARTE, SILVESTRE E TRIPULANTES DE FRANCISCO DA SERRA

SILVESTRE

(*Entrando a correr.*) Ó capitão!... Uma baleia negra, que anda pairando além!...

FRANCISCO [2]

(*Perturbado.*) Bem vi... deixal-a ir... não vale a pena de...

ANTONIO DUARTE [3]

(*Que foi ao fundo.*) Qual não vale; é uma baleia monstruosa, que nem sempre apparece por estes mares. (*Para os tripulantes.*) A ella, rapazes!... levem essa palamenta para as lanchas, e apparelhem tres. (*Os marinheiros sahem levando os arpões, lanças, etc. etc. Silvestre sahe com elles.*)

MANOEL FORTUNATO

Até que emfim posso presencear um d'esses grandiosos espectaculos!

FRANCISCO

(*Tremulo, mas disfarçando.*) Pois sempre quer...

MANOEL FORTUNATO

Se quero! Uma distracção d'estas em similhante terra, não é para despresar.

ANTONIO DUARTE

Venha, venha, snr. Manoel Fortunato, que se ha de divertir. (*Baixo para Francisco.*) O testamento já está na minha algibeira.

FRANCISCO

(*Admirado.*) Ah!...

ANTONIO DUARTE

(*Affectando alegria.*) Vamos! Vamos! a ella, snr. Manoel Fortunato.

MANOEL FORTUNATO

Vamos. (*Para Emilinha.*) Adeus pequenita: fique-me por cá com juizinho, *sim*?

EMILINHA

Eu não posso ir tambem com o meu papá ao mar?

MANOEL FORTUNATO

Se não houvesse perigo...

ANTONIO DUARTE

Não ha, mas... (*Troca um olhar significativo com Francisco.*)

FRANCISCO

(*Que comprehendeu, agarrando a menina, e custando-lhe a conter uma grande commoção.*) Não!... isso é que eu não consinto!... A creança, não!... não quero que vá!...

MANOEL FORTUNATO

Diz bem; se lhe ha de acontecer alguma... vamos. Até logo, snr. Francisco da Serra. (*Dá um beijo na filha e sahe.*)

ANTONIO DUARTE [3]

(*Junto de Serra, baixo.*) Dentro de meia hora... estamos ricos! (*Sahe pelo F.*)

SCENA XI

FRANCISCO DA SERRA E EMILINHA QUE ACOMPANHA O PAE ATÉ O FUNDO

FRANCISCO

(*Cahindo sobre um dos bancos.*) Não posso conformar-me com similhante idéa!... É verdade que... oitenta e dois contos de réis!... Mas a consciencia, meu Deus!... Parece que enlouqueço!...

EMILINHA

(*Vindo ter com elle.*) Está doente, snr. Serra? O que tem?

FRANCISCO

Esta pobre creança!... Serei seu pae ao menos!...

EMILINHA

Não responde?... Está mal commigo?... Mas eu não teimei para ir com o papá!! Não viu?

FRANCISCO

(*Muito commovido.*) Pede a Deus por elle, minha filha!... Resa!... resa!... sabes resar? (*Harmonia em surdina na orchestra até final do acto.*)

EMILINHA

Se sei! até me lembro ainda de uma oraçãozinha, que a mamã me cantou quando me deu esta cruz, e ficou a dormir para sempre. (*Mostrando-lhe a cruz de oiro que traz ao pescoço, escondida no seio.*)

FRANCISCO

Ella deu-te essa cruz?... quando morreu, não?

EMILINHA

Não, senhor, ella não morreu, foi para o céo; e diz o papá que está de lá a vêr tudo quanto eu, e elle fazemos.

FRANCISCO

Meus Deus!!...

EMILINHA

Deitou-m'a ao pescoço antes de fechar os olhos, e cantou assim: (*Cantando n'uma melodia popular muito conhecida nas musicas religiosas.*)

Eu da cruz do Redemptor
Só espero a salvação;
Permitti, Senhor, que a traga
Sempre aqui no coração.

FRANCISCO DA SERRA

(*Ajoelhando e abraçando-a na maior commoção.*) Pede a Deus por teu pae, filha!!...

(*Emilinha repete machinalmente a strophe, e cahe o panno.*)

FIM DO PROLOGO

ACTO PRIMEIRO

Gabinete pequeno mobilado com riqueza e elegancia; portas ao fundo, e aos lados; sophás, cadeiras etagers, quadros, mesas com albuns, jornaes estrangeiros, etc., etc.; um piano, cartas geographicas, etc., etc. É dia.

SCENA I

ANGELICA E DEPOIS SILVESTRE

ANGELICA

(*Que ao levantar do panno dorme profundamente n'um cadeirão, acorda sobresaltada, esfrega os olhos, e observa um rolojo.*) O que é isto!? Dez horas e meia!... (*Reparando nos candelabros e serpentinas.*) Tudo apagado!... Dez horas... da manhã!... Ora esta! Pois é crivel que eu dormisse toda a noite sem... Toda a noite, não, desde as quatro horas da madrugada, porque estou certa de que as ouvi dar n'aquelle relojo... A que horas viriam então estes senhores? (*Levantando-se.*) É forte *descoco!* principalmente da menina Emilia; doente, sempre com o tal nervoso, que... (em boa hora o diga!) não percebo que qualidade de molestia seja aquella!... (*Olhando para dentro.*) Ah! ahi temos o snr. Silvestre... Se elle sabe que me deixei ficar aqui toda a noite, temos *gracinhas!* O melhor é... (*Vai a sahir E. A.*)

SILVESTRE [2]

(*Entrando pela D. A. com visivel vontade de rir.*) Bons dias, snr.ª Angelica. Como passou a noite? (*Põe sobre uma das mesas algumas cartas que traz na mão.*)

ANGELICA [1]

(*Desabridamente.*) Muito bem, muito obrigada. Viva! (*Ameaçando nova sahida.*)

SILVESTRE

(*Com ironia.*) Olhe cá, snr.ª Angelica; sabe dizer-me a que horas viriam hontem os senhores?

ANGELICA

(*Rabugenta.*) Ai! Já você começa? Vá perguntal-o á criada das meninas que...

SILVESTRE

(*Rindo.*) Perdão, snr.ª Angelica: como quando fui deitar-me a deixei ahi muito bem repotreada n'essa cadeira, julguei que... sim que não se deixasse dormir tão depressa para acordar... ás dez horas e meia da manhã.

ANGELICA

(*Perturbada.*) Você perdeu o siso, snr. Silvestre! Pois eu dormi cá toda a noite! Credo! D'essas e d'outras...

SILVESTRE

Vamos lá, não se amofine por isso: os senhores bem a viram e não se zangaram por uma coisa tão... *tão* natural na snr.ª Angelica.

ANGELICA [1]

Hein? elles viram-me?

SILVESTRE [2]

E foi o que nos valeu, porque chegaram aborrecidos, de muito mau humor; mas dando com vocemecê a roncar para ahi como um trombone, passou-lhes a zanga, e...

ANGELICA

(*Vendo que elle não continúa.*) E? e o que?

SILVESTRE

(*Com fingida repugnancia.*) E... Tenho medo que vocemecê se arrenegue commigo.

ANGELICA

Olhem que medos! Sempre me sahiu um tal hypocrita o snr. Silvestre! Mas... diga lá: o que fizeram elles quando me viram a... *a passar pelo somno?*

SILVESTRE

Ora... o que fizeram?... Foram taes as gargalhadas, que só a snr.ª Angelica seria capaz de não acordar ao som d'aquelle dueto.

ANGELICA

(*Como fallando só.*) Ah! então... riram-se, *hein?* Não tem duvida! Ainda em cima de... Sempre sou bem tôla!

SILVESTRE

Tem razão, snr.ª Angelica.

ANGELICA

(*Voltando-se.*) O que?

SILVESTRE

Digo que... que tem razão para estranhar que se riam do seu zêlo, e da sua provada dedicação.

ANGELICA

Sim, sim; é bem empregada, não tem duvida!... Mas deixem estar que...

SILVESTRE

(*Que olhou para dentro E. A.*) Ahi vem o senhor!

ANGELICA

Bom! Nós temos historia!... Para cá vem elle hoje bem!

SCENA II

OS MESMOS E GUILHERME TRAVASSOS

GUILHERME [3 *E. A.*]

(*Para Silvestre.*) Ha cartas para mim?

SILVESTRE [2]

(*Mostrando-lh'as.*) Alli estão, meu senhor.

GUILHERME

Se alguem me procurar, previne-me.

*

SILVESTRE

Já veio o capitão Saraiva, mas como o senhor estava ainda recolhido...

GUILHERME

A que horas disse que voltava?

SILVESTRE

Ás onze.

GUILHERME

Bem. (*Vai sentar-se, e abre uma das cartas que lê.*)

SILVESTRE

(*Baixo para Angelica.*) Parece-me que ainda lhe dura o mau humor... Ó snr.ª Angelica durma um bocadinho mais para elle se rir.

ANGELICA [1]

Veja se se *põe* ao *fresco* e não seja confiado, ande!

SILVESTRE

Falle devagar! (*Sahe apressadamente F. D.*]

GUILHERME

(*Sem levantar a cabeça, e lendo outra carta.*) O que é isso?

ANGELICA [1]

Nada, meu senhor; gracinhas do snr. Silvestre.

GUILHERME [2]

(*Sempre lendo as suas cartas.*) Tenho notado uma coisa, Angelica, e tenho-a notado com desgosto. Ha o quer que é no seu intimo contra o Silvestre, que os faz andar sempre em questões. Isto desagrada-me... aborrece-me até, porque o Silvestre é um excellente criado, e se não tenho por elle a consideração... as deferencias, direi, que tenho por você, Angelica, pelo menos estimo-o, e reconheço-lhe o merecimento que...

ANGELICA

(*Não se podendo conter.*) Pois é por isso mesmo! Não posso entender... custa-me até ás vezes a acreditar que o snr. Guilherme Travassos, sendo tão bom, tão justiceiro, tão... de tanto juizo, se deixe *embalar* pelas conversas d'aquelle *bonifrate*, a ponto de conceder-lhe ás

vezes a mesma confiança que me concede a mim, que... (*Com sentimento*) que vi nascer suas... sua filha!...

GUILHERME

(*Sorrindo e largando as cartas.*) São então os ciumes que a fazem andar sempre em guerra com o meu pobre Silvestre?

ANGELICA

(*Resmungando.*) Pobre! pobre é o démo da graça de Deus! Olhe não o mate a minha guerra ao seu... pobre Silvestre!

GUILHERME

(*Levantando-se.*) Ora vamos, Angelica; é preciso que nos entendamos por uma vez. A estima e consideração a que os seus annos e serviço lhe dão direito, não a authorisam a ser, ás vezes, inconveniente para com os meus criados; e muito menos quando esses criados, mostrando-se mais sollicitos do que a Angelica, me explicam... mal, talvez, mas com muito boa vontade, certos segredinhos, certos mysterios... de minha casa, que eu ignoraria sempre, se não fosse o zêlo...

ANGELICA

Do seu *espião*, diga meu senhor.

GUILHERME

(*Moderando um movimento de cólera, e pegando n'outra carta.*) Que linguagem é essa, Angelica! Espião?! Julga que eu desceria á indignidade de ter um espião no interior de minha casa? Com que fim? (*Olhando de revés.*) Porque motivo?

ANGELICA

(*Sêccamente.*) Para saber o que não existe, e para ignorar... o que devia saber.

GUILHERME

(*Largando a carta e levantando-se.*) Bravo! Isso agora é que se me torna mais indecifravel! Com que então...

ANGELICA

Olhe, snr. Guilherme, faça favor de não vir logo pela

manhã apoquentar-me com essas perguntas... tão *inconvenientes*, como os senhores costumam dizer.

GUILHERME

(*Sorrindo forçadamente.*) Cada vez melhor! Com que então já as minhas perguntas são inconveniencias para a Angelica? Aprender até morrer! Fico sabendo que a bondade e delicadeza com que se tracta uma criada antiga, dá-lhe o direito de ser... insolente para com seus amos. (*P. a* 1.)

ANGELICA [2]

(*Como fulminada.*) Insolente!? eu!?...

GUILHERME [1]

Se acha dura a qualificação...

ANGELICA [2]

Dura!? acho-a... injusta!! Injusta? não tem nome! O snr. Guilherme não me devia dizer similhante coisa!

GUILHERME

Pois para que me faz zangar? e, sobretudo, para que se obstina em guardar silencio sobre... isso que diz que eu ignoro e que devia saber? (*Com mais bondade.*) Ora, vamos, Angelica; tem muitas provas do que a estimo, tracto-a mais como uma parente de que como criada: para que persiste em me occultar... o que se passa em minha casa?

ANGELICA

(*Enxugando os olhos.*) Se o senhor me pedisse sempre assim, com esses bons modos...

GUILHERME

(*Sorrindo.*) Pois peço, bem vê. Vamos, diga lá.

ANGELICA

Mas, o que, meu senhor?...

GUILHERME

(*Impaciente.*) Qual é o motivo d'esta especie de repugnancia, de desintelligencia que tenho observado entre as meninas? A que poderei attribuir o ar taciturno e desabrido do snr. José de Barcellos? Porque será que o snr. tenente Albergaria vem tão amiudadas vezes a minha

casa fallar com elle e quasi sempre quando estou na praça? Finalmente, porque é que vivendo ha tantos annos em Loanda, só agora me pareceu notar certa repugnancia em todos d'esta casa quando se falla na proxima partida para Lisboa? Póde responder-me a estas perguntas, Angelica?

ANGELICA

(Tomando uma pitada.) Não é muito facil, meu senhor.

GUILHERME

(Carregando o sobr'olho.) O que? *(Comsigo.)* Ficarei ignorando ainda se esta gente sabe, ou desconfia...

ANGELICA

Pois se o meu senhor nada pôde saber ainda pelo seu *querido* Silvestre, pelo grande *espertalhão* do Silvestre, como quer que uma pobre tonta de sessenta e cinco annos perceba todas essas coisas... extraordinarias, é verdade, e que aquella grande cabeça não adivinhou?

GUILHERME

Está zombando commigo, Angelica?!

ANGELICA

Deus me defenda, snr. Guilherme! Nada lhe conto, porque em verdade nada sei ao certo: mas sempre lhe quero dizer que, se ha alguma coisa que não seja boa cá em casa é... Emfim, a culpa é toda sua. Se não despresasse os meus conselhos...

GUILHERME

Quaes conselhos?

ANGELICA

Quaes? ora essa! Aquelles que lhe dei quando o vi mettido (vai para cinco ou seis annos) n'essas historias de deputado ou o quer que é, que não entendo, mas que vi logo que lhe tomavam todo o tempo, e todas as suas sympathias!

GUILHERME

Mas o que tem isso com...

ANGELICA

Tem muito! tem tudo! Se o snr. Guilherme, em vez de andar sempre a scismar lá com essas taes camaras de Portugal, com as coisas que se escrevem em casa do snr. governador geral, e em trinta mil trapalhadas de partidos de politica; se em vez d'isto, tractasse mais dos seus negocios, se fosse como d'antes um negociante activo e trabalhador, em vez de um *pau de chaves* na mão do seu guarda-livros; se fosse pae de seus filhos, em vez *de pae da patria,* como lhe chamam em ar de chufa os taes periodicos de Lisboa...

GUILHERME

(Que tem olhado para dentro.) Está bom, cale-se! Ahi vem a menina.

ANGELICA

(Comsigo.) D'esta ainda eu escapei. *(Sóbe.)*

SCENA III

ANGELICA, GUILHERME E ROSALIA

ROSALIA [*E. A.* 2]

(Correndo a beijar Guilherme.) Bons dias, papá! Como passou a noite?

GUILHERME [1]

(Friamente.) Bem... perfeitamente.

ROSALIA [2]

(Admirada.) O que é isto papá?! Não me dá um beijo?

GUILHERME

(Beijando-a.) Ah! sim...

ANGELICA [3]

(Resmungando.) É que está, talvez, a scismar no démo das taes escripturações dos periodicos!

ROSALIA

O que diz, Angelica? É verdade: olhe que logo tem que ouvir a mana Emilia! Então aquillo é coisa que se faça, Angelica?! passar assim a noite sem se deitar, encostada n'aquella cadeira?...

ANGELICA

Tambem estarei agora prohibida de fazer o que me parecer, quando acabo o meu serviço? Já agora... sim, não me deixem ao menos a noite por minha.

ROSALIA

(Rindo.) Está cada vez mais rabugenta, papá! É preciso ralhar muito com ella!

GUILHERME

(Para Angelica.) Veja se o snr. Barcellos foi já para o escriptorio, e diga-lhe que venha fallar-me.

ANGELICA

Sim, meu senhor. *(Comsigo.)* Ha de estar lá provavelmente! Desconfio que é só quem ganha n'este jogo da cabra-cega. *(Sahe pela D. A.)*

SCENA IV

GUILHERME e ROSALIA

GUILHERME [1]

Não está fatigada, Rosalia?

ROSALIA [2]

Não, papá, porque?

GUILHERME

(Indo sentar-se no sophá á E. e pegando em um jornal inglez.) Dançou tanto...

ROSALIA

(Rindo.) Tanto!? Ainda foi pouco para o muito que amo a doidejante Terpsichore.

GUILHERME

(Sorrindo.) Acordou poetica, segundo vejo. Mas olhe que me parece que foi muito para quem tem a saude... tão debil.

ROSALIA

(Rindo.) Ai, que papá este, que nem siquer sabe que a minha saude é de ferro!

GUILHERME

Será, talvez; mas, a julgar pela de sua mana... Ah! é verdade: já lhe fallou? Está melhor? Não foi coisa de cuidado?

ROSALIA

Não, graças a Deus. O calor, o aroma das flôres, e sobre tudo, uma noticia desagradavel que lhe deram, segundo percebi...

GUILHERME

Uma noticia desa... Que noticia? O que foi?

ROSALIA

Não sei; a mana Emilia nunca me diz nada da sua vida. É uma ingrata! Sob o pretexto de que sou ainda creança... creança, eu! É incrivel, não é, papá? Creança com este corpo e... *(Com muita importancia)* e com este juizo! *(Senta-se.)*

GUILHERME

Mas... percebeste que lhe deram uma noticia desagradavel? Quem foi que lh'a deu, viste?

ROSALIA

Creio que o snr. Barcellos.

GUILHERME

O guarda-livros!...

ROSALIA

Não afianço; mas pareceu-me que lhe disse o quer que foi ao ouvido, que a impressionou a ponto de empallidecer e depois... o papá bem viu: coitadinha! Se não a amparassem, cahiria no chão. É que realmente tenho notado que a Emilia soffre muito desde certo tempo.

GUILHERME

(Sombrio.) Não se tracta?

ROSALIA

Isso tracta; mas o medico inglez que está aqui de passagem, e que tambem foi hontem ao baile do snr. governador, disse, que aquillo era tudo nervoso, e só lhe receitou os palliativos... *(Rindo)* da moda; olhe, papá, eu

supponho que a Emilia vive muito desgostosa com... digo, papá?

GUILHERME

Com que? dize!

ROSALIA

Com a vida mofina que o papá adoptou! E tem razão! Politica! Enfadonha coisa, papá!

GUILHERME

Tambem tu!

ROSALIA

Tambem eu! Tambem todos! Olhe, oiça: a mana Emilia diz que o papá já não lhe tem amizade, que não faz caso d'ella, que a tracta mal! O guarda-livros diz que deixa ir tudo ao *Deus dará*, termo muito seu favorito; que não quer saber da casa, que o seu credito commercial está um pouco abalado, depois que se metteu n'esses conluios de politica, e n'essas ambições de ser deputado. A Angelica diz que tudo isto acaba mal, e eu...

GUILHERME

(Sorrindo contrafeito.) E tu? é verdade; tu o que dizes?

ROSALIA

Digo que... *(Lançando-lhe os braços ao pescoço)* que todos teem razão; mas que, apesar d'isso, sou muito amiguinha do meu rico papá!

GUILHERME

(Beijando-a commovido.) E és tu a unica no mundo, estou certo!

ROSALIA

Não diga isso! Então a Emilia? Então o snr. governador? A Angelica? O snr. José de Barcellos?

GUILHERME

(Machinalmente.) Esse... se me podésse tirar a vida!...

ROSALIA

Credo, papá!

GUILHERME [2]

(Assustado.) O que? o que disse eu? Não faças caso,

filha! Não digas que me ouviste similhante desconchavo! *(Disfarçando um certo susto.)* Ora, aonde iria eu buscar uma idéa tão absurda!

ROSALIA [1]

(Sorrindo.) Que mal sabe disfarçar! Ha muito tempo que lhe noto esse ar assustado quando falla do snr. Barcellos. E olhe que quando penso n'isso, dá-me que scismar! Pois se não gosta d'elle, se o teme, como parece, porque o não despede?

GUILHERME [2]

Mas... se tudo isso é illusão tua. Ao contrario, estimo-o e reconheço-lhe qualidades muito superiores ás de um simples guarda-livros. Não fallemos mais em similhante coisa. Diz-me: tua mana já está mais conformada com a ida para Portugal?

ROSALIA

(Perturbada.) Não sei; pouco temos fallado a esse respeito.

GUILHERME

E perturbas-te para dizer isso!... *(Sorrindo contrafeito.)* Decididamente isto é a casa dos mysterios! *(Senta-se, depois de silencio.)* Olha cá, Rosalia: és capaz de me fallar com franqueza? De ser menos dissimulada do que essa menina... do que tua irmã?

ROSALIA

(Ainda perturbada.) É o meu dever: não sou eu sua filha?

GUILHERME

(Fazendo-a sentar-se junto de si.) Então... vamos lá: nada de rodeios inuteis para a perspicacia de um pae, e um pae que lhe tem o amor que eu lhe tenho.

ROSALIA

(Senta-se a 1.) Estou prompta a responder-lhe.

GUILHERME [2]

Qual de vocês duas tem relações de... de *namoro*, para melhor me entenderes, com esse official de marinha da guarnição da fragata?

ROSALIA

(Perturbada.) Quem? o snr. tenente Frederico?

GUILHERME

Sim, o snr. tenente Frederico d'Albergaria.

ROSALIA

(Cada vez peior.) Mas... não sei, papá; olhe eu cá não sou.

GUILHERME

Então é tua irmã?

ROSALIA

Mas...

GUILHERME

Vamos! Uma confissão sincera. Não és tu que o amas?

ROSALIA

Mas... se eu não sei papá... Valha-me Deus! Gosto d'elle... é rapaz espirituoso... mas a Emilinha... sim, quero dizer, essa é que eu creio que tem grande paixão por elle; por consequencia...

GUILHERME

Sacrificas-lhe tu a tua sympathia, bem; vejo agora claramente explicada essa frieza com que vocês se tractam...

ROSALIA

(Interrompendo-o.) Está enganado, meu papá! Olhe que eu não tracto mal a Emilia. Ella é que tem aquelles modos sêccos e melancholicos... emfim, acho-a tão extraordinaria nas suas idéas e maneiras de viver, que não me resta a mais pequena duvida de que o motor de tudo isto existe n'esta casa.

GUILHERME

E é...?

ROSALIA

O snr. Barcellos.

GUILHERME

(Estremecendo.) Ah!

ROSALIA

Falla-lhe com um imperio e insolencia... maiores

do que aquelles com que falla ao papá; muitas vezes o tenho ouvido...

GUILHERME

Pois que!... tens ouvido...

ROSALIA

Ainda antes de hontem, estava o papá com elle fechado no escriptorio; questionavam, e... (desculpe!) escutei, e ouvi distinctamente que o papá o estava tractando com esses seus bons modos, e elle... (mal-creado!) até lhe dirigia expressões bem ordinarias! Indignei-me! A minha vontade foi entrar e...

GUILHERME

(Levantando-se.) Está bom!... Faz muito mal em escutar ás portas! É um costume muito feio!

ROSALIA [2]

(Tremula.) Perdão, papá, mas... a amizade que lhe tenho... Aquelle insolente parecia até que lhe queria bater...

GUILHERME [1]

(No seu tom amoravel.) Não tornes mais, Rosalia; é indigno de uma menina ser assim curiosa. *(Pegando-lhe na mão, pousando-lh'a no braço e passeando com ella.)* Olha, filha: effectivamente ha na minha vida um grande mysterio, um laço terrivel que me une áquelle homem... Se eu podésse quebral-o!... Não posso! *(N'outro tom e depois de silencio.)* Prohibo-te que me interrogues, e, sobretudo, que procures escutar as nossas conversações; todavia authoriso-te... isto é, peço-te que tudo quanto fôres observando, e que tenha relação com elle... Por exemplo, disseste-me que tracta a menina Emi... tua irmã, com essa mesma insolencia, que tanto te desgosta. Ella é que t'o disse? Que te contou a esse respeito?

ROSALIA

Nada: eu é que tenho observado...

GUILHERME

(Duvidoso.) Pois tua irmã nada te diz?

ROSALIA

Absolutamente nada. Tenho-a debalde interrogado mais de cincoenta vezes.

GUILHERME

(Largando-lhe o braço.) Mentes!

ROSALIA

(Espantada.) Eu!? mentir eu, papá?! *(Chorando.)* Ora isto!... isto!...

GUILHERME

(Beijando-a.) Está bom! está bom! não te amofines! *(Como se fallasse comsigo.)* Decididamente é preciso pôr termo a esta posição.

ROSALIA

(Limpando os olhos.) Assim me parece, papá!

GUILHERME [2]

(Passeando.) Vamos para Portugal... todos!

ROSALIA [1]

(Atraz d'elle.) Vamos! Todos!

GUILHERME

Vêr-nos-hemos livres, por uma vez, d'aquelle homem!

ROSALIA

(Rindo.) Isso! e se elle quizer ir, deixal-o! No meio da viagem... deita-se ao mar!

GUILHERME [*P. a* 1.]

(Parando aterrado.) Cala-te!... *(Visivelmente horrorisado.)* Que lembrança!!...

ROSALIA [2]

Isto é a brincar, papá! Pois o papá havia de commetter similhante crime!

GUILHERME

(Comsigo.) Meu Deus! Castigas-me pela bocca de minha filha! *(Depois de silencio.)* Pois se te dá prazer... A ti dá que já t'o percebi; a tua irmã é que não, e já vejo o motivo. Se isso te dá prazer, dizia eu, saberás que vais alegrar-te muito. Para a semana partimos na *Diamantina*, que chegou hontem de Benguella.

ROSALIA

(Batendo as palmas.) Ai!... que fortuna!... que felicidade!... *(Depois de silencio e com certo acanhamento.)* Ó papá... a fragata *Diana* ainda se demora muito por cá?

GUILHERME

(Sorrindo.) Ah! vês?

ROSALIA

(Rapidamente.) Não é por mim, papá, acredite; é pela Emilia... gosta muito d'elle!

GUILHERME

(Desabrido alguma coisa.) Pois que case: quem lh'o prohibe?

ROSALIA

Aposto que é o snr. José de Barcellos...

GUILHERME

Outra vez!... *(Olhando para dentro.)* Cala-te!... Ella ahi vem.

SCENA V

OS MESMOS E EMILIA

EMILIA [*E. A.* 2]

(Comprimentando ligeiramente Guilherme.) Bons dias, meu pae. *(Beijando Rosalia.)* Adeus, Rosalia.

GUILHERME [3]

Está melhor?

EMILIA [1]

Estou boa, muito obrigada, meu pae. *(Dirige-se ao piano e colloca na estante uns papeis de musica que trazia na mão.)*

GUILHERME

(Para ella.) Olhe que definitivamente em cinco ou seis dias sahimos para Portugal.

EMILIA [1]

(Voltando-se um pouco.) Ah! *(Rosalia senta-se á D. a 2 no sophá.)*

GUILHERME [3]

Portanto, em vez de se entregar ao predilecto piano, será bom que tracte dos seus arranjos; não seja á ultima hora que vão para bordo as malas, ficando tudo mal acondicionado!

EMILIA [1]

Não ha de ficar; *(com certa ironia disfarçada)* com tanta antecedencia...

GUILHERME [3]

Acha pouco cinco ou seis dias?

EMILIA [1]

Não, meu pae, é bastante. *(Depois de silencio e com certa hesitação.)* O snr. Barcellos... tambem vai?

GUILHERME

Que tem a menina com isso?

EMILIA [1]

(Tremula.) Nada, meu pae, é... é uma simples pergunta de... de curiosidade.

GUILHERME

Em breve a verá satisfeita... quando embarcar.

ROSALIA

(Baixo para elle.) Porque a tracta assim com esses modos, papá?

GUILHERME

(O mesmo.) Aborrece-me aquelle ar de melancholia affectada!

EMILIA

Em que navio vamos, meu pae?

GUILHERME

Na *Diamantina.*

ROSALIA

Porque não vamos em algum dos seus?

GUILHERME

Porque o que tem melhores accommodações, o brigue *Neptuno,* está no Ambriz, e não volta senão para o fim do mez: e como quero estar em Lisboa, logo que se abram as camaras...

ROSALIA

É navio da praça, a *Diamantina?*

GUILHERME [*P. a* 1]

Não; pertence a um tal Saraiva, que é dono e capitão ao mesmo tempo. Uma formosa galera, que parece navio da marinha real! Foi construida em Damão, e não ha n'estes mares embarcação mais bonita e veleira. Por este lado pódes ficar descansada, que faremos uma excellente viagem.

EMILIA [2]

(Descendo.) Meu pae, visto que está decidido sahirmos de Loanda, quero justificar-me da minha pergunta... inconveniente, me parece, a respeito do snr. Barcellos. Desejo, porém, que meu pae me diga primeiro... (e peço desculpa d'esta nova pergunta) desejava saber se o seu guarda-livros lhe disse alguma coisa a... a meu respeito?

GUILHERME [1]

Absolutamente nada. E que me havia de dizer?

EMILIA

Seria, talvez... *(Depois de silencio.)* Vou fazer-lhe uma confidencia, meu pae.

GUILHERME

Uma confidencia?...

ROSALIA [3]

(Para ella.) Queres que me retire?

EMILIA

Não; é possivel que a tua opinião tambem possa fazer algum pêso na vontade de meu pae.

ROSALIA

(Comsigo.) Ora graças a Deus, que já não sou creança!

GUILHERME

Então que confidencias tens a fazer-me?

EMILIA

Uma... *(Sorrindo com certa amargura e ironia)* que de certo o vai surprehender. *(Depois de longo silencio.)* O snr. Barcellos annunciando ha tres dias a ida de meu pae para Portugal, como representante d'estas possessões, sol-

licitou a minha authorisação para lhe pedir... (*Com certa anciedade*) uma coisa incrivel!...

GUILHERME [1]

O que?

EMILIA [2]

(*Tremula.*) A minha mão.

GUILHERME

A sua mão!?...

ROSALIA

Casar comtigo!? E o tenen... (*Comsigo.*) Ai, que disparate que eu ia dizendo!

GUILHERME

(*Que ficou estupefacto.*) A sua mão!?...

EMILIA

Ha muito tempo que o snr. Barcellos me dá a entender isto; porém eu, não só por não sympathisar muito com o seu caracter, mas tambem por ignorar a vontade de meu pae, fiz sempre que não *percebia* aonde se dirigiam as suas palavras... enigmaticas. Hoje, porém, vejo-me na necessidade de lhe responder, por que me fallou claro, e positivo. (*Depois de silencio.*) Que deverei dizer-lhe, meu pae?

GUILHERME

Mas isto é... é um sacrilegio, meu Deus! (*Cahindo em si e contendo-se.*) Não sei... hei-de reflectir... hei-de...

EMILIA

Creio que não terá muito tempo para isso; o snr. Barcellos exigiu-me a resposta até hoje á tarde; e, como está costumado a ser *obedecido cegamente*...

GUILHERME

(*Com altivez.*) Obedecido!... por quem?

EMILIA

(*Sêccamente.*) Por todos.

GUILHERME

Menos por mim!

EMILIA

(*Sorrindo tristemente.*) Não o quero contradizer, meu pae.

*

GUILHERME [2]

(*Passeando agitado e depois de silencio parando defronte d'ella.*) Bem... (*Pausa.*) E que pensa a menina d'esse casamento?

EMILIA [1]

Que sacrifico de bom grado a minha felicidade, a minha juventude, e talvez, a minha vida, para cumprir os meus deveres de filha obediente.

GUILHERME

Mas eu não exigi nada...

EMILIA

Tem razão, a phrase não me sahiu tão sincera como devia: sacrifico-me de bom grado.... pelo descanso futuro de meu pae...

GUILHERME

Não percebo!...

EMILIA

Pela *sua salvação:* foi assim que se expressou o snr. Barcellos.

GUILHERME

(*Aterrado.*) Pois elle disse...

SCENA IV

OS MESMOS E JOSÉ DE BARCELLOS

BARCELLOS

(*Á porta D. A.*) Disse, e creio que sem mentira e sem offensa do snr. Travassos.

GUILHERME [3]

(*Muito perturbado.*) Mas não percebo... a idéa que...

BARCELLOS

(*Desce a 2.*) No entretanto é clarissima. O que eu disse a essa menina foi que, embora não participasse dos meus sentimentos, devia, como boa filha, ceder... *sacrificar-se* pela felicidade, e pela salvação do snr. Travassos. Vou explicar-me. O snr. Travassos vai para Portugal e

(Accentuando) provavelmente deixa-me na administração total de sua casa.

GUILHERME [4]

(*Perturbado.*) Bem sabe que hei-de realisar hoje a venda de mais de metade das minhas propriedades.

BARCELLOS [3]

(*Sempre com certo imperio e muita intenção.*) Ou realisará, ou não; e se lhe não convierem os preços? Ainda que effectue a venda de parte das suas propriedades, ficam-lhe algumas, das quaes não vale a pena desfazer-se, no estado em que se acha o mercado! É preciso esperar... tres ou quatro annos mais, para que algumas plantações novas cheguem ao estado de valer triplicado. N'estas circumstancias, lembrei-me de pedir a mão da exc.ma snr.a D. Emilia; ligar-nos-iam, snr. Travassos, mais apertadas cadeias; e o servidor fiel, redobraria de zêlo, se é possivel, administrando o patrimonio, que mais tarde deverá pertencer a sua esposa.

EMILIA [2]

(*Baixo para Rosalia.*) É o cynismo personalisado, Rosalia!

ROSALIA [1]

(*O mesmo.*) Até tenho medo d'elle, credo!

GUILHERME [4]

(*Que tem estado como petrificado.*) Mas... custa-me realmente a comprehender... (*Trazendo-o á bocca da scena e em tom muito baixo.*) O patrimonio d'essa rapariga... é uma herança de sangue!... de vingança!...

BARCELLOS [3]

(*No mesmo tom.*) Cale-se! isso não é para aqui!

GUILHERME

Mas...

BARCELLOS

Cale-se, já lhe disse! Gosto d'ella... Amo-a! (*Sóbe.*)

GUILHERME

(*Comsigo.*) Meu Deus! que inferno!

BARCELLOS

(*Encostado ao piano, alto.*) Nunca fallei n'isto, porque esperava que o tempo lhe suscitaria esta idéa: hoje, porém, que o vejo absolutamente resolvido a deixar a sua casa, atrevi-me a fazer esta proposta, que espero será bem acceite por... por todos (*Rindo*), deixem-me ter esta vaidade!

GUILHERME

Pois bem... preciso reflectir... vou para o escriptorio e depois...

BARCELLOS

Eu o acompanho, snr. Travassos; ajudal-o-hei a reflectir. Mesmo porque... não podemos fallar aqui com toda a franqueza; diante de senhoras...

GUILHERME [*P. a* 3.]

(*Perplexo e no auge de perturbação.*) Mas... se me dispensasse... Sinto-me alguma coisa incommodado...

BARCELLOS [4]

Perdão; quando se tracta do seu interesse, bem sabe que sou inexoravel. (*Caminhando e designando-lhe a sahida.*) Então?... faz favor de...

GUILHERME

Bem, eu vou.

EMILIA

(*Baixo e afflicta.*) Piedade, meu pae! É matar-me!...

BARCELLOS

Como? (*Para elle.*) Então, snr. Travassos?

GUILHERME

Cá vou... (*Comsigo, fugindo com a mão que Emilia lhe quer tomar.*) Pobre menina! (*Sahem.*)

SCENA VII

EMILIA E ROSALIA

ROSALIA [1]

(*Rosalia que tem estado espantada.*) Decididamente eu um dia... Não vês como elle tracta o papá?! (*Vendo que ella não responde, e que occulta o rosto com as mãos,*

vai desviar-lh'as e vê-a chorando.) Nunca te vi chorar Emilia!...

EMILIA [2]

(*Como se fallasse comsigo.*) Não tem explicação esta fatalidade que me persegue constantemente! Faltava-me só isto!...

ROSALIA

Mas o papá não consentirá de certo... Aquelle homem é tão grosseiro... Parece-me um malvado!

EMILIA

(*Machinalmente.*) Quem sabe qual d'elles o é!

ROSALIA [2]

(*Espantada.*) O que?! O que dizes?!...

EMILIA

(*Passeando agitada.*) Nada!

ROSALIA

(*Atraz d'ella, e fazendo-a por fim parar e com muita meiguice.*) Vem cá, Emilinha!... Para que ha-des ser tão má para commigo?... Porque não me revelas os teus pensamentos?... as idéas que fórmas sobre o que se está passando?

EMILIA

Porque não te quero fazer tão desgraçada, como... como eu adivinho que o sou!...

ROSALIA

Explica-te!

EMILIA [2]

(*Passeando.*) Não posso; és uma creança.

ROSALIA [1]

Outra vez! (*Agarrando-a e fazendo-lhe festa na face.*) Não sou!... ou... sim, sou... deixal-o! Mas sou uma creança muito tua amiga, Emilinha! Anda; dize-me lá o que devemos fazer... o que te parece tudo isto?

EMILIA

Parece-me... que nada te posso dizer... que não devo...

ROSALIA

(*Largando-a.*) Percebo. Como não sou desgraçada,

porque não estou em risco de casar com aquelle homem, queres dar-me metade da tua desgraça, vendo-te soffrer sem te poder consolar!... (*Chorando.*) És tão má como elle!... Talvez te rias, porque vês chorar a creança!...

EMILIA

(*Beijando-a.*) Não rio, não! Que queres, estou tão habituada a soffrer, que nem procuro desabafar com aquelles que ainda me teem amor! Olha, Rosalia, sabes o que eu suspeito, é que n'esta casa ha um grande crime! Só o crime poderia *unir* assim dois homens de caracteres tão differentes. Não vês a arrogancia com que aquelle Barcellos tracta nosso pae? Não vês a condescendencia com que este satisfaz todos os seus caprichos? Que significa isto senão uma grande dependencia reciproca? Que significará ainda mais esta repugnancia, este desamor, este... quasi odio que ambos me inspiram!...

ROSALIA

Odio?! Tu odeias o pae, Emilia?!...

EMILIA

(*Depois de silencio.*) Odeio, sim! odeio, tanto ou mais do que o outro!

ROSALIA

(*Com seriedade.*) Tinhas razão, Emilia: sou creança, mas... não quero, prohibo-te que me faças similhantes confidencias!

EMILIA

Se tu soubesses...

ROSALIA

Não quero saber! Entre minha irmã, e meu pae, não posso vacillar: prefiro julgar-te má, sendo talvez boa, do que manchar a minha consciencia com a mais pequena desconfiança d'aquelle que é para mim, cá na terra, a imagem de Deus lá nò céu.

EMILIA

(*Depois de silencio.*) Tens razão; perdoa... allucina-me a desgraça que vejo suspensa sobre a cabeça!

ROSALIA

Em quanto ao casamento, sabes o que eu fazia se fosse commigo?

EMILIA

O que?

ROSALIA

Dizia—não quero! não quero, e não quero!

EMILIA

E as consequencias?

ROSALIA

Fossem quaes fossem! Eu sempre quero vêr se me haviam de amarrar uma corda ao pescoço para me levarem á igreja! Não que se o snr. Barcellos m'o quizesse fazer, como fez no outro dia a um pobre negrinho, eu mordia-lhe até que me largasse! Olá, se mordia! Olha?... (*Gesto de morder mostrando-lhe os dentes.*)

SCENA VIII

AS MESMAS E ANGELICA

ANGELICA [*F.*]

(*Com dois bilhetes de visita na mão.*) Que é do senhor?

ROSALIA [1]

Está no escriptorio. Porque? que lhe quer, Angelica? (*Sóbe.*)

ANGELICA [2]

Queria dizer-lhe que estão alli fóra estes dois officiaes da fragata, que lhe desejam fallar.

ROSALIA

(*Tirando-lhe os bilhetes.*) Deixe vêr! deixe vêr! (*Lendo*) Bento Rosado.

ANGELICA

E bem rosado que elle é, *o maricas!*

ROSALIA

(*Lendo o outro bilhete.*) Frederico de Albergaria... (*Com surpreza.*) Ah!...

EMILIA [3]

(*Aproximando-se rapidamente.*) Quem é?

ROSALIA

(*Sorrindo com malicia e repetindo.*) O snr. tenente Frederico d'Albergaria.

EMILIA

Mande entrar, Angelica.

ANGELICA

Mas... sem os conhecerem...

ROSALIA

Se conhecemos!... Dançamos hontem com elles em casa do snr. governador...

ANGELICA

(*Resmungando.*) Tambem é sempre como se toma conhecimento com aquelles *bonifrates!...*

EMILIA

O papá deve demorar-se, talvez... Mande entrar, não ouviu Angelica?

ANGELICA

Cá vou, cá vou. (*Comsigo.*) Pelo sim, pelo não, vou espreital-os. Isto de farda...

ROSALIA

(*Impaciente.*) Mexa-se, Angelica!... (*Empurrando-a brandamente.*)

ANGELICA

Que pressa! deixe estar que não fogem! (*Sahe.*)

SCENA IX

ROSALIA E EMILIA

ROSALIA [1]

Valha-nos ao menos esta distracção. (*Sorrindo com malicia.*) Como já mudaste de physionomia, Emilia!

EMILIA

(*Alegre.*) Deus é tão bom, que depois de algumas ho-

ras de soffrimento, sempre nos dá um instante de felicidade!

ROSALIA

(*Accentuando.*) Ah! de *felicidade?*

EMILIA

(*Sobresaltada.*) Cala-te! É digno d'este amor!

ROSALIA

(*Comsigo.*) Adeus meus sonhos de dragonas de oiro!

SCENA X

AS MESMAS, ANGELICA, FREDERICO E ROSADO

ANGELICA

(*Precedendo-os.*) Façam favor de entrar: o senhor está no seu escriptorio, mas já o mando prevenir.

(*N. B. Vem ambos com os seus uniformes de tenentes da armada real; Rosado, 1.º, Frederico, 2.º*)

FREDERICO

(*Cumprimentando.*) Minhas senhoras...

ROSADO

(*Mais ao F. para Angelica.*) *N. B. Este personagem, além de um apuro afeminado no seu uniforme, penteado, e barba, falla com grande descanso, e com uma voz essencialmente mulheril.*) Não incommode o snr. Travassos; em tão agradavel companhia póde-se esperar... um seculo!

ANGELICA

(*Comsigo.*) Ai, que voz tão *dengosa!* Ora esta! (*Sahe por um instante e torna a entrar.*)

ROSADO [3]

(*Descendo.*) Minhas senhoras...

AS DUAS

(*Cumprimentando.*) Snr. tenente...

FREDERICO [2]

Pedimos desculpa de vir, talvez, incommodal-as, minhas senhoras, mas a necessidade de fallar ao snr. Gui-

lherme Travassos, e o grande cuidado em que nos deixou aquella indisposição da snr.ª D. Emilia...

ROSADO [3]

Está já restabelecida, minha senhora?

EMILIA [4]

(*Sorrindo.*) Não foi nada, um desmaio passageiro: mas se a elle devo a sua agradavel visita, desejava que se repetisse.

FREDERICO

Oh! minha senhora!...

ROSADO [2]

(*Comsigo.*) Toma!... (*Alto, reparando melhor em Rosalia.*) Ah!... perdão! A minha infatigavel walsista!... E eu que não tinha a honra de conhecel-a como filha do snr. Travassos!... (*Com simplicidade.*) Passou bem, minha senhora?

ROSALIA [1]

(*Perdida de riso.*) Bem... perfeitamente; saudosa do baile e dos meus pares.

ROSADO

(*Baixo para Frederico.*) Parece-me que ella... morre por mim!

FREDERICO

(*Em quanto vai buscar uma cadeira.*) Já tu começas meu presumpçoso? (*Chega a cadeira para proximo de Emilia, que se sentou n'um sophá. Alto para Emilia.*) O que vejo minha senhora, é que a reacção foi completa; a sua formosura duplicou!

EMILIA [4]

(*Sorrindo.*) E a sua lisonja chegou ás proporções da... exaggeração!... (*Baixo em quanto Rosalia conversa com Rosado.*) Recebeu a minha carta?

FREDERICO

A prova, é que estou aqui. Que dôr, minha senhora!

EMILIA

(*Baixo.*) Resigne-se! Coragem e... esperança! (*Continuam fallando baixo.*)

ROSADO

(*Continuando alto a sua conversação com Rosalia.*) Não, minha senhora; não estou tão desacostumado como parece. Muitas vezes a bordo, damos os nossos bailes... sem o principal ornamento, as damas, já se vê; mas isso não impede, que evitemos ao menos, o perigo de se nos ossificarem as articulações.

ROSALIA [1]

Que vida tão monótona deve ser a sua, snr. tenente, sempre as mesmas relações de amizade, sempre os mesmos costumes!... Que aborrecimento!...

ROSADO [2]

Creio que v. exc.ª vai experimentar tudo isso; porque se não me engano, tencionam partir brevemente para Portugal?

ROSALIA

É verdade; espero cedo encontral-o em Lisboa.

ROSADO

Isso está dependente de... (*Continúa mais baixo.*)

ANGELICA

(*Que entrou, parando ao F. e comsigo, observando Emilia e Frederico que fallam baixo.*) Viva!... Olhem como já travaram relações depressa! E fallam em segredo!... Bonito!... Esperem lá que eu já lhes digo!... (*Tossindo alto e expressamente.*) *An!... an!...*

ROSADO

(*Voltando-se para Rosalia.*) Esta velhinha é sua criada?

ANGELICA [3]

(*Comsigo.*) Velhinha!?... Ora o *macaquinho de cheiro!*

ROSALIA

É mais do que criada, é uma affectuosa amiga, uma segunda mãe, quasi. Estimamol-a como se o fôra.

ROSADO

Ah! perdão; eu não sabia... (*Levantando-se e cumprimentando-a com a mesma simplicidade.*) Passou bem, minha senhora?...

ANGELICA

(*Sêccamente.*) Viva! (*Comsigo.*) Parece-me piegas! (*Occupa-se em arrumar a musica sobre o piano.*)

EMILIA

(*Para Frederico, baixo.*) O verdadeiro motivo... (para que hei-de occultar-lh'o?) não foi o calor, não foi o cansaço, não foi o aroma das flôres, foi a certeza que me deu o guarda-livros de meu pae, de que iamos definitivamente sahir d'esta terra. Quem sabe se nos tornaremos a vêr.

FREDERICO

Que idéa! Eu creio, até, que a fragata sahe muito breve para Lisboa. (*Alto.*) Ó tenente, não ouviu dizer quando sahe o navio?

ROSADO

Disse-me o immediato que por todo este mez... (*Comsigo.*) Ora para que viria elle interromper-me! (*Alto para Rosalia.*) Sim, minha senhora, como ia dizendo, toquei rebeca nos meus tempos de... de mais rapaz. Hoje, não; porém tenho ainda tal amor á musica, que... (*Levanta-se*) obriga-me a ser talvez inconveniente, pedindo-lhe... (*Designa-lhe o piano.*)

ROSALIA

(*Rindo.*) Pois não; vou tocar-lhe a nossa walsa de hontem... aquella que v. s.ª classificava de... aeria, parece-me que foi? (*Levanta-se.*)

ROSADO

(*Indo abrir o piano.*) Vaporosa! Sublime!... Hoje, porém, faltar-me-ha o verdadeiro ideal, que é v. exc.ª walsando!

ANGELICA

(*Comsigo.*) Está feito!... Para um homem do mar...

ROSADO

(*Empurrando-a brandamente para abrir o piano, arredando os papeis que ella tem estado a pôr por ordem, e lançando alguns no chão.*) *Safa!... safa!* Cabos, minha querida velhinha.

ANGELICA

(*Arredando-se e dizendo comsigo.*) Lá vem a má creação!

ROSALIA

(*Sentando-se ao piano.*) Quer então a nossa walsa, snr. tenente?

ROSADO

Que prazer que me vai dar essa doce recordação, minha senhora!

ROSALIA

(*Rindo.*) Não estar aqui o snr. governador para lh'o agradecer! (*Depois de pequeno preludio executa a walsa.*)

FREDERICO

(*Para Emilia, sentados á bôca da scena.*) Ainda que a fragata se demore, ou vá crusar, tenho meios de seguir para Portugal no primeiro navio que me apparecer. Por este lado não sinto a mais pequena inquietação. O que me atormenta é a idéa permanente de uma recusa de seu pae. Elle, tão rico; eu apenas com as minhas dragonas... Quem sabe os designios que terá a seu respeito.

EMILIA

Sejam quaes forem, desde que ha dois mezes lhe protestei que não seria esposa de outro homem, desde que para o convencer, Frederico, invoquei o nome de minha mãe, de que apenas me lembro como um sonho de felicidade; desde que lh'o jurei na igreja sobre esta cruz, que pertence áquella sancta (*Mostrando uma pequena cruz de oiro que trazia ao pescoço*), desde que isto fiz, devia comprehender logo, que nada tinha a receiar da sinceridade do meu affecto. Oxalá que igual certeza eu tivesse!

EREDERICO

Não lhe faço juramentos, minha senhora, porque o homem do mar não precisa d'elles para ser acreditado. A franqueza, a lealdade, e a boa fé, são, com raras excepções, as qualidades que nos distinguem. Disse-lhe, minha senhora, que a amava. Logo que chegue ao reino, espero ser promovido; pedil-a-hei então a seu pae, e oxalá...

ROSALIA

(*Que parou de tocar.*) Tem paciencia, Emilinha! (*Rindo muito.*) O snr. tenente Rosado mostra-me tão vehementes desejos de dançar uma polka!... É nosso hospede, quasi que temos restricta obrigação de satisfazer todos os seus desejos!...

ROSADO

(*Radiante.*) Oh! era o cumulo da felicidade!

EMILIA

Queres então...

ROSADO

(*Calçando apressadamente uma das luvas que tinha já tirado.*) Que toque uma polka... Seria o suprasumo da bondade!...

EMILIA

(*Sorrindo.*) Com o maior prazer! (*Vai sentar-se ao piano.*)

FREDERICO [1]

(*Passando junto d'elle e a meia voz.*) Sempre estás um estupido!...

ROSADO [2]

(*Voltando-se.*) Hein? É estupidez dançar?

FREDERICO

(*Baixo.*) Deus permitta que quebres uma perna, meu *baleote* enjoado!

ROSADO

(*Estupefacto.*) Eu sabia lá que ainda tinhas que lhe dizer!...

ROSALIA [3]

(*Rindo e com impaciencia pueril.*) Então, snr. Rosado?... Olhe que eu tambem morro por dançar!...

ROSADO

Morre por dançar!... (*Baixo para Frederico.*) Repara como ella diz aquillo...

ANGELICA [1]

(*Que tem ido ao F. e voltado; comsigo.*) Ah! nós agora temos dança!...

EMILIA

(*Tocando uma polka.*) Que diriam em Lisboa, se vissem estes nossos costumes, esta nossa liberdade e franqueza?...

ROSALIA

(*Collocando o braço sobre o hombro de Rosado.*) Diriam... que temos todos muito bom gosto! Vamos, snr. Rosado.

SCENA XI

OS MESMOS, CARLOS SARAIVA E SILVESTRE

CARLOS

(*Ao F. para Silvestre.*) Não se demore, que o tempo não me sobra. Diga-lhe que é o capitão Carlos Saraiva.

SILVESTRE

O snr. capitão...?

CARLOS

Carlos Saraiva... Se não me conhecer o nome, diga-lhe que o procura o capitão *Mata-Negros.* (*Silvestre sahe.*)

ROSALIA

(*Parando.*) O capitão Mata-Negros!?... Credo! que nome!

ROSADO

(*Para Rosalia.*) Faz favor de continuar, minha senhora; se mata-negros, provavelmente não fará mal aos brancos. (*Obriga-a a dançar.*)

CARLOS

(*Descendo.*) Perdão, vejo que fui inconveniente... (*Suspende-se, vendo que lhe não respondem. Emilia, tocando, está muito entretida conversando ao mesmo tempo com Frederico. Rosado e Rosalia dançam desesperadamente; e Angelica ao F. contempla Carlos com certo horror.*)

ANGELICA

(*Comsigo.*) Mata-Negros!! Deve ser um malvado o demonio do homem!...

CARLOS

(*Reparando na distracção de todos.*) Ah! sim?... Á vista d'esta recepção, cumpre-me annunciar-me d'outra fórma. (*Rapido para Angelica querendo tomar-lhe a mão e a cintura.*) Minha senhora, tenho a honra de lhe pedir...

ANGELICA

(*Recuando espantada.*) Credo! O senhor é doido!?...

CARLOS

(*Insistindo.*) Por dançar, de certo! (*Fazendo-a dar uma volta.*) Perfeitamente, minha senhora!...

ANGELICA

(*Conseguindo vêr-se livre d'elle.*) Deixe-me, senhor!... Que vergonha!... Eu a dançar!... (*Comsigo e fugindo apressadamente.*) Tem o quer que é de medonho, o excommungado!...

CARLOS

(*Avançando para ella.*) Então... causo-lhe medo, minha senhora?

ANGELICA

(*Comsigo.*) Parece que até cheira a sangue! Mata-Negros!... Eu te *arrenego* malvado! (*Sahe horrorisada.*)

ROSALIA [4]

(*Parando, e rindo ás gargalhadas.*) Ah! ah! ah!... (*Baixo para Rosado.*) Quem é este original?

FREDERICO

(*Voltando-se para elle.*) Carlos!!... Tu aqui?...

N. B. Emilia deixou de tocar, e desce com Frederico.

CARLOS [3]

Peço desculpa, minhas senhoras, de interromper o seu baile; não sei se estaria no meu direito de tomar parte n'elle... Fosse como fosse, quem anda seis mezes sobre o mar, deve estar saudoso de tão recreativo exercicio. Sirva-me isto de desculpa perante esta pequena, mas escolhidissima sociedade. (*Para Frederico.*) Agora, já que a tua memoria é tão feliz a ponto de me reconheceres no fim de sete annos, rogo-te o favor de me apresentar a estas senhoras.

FREDERICO [2]

É justissimo. Minhas senhoras, tenho a honra de lhes apresentar o meu amigo Carlos Saraiva, capitão da marinha mercante, grande práctico de toda a costa d'Africa, (*Rindo com certa ironia*) *muito conhecido dos negros* do Ambriz e mesmo dos de Madagascar; o que não impede ser um excellente rapaz, e muito apresentavel, como vêem.

CARLOS

(*Cumprimentando-as.*) Minhas senhoras... Accrescenta, visto que tens a ventura de privar com estas senhoras, que fui teu camarada na academia de marinha, que nos separamos por vicissitudes da vida... domestica, e que sempre fomos dois verdadeiros amigos. Em quanto a estas senhoras... creio que tenho a honra de fallar ás filhas do snr. Guilherme Travassos?

FREDERICO

(*Com respeitosa amabilidade.*) Não te enganas: a snr.ª D. Emilia, e a snr.ª D. Rosalia.

CARLOS

(*Cumprimentando de novo.*) Já tenho ouvido pronunciar esses dois nomes, respeitados, queridos, abençoados por todos os pobres de Loanda!

ROSALIA [*P. a* 1]

(*Que tem estado a observal-o com certa admiração e com curiosidade pueril.*) Desculpe, snr... Carlos Saraiva, parece-me que é o seu nome?

CARLOS

Sim, minha senhora.

ROSALIA

Porque é que, com essas maneiras distinctas e delicadas, lhe chamam... (que nome, credo!) o capitão Mata-Negros?

CARLOS

(*Rindo.*) É difficil a resposta minha senhora...

EMILIA [1]

(*Envergonhada.*) Que inconveniencia, Rosalia!...

ROSALIA [4]

(*Singelamente.*) Este senhor apresentou-se com uma franqueza tal... interrompeu-me a minha polka; portanto, authorisou-me a exigir-lhe que me satisfaça esta curiosidade tão natural... (*Scismando*) capitão *Mata-Negros!...*

ROSADO

(*Descendo e visivelmente indisposto contra Carlos.*) Não se admire, minha senhora. É costume muito antigo, entre os *mercantões*, pôr alcunhas aos seus *capitães*... Se fosse commigo...

CARLOS [3]

(*Rindo.*) A subordinação dos seus, snr. tenente Rosado, não chega a ponto de o exceptuarem. Sabe muito bem que é uma victima d'esse costume, que por fim a ninguem faz mal.

ROSALIA

(*Com curiosidade para Rosado.*) O que? Pois tambem lhe pozeram alcunha?

ROSADO [5]

Pozeram, sim, minha senhora.

ROSALIA

Como é, como é?

ROSADO

Supponho que em razão de algum... apuro (deixe-me assim dizer) nos meus uniformes, e na minha maneira de viver, aquelles tratantes, que são todos uns enxovalhados, chamaram-me... oh! tomára eu ouvil-o a algum!

ROSALIA

Chamaram-lhe... então?...

ROSADO

Chamaram-me... (*Com certa ironia para Carlos.*) O snr. capitão que promoveu estas perguntas com o seu pomposo titulo de *Mata-Negros*, que tenha a bondade, se sabe, de repetir a minha singular antonomasia.

CARLOS

Se v. s.ª m'o permitte...

ROSADO

(*Séccamente.*) Ai, diga; pois não.

CARLOS

É conhecido por... *o tenente menina.*

ROSALIA

(*Rindo muito.*) *O tenente menina!...* ah! ah! ah!

ROSADO

(*Comsigo.*) Que ridiculo! Deixa estar que m'o vais pagar! (*Alto e rindo forçadamente.*) Que lembrança que aquelles marotos tiveram!... É originalissima, não acham?

ROSALIA

(*Rindo muito.*) Seria por ter a voz tão fina, e tantas rendas na camisa?

EMILIA

(*Em tom de branda reprehensão.*) Rosalia!...

ROSADO

Ai, deixe-a minha senhora, tem razão para se rir. Ao menos é a vantagem do meu cognome sobre o d'aquelle senhor. O meu diverte, o d'elle... horrorisa!

ROSALIA

(*Meia séria.*) Na verdade... *Mata-Negros!...* Com aquelles modos tão delicados, e de bondade!... Com franqueza, snr. capitão, já matou alguns pretos?

CARLOS

Se v. exc.ª tivesse a bondade de dirigir essa pergunta ao snr. tenente... (*Designando-lhe Rosado.*) Talvez, se a memoria lhe não falhar... possa esclarecel-a sobre esse assumpto.

ROSADO

O que quer dizer?

CARLOS

Lembre-se do nosso primeiro encontro.

ROSADO

Quando? Creio que é a primeira vez que tenho a honra de o vêr?

CARLOS

Pois eu creio que é a segunda, meu caro snr. te-

nente... Rosado; assim como creio que foi aquelle o episodio mais notavel da sua vida de marinheiro. Nós cá, os *mercantões*, contamos mais alguns similhantes.

ROSADO

(Admirado.) Tenha a bondade de se explicar. *(P. a 4.)*

CARLOS

Ha doze para treze annos, navegava eu além do Cabo, como primeiro piloto, de uma formosa galera que ia carregar a certas costas, um pouco inhospitas. A carregação era alguma coisa perigosa, porque andavam n'este tempo tres curiosissimos navios inglezes, fazendo visitas ás embarcações de menos lote, que encontravam pela costa.

ROSADO

Quer dizer—o seu navio carregava negros?

CARLOS

(Rindo.) Não sei se era esse o trafico do capitão; eu, como piloto, nada tinha com isso; nunca me occupei em ir visitar os *bailéos* do porão, nem nunca indaguei se me arriscaria a deitarem-me em terra na primeira paragem. *(Rindo muito.)* Depois é que o vim a saber de cór e salteado. Como ia dizendo, navegavamos n'aquelles mares, quando nos assaltou um furioso tufão, muito vulgar n'essas paragens. Arribamos, meio desmastreados a uma ponta de terra que nos appareceu a *sotavento;* largamos ferro, e já lá achamos fundeado um brigue de guerra, que nos saudou com um tiro de artilheria, içando ao mesmo tempo no penol da sua carangueja, a querida bandeira das quinas! A nossa alegria reciproca foi extrema! Compatriotas n'aquellas paragens, como depois soubemos, só se encontram por um successo terrivel como aquelle era. Lancei ao mar a minha lancha, atraquei ao brigue, mas a tripulação, com as lagrimas nos olhos, disse-me que o seu commandante com parte dos officiaes e marinheiros, tinham ido a terra para refazer-se de alguns mantimentos, se é que os houvesse, porque havia vinte e dois dias que andavam perdidos, e seis que nada se comia a bordo. Deram-me um oculo excellente, e pediram-me que olhasse

para a terra! Olhei, e vi... um espectaculo... pittoresco, na verdade! Eram Ave-Marias; os escaleres em que tinham ido ardiam na praia, e á claridade d'aquella luz, vi distinctamente os tripulantes do brigue em grupos de tres e quatro, amarrados a estacas: á roda executavam uma dança capripede trezentos ou quatrocentos individuos, que depois soube serem os selvagens mocoannos, de que já tinha ouvido fallar...

ROSALIA

Que qualidade de homens são?

ROSADO

(Com simplicidade.) São homens que teem o detestavel gosto de comer carne humana.

ROSALIA

(Para Carlos.) Meu Deus!... E o senhor viu-os?

CARLOS

Já os tinha visto muitas vezes.

ROSADO

E depois?

CARLOS

Depois... tornei para a minha galera: arriei os escaleres dos turcos, metti dentro munições de guerra, fiz embarcar quanto folego vivo tinha a bordo, recommendei-lhe silencio, e remamos para a terra. Levavamos machados, espadas e pistolas. A distancia ainda, cravamos no fundo os croques dos nossos escaleres; amarramol-os, e com as espadas e machados nos cintos, e as pistolas nos dentes, lançamo-nos a nado. Chegamos... já era tempo! A dança tinha acabado, a especie de invocação á sua divindade estava feita; iam principiar o banquete! Desamarraram o primeiro... Foi justamente o snr. tenente, então guarda-marinha...

ROSADO

Sim, senhor... É espantosa essa reminiscencia!

CARLOS

(Sorrindo.) O caso era para ficar em memoria. Cahimos sobre aquelles *devastadores* dos snrs. officiaes da ar-

mada real, nós os *mercantões*, e obrigamos a fugir... os que não ficaram mortos alli.

ROSADO

(Maravilhado.) Então... o senhor foi testimunha ocular...

CARLOS

Do seu valor, snr. tenente, quando se viu solto e com um machado que lhe ministrei. Porque é preciso que saibam, minhas senhoras (debaixo da minha palavra de honra) que, apesar de... de tudo, e de lhe chamarem o *tenente menina*, s. s.ª é um dos officiaes de marinha mais valente, que eu tenho visto.

ROSADO

(Sorrindo.) Oh! senhor...

FREDERICO [2]

(Para as senhoras.) Effectivamente, é proverbial entre nós a coragem e energia do meu camarada!

ROSADO

(Brincando com os canotilhos das dragonas.) Sou... o que são todos os officiaes da armada real portugueza.

CARLOS

(Sorrindo.) E... e os mercantões?

ROSADO [4]

(Estendendo-lhe a mão.) Ha-os como o snr. capitão *Mata-Negros!*

CARLOS

(Apertando-lh'a.) Obrigado, snr. *tenente menina*...

ROSADO

Mas... em conclusão, o senhor era...

CARLOS

O piloto a bordo da galera *Phenix*.

ROSADO

(Lembrando-se de repente.) É isso!... Chamavam-lhe então... *o piloto diabo!*

CARLOS

Ora graças a Deus! *(Com galanteria.)* Já vêem, minhas senhoras, que nem sempre fui o capitão *Mata-Ne-*

gros; e devem convir em que a substituição, é pelo menos mais agradavel ao ouvido.

SCENA XII

OS MESMOS, GUILHERME E BARCELLOS

(N. B. Guilherme vestido para sahir, parece cada vez mais preoccupado e temeroso.)

GUILHERME [1]

(Cumprimentando-os.) Meus senhores... *(Todos cumprimentam; Barcellos conserva-se ao F.)*

CARLOS

Estou ás suas ordens, snr. Travassos.

GUILHERME

É o snr. capitão da *Diamantina?*

CARLOS [2]

Um seu criado.

GUILHERME [1]

(Designando-lhe uma cadeira.) Tenha a bondade, que eu já lhe dou attenção. *(Para os dois officiaes.)* Em que posso ser-lhes util, meus senhores?

(N. B. Carlos conversa com as duas senhoras. Barcellos, ao F., observa-os attentamente: Emilia não desvia a attenção de seu pae e dos dois officiaes.)

ROSADO

A bondade e delicadeza com que v. s.ª se digna tractar-me, e os obsequiosos offerecimentos que me tem feito, authorisam-me a esperar de v. s.ª um favor. Sei que parte para Lisboa proximamente, e desejava remetter á minha familia uma pequena porção de dinheiro, por via segura.

GUILHERME

Estou ao seu dispôr, e, com quanto me seja sempre alguma coisa desagradavel encarregar-me de dinheiros que me não pertençam, comtudo...

ROSADO

Ah! n'esse caso não insistirei...

GUILHERME [1]

Não, senhor; v. s.ª está n'uma posição tão excepcional para commigo, que de fórma alguma me contraria o seu pedido. (*Sentando-se á mesa e preparando-se para escrever.*) Deverei passar recibo de...

ROSADO

Oh! senhor, pelo amor de Deus! Não peço recibo. (*Tirando da carteira uma carta, e da algibeira dois rôlos de quarenta peças.*) Aqui estão seiscentos mil reis, oitenta peças, fructo das minhas economias, que v. s.ª terá a bondade de mandar entregar á pessoa para quem vai sobrescriptada esta carta.

GUILHERME

(*Escrevendo rapidamente.*) Ha viver e morrer, meu caro senhor; rogo-lhe o obsequio de acceitar este recibo, condição essencial para eu me encarregar do seu dinheiro.

ROSADO

Visto que assim o quer... (*Dando-lhe o dinheiro e tomando o recibo.*) Advertindo que me repugna immensamente acceitar similhante documento! (*Guarda-o na carteira.*)

GUILHERME

Agradeço a sua confiança; mas creio que assim ficamos muito melhor. (*Para Frederico.*) V. s.ª tem tambem alguma ordem a dar-me?

EREDERICO [3]

(*Perturbado.*) Tenho... a recebel-as, snr. Travassos. Acompanhando aqui o meu camarada, só tive em vista dirigir a v. s.ª as minhas respeitosas despedidas, e pedir-lhe as suas ordens durante a minha estada em Loanda.

GUILHERME [2]

Agradeço a delicadeza, e espero que cedo nos encontraremos em Lisboa. Segundo me disse o seu commandante, a fragata deve sahir com a maior brevidade.

FREDERICO

(*Machinalmente.*) Deus o permitta, snr. Travassos! (*Lançando um olhar rapido para Emilia.*)

GMILHERME

Peço desculpa de lhes não dar a attenção que merecem, mas tenho tanto que fazer!... Devo sahir dentro de cinco ou seis dias...

ROSADO [1]

Nós retiramo-nos, snr. Travassos. Reitero os meus agradecimentos, e de novo lhe peço as suas ordens. (*Todos se levantam.*)

GUILHERME

(*Despedindo-se.*) Sempre prompto para executar as suas. (*Cumprimentam-se todos reciprocamente e dirigem-se para o F.*)

FREDERICO

(*Baixo a Emilia.*) Esta noite...?

EMILIA

(*No mesmo tom.*) Á meia noite, debaixo da janella do jardim.

ROSADO [2]

(*Que ia a sahir, parando defronte de Barcellos.*) Ora esta! Que similhança!... O seu nome é...

BARCELLOS [1]

(*Fingindo admiração.*) José de Barcellos, um criado seu.

ROSADO [2]

Ia jurar... V. s.ª é irmão, ou parente... de um tal Antonio Duarte, que vivia ha perto de vinte annos em Moçambique?

BARCELLOS

(*Socegadamente.*) Não, senhor; nem nunca ahi estive.

ROSADO

É d'uma similhança espantosa! (*Sahe depois de novos cumprimentos, e sempre olhando desconfiado para Barcellos.*)

SCENA XIII

EMILIA, ROSALIA, GUILHERME, BARCELLOS E CARLOS

GUILHERME [1]

(*Para Carlos.*) Agora nós. Está definitivamente resolvido a fretar-me o seu navio?

CARLOS [2]

(*Vai para elle.*) Creio que já tive a honra de lh'o afiançar. Ha porém uma pequena alteração a fazer; é a da mudança de commandante.

GUILHERME

Como?

CARLOS

A casa *Soares & Companhia* offereceu-me grandes interesses para lhe embarcar n'um dos seus navios, na qualidade de primeiro piloto; e não tanto pelo ganho, como, e sobre tudo, pelas finezas de que lhe sou devedor, não me pude recusar. Irá portanto a *Diamantina* commandada pelo meu segundo, em quem v. s.ª se poderá fiar como em mim proprio.

GUILHERME

Que contrariedade! Desejava mais ir sob o seu commando; conheço sobejamente o merecimento e habilitações de v. s.ª... Porém, seja como quizer. Agora faça o favor de chegar aos meus armazens, onde deixei ordem para lhe ser mostrada a carga. Depois, terá a bondade de voltar aqui, a fim de justarmos definitivamente o fretamento. Eu vou á praça, e não me demoro.

CARLOS

Aqui estarei em breve. (*Cumprimentando.*) Snr. Travassos... Minhas senhoras... (*Sahe.*)

GUILHERME

(*Para Emilia e com certo esforço.*) Em quanto á menina, oiça com attenção as propostas do snr. José de Barcellos e advirto-lhe que a resposta deve ser breve e concisa. Deixo-lhe comtudo a mais ampla liberdade na recusa, ou annuencia. (*Sahe.*)

SCENA XIV

BARCELLOS, EMILIA E ROSALIA

BARCELLOS

Sabe do que se tracta. Na sua mão está o futuro de seu pae, o de sua irmã, e o seu. Espero que a resposta que tem a dar-me, seja em conformidade com os meus desejos, com o seu caracter bondoso, e com a sua razão tão clara e sensata. (*Depois de silencio.*) Quero-a para minha mulher; tem a responder unicamente: *sim*, ou *não*.

EMILIA [2]

(*Depois de silencio.*) Respondo—não.

BARCELLOS

Recusa, pois, o meu pedido?

EMILIA

Recuso!

BARCELLOS [1]

Bem: desejava occultar-lhe um segredo terrivel, que não é meu, mas em que desgraçadamente me acho envolvido. Vou revelar-lh'o, e por elle saberá como lhe tenho querido. Rogo-lhe o favor de pedir a sua irmã que se retire.

EMILIA [2]

Não é preciso, snr. Barcellos; minha irmã, apesar de creança, tem bastante juizo para guardar um segredo, seja qual fôr a importancia d'elle.

ROSALIA [3]

(*Correndo a ella, e dando-lhe um beijo estrepitoso.*) Obrigada, Emilinha! (*Torna a correr para o seu logar.*)

BARCELLOS

N'esse caso... fique, mas não me responsabiliso pela decepção que a snr.ª D. Rosalia vai experimentar. A snr.ª D. Emilia, como parte mais interessada, podia ouvir; a snr.ª D. Rosalia para não ficar odiando seu pae, devera retirar-se.

ROSALIA

(*Comsigo.*) Pois sim, falla para ahi que eu já te acredito!

EMILIA

N'esse caso, não poderiamos *guardar* para outra occasião as suas revelações? Sinto-me n'um estado nervoso...

BARCELLOS

Não, não podemos guardal-as para mais tarde; o tempo urge, e a sua duvida insta por ella! Oiça: *(Emilia senta-se.)* Ha vinte e tantos annos, estava seu pae estabelecido n'um porto de mar em Moçambique: o seu negocio era n'esse tempo a extracção do azeite de peixe, para o que tinha no mar um navio baleeiro, que commandava. Foi n'esta posição que o encontrei, quando pelas vicissitudes de uma vida attribulada, fui parar a Moçambique. Associei-me a elle, e assim vivemos durante dois annos. Um dia appareceu naufragado na nossa costa um navio mercante, cujo capitão, senhor de uma fortuna de mais de oitenta e dois contos de reis, ia estabelecer-se em Portugal, na cidade do Porto, d'onde era filho. Recebemos o naufrago na nossa feitoria, depois de lhe havermos salvo quasi toda a carga, e parte da tripulação. Juntos passamos algum tempo; elle, mostrando-se sempre muito grato por nos dever a vida e fazenda; nós, deligenciando adoçar-lhe a existencia, e a saudade da sua embarcação. Um dia, mostrou desejos de assistir a uma pesca de baleia. Sahimos ao mar, e quando o gageiro avisou *peixe pela prôa*, descemos para as baleeiras, e começamos na perseguição do monstro marinho. Por uma d'aquellas fatalidades tão vulgares em similhantes emprezas, o monstro irritado pelos arpões que lhe tinhamos cravado no corpo, sacudiu violentamente com a cauda a baleeira, arremessou-a a uma altura de dez ou doze braças, e afundou-a com homens, apparelhos e tudo. Seu pae, e eu nadamos para o navio; porém o pobre capitão naufragado, não tornou a apparecer. Comprehende o resto?

EMILIA [2]

Ainda não.

BARCELLOS [1]

Já não se lembra que lhe fallei de um crime?

EMILIA [2]

(*Tremula.*) Explique-se!...

BARCELLOS

Este episodio, foi assim que se contou; eu, porém, como testimunha ocular, poderei narral-o de outra fórma. Poderei dizer que, depois de arpoada e segura a baleia, saltamos sobre ella a acabal-a com as lanças: (*Abaixando mais a voz*) que ao cravar o ferro no corpo escorregadio do monstro, houve um braço que se enganou, e trespassando o peito do pobre capitão, o obrigou pelo pêso do ferro, a mergulhar para nunca mais surgir.

EMILIA

(*Horrorisada.*) Isso é horrivel!

ROSALIA

(*Com certa ironia disfarçada.*) E quem commetteu esse crime, snr. Barcellos?

BARCELLOS

Um homem, que se chamava então Francisco da Serra, e que se appellida hoje Guilherme Travassos.

EMILIA

Meu pae!?...

BARCELLOS

Seu pae, sim minha senhora. Este segredo de tanta ponderação, é unicamente sabido por mim; já vê que...

EMILIA [2]

Mas porque motivo, meu pae, com aquelle caracter... fraco...

BARCELLOS [1]

Já lhe fiz notar que o tal capitão tinha em nossa casa uma fortuna de oitenta e dois contos de reis, pouco mais ou menos, não fallando nos salvados do seu navio.

ROSALIA [3]

(*Levanta-se, avançando vagarosamente.*) Quer então

o snr. Barcellos dizer-nos que... (*P. a* 2) que meu pae foi assassino e ladrão? E persuade-se, que se elle tivesse perpetrado similhante infamia, Deus me poria aqui no coração este amor que lhe tenho?

BARCELLOS [1]

N'essas questões é que eu não entro.

EMILIA [3]

Mas... em conclusão, snr. Barcellos?

BARCELLOS

Em conclusão: a victima tinha uma filha de quatro para cinco annos: era uma herdeira incontestavel, convinha portanto, acabar com ella. Apresentou-se esta idéa, mas, um homem compassivo, mostrando que não haviam documentos que evidenciassem os direitos d'aquella creança, evitou mais outro crime. A menina cresceu: hoje está uma senhora, suppõe-se filha do snr. Guilherme Travassos, e o homem que a livrou da morte... não direi quem foi.

ROSALIA

(*Sempre com certa ironia.*) Qual de nós é, snr. Barcellos, a que suppõe não ser filha do snr. Travassos?

BARCELLOS

A snr.ª D. Emilia. (*Depois de silencio.*) Já vêem o que fiz... Se houvesse um documento, pelo qual se mostrasse o inquestionavel direito da snr.ª D. Emilia, á parte, ou quasi todo o capital d'esta casa, eu poderia independentemente da boa acção que practiquei, ser taxado de ambicioso; mas não o ha; o meu fim é, portanto, satisfazer uma necessidade do coração, nada mais. Quando em creança lhe salvei a vida, conquistei o direito de lhe dirigir um dia o pedido que hoje faço.

EMILIA

(*Desce a* 2.) E realmente, revestiu-o de circumstancias bem recommendaveis! Diz a uma: (*Apontando para Rosalia*) detesta teu pae, porque é um assassino, um ladrão! Diz a outra, ha-des ser minha, porque não tens pae, porque és só no mundo, porque me deves a vida, que

tambem t'a haveria roubado esse de quem tantas vezes tens recebido a benção paternal! Que n'esta casa havia um crime, já o suspeitava ha muito, snr. Barcellos; mas que m'o quizesse revelar com este desenho, nunca o esperei! Snr. Barcellos, recuso formalmente o seu pedido!

ROSALIA

E eu, como filha do snr. Guilherme Travassos, accrescento: o snr. Barcellos... mente!

BARCELLOS

Menina!!

ROSALIA

Meu pae não commetteu similhante crime, aliás já teria sido castigado por Deus com o desamor de suas filhas! (*Apparece Carlos ao F.*)

BARCELLOS

(*Depois de silencio, contendo a cólera.*) Bem; o tempo lhes mostrará a verdade; e juro-lhe que, ou a snr.ª D. Emilia ha de annuir ás minhas propostas, ou o snr. Guilherme Travassos ha de ter o castigo que as leis humanas lhe impoem. Por em quanto, participo-lhes que... que os acompanho para Portugal; e se durante a viagem, não se convencerem pelo que virem, e ouvirem; se a snr.ª D. Emilia entender que deve fazer a desgraça d'aquelle que lhe deu a educação, que a rodeou de carinhos na infancia; se finalmente proximos a Lisboa não me der a resposta affirmativa que espero, juro-lhe que... Emfim, não respondo pelo que possa acontecer. (*Sahe rapidamente.*)

SCENA XV

EMILIA E ROSALIA

EMILIA [1]

Aquillo será verdade, Rosalia?

ROSALIA [2]

Não o posso crêr! O homem criminoso não estremece suas filhas, como o pae nos estremece a nós.

EMILIA

Ai, talvez; mas a mim... Não serei na verdade sua filha?

ROSALIA

Que provas tens do contrario? Por este homem nol-o dizer?... Quem sabe... Vejo n'aquella revelação, além de uma falsidade atroz, um fim sinistro! O pae, que nos deu a mesma educação, que nos mandou ambas para o mesmo collegio de Paris, quando eramos pequeninas; que nos foi buscar tambem juntas; que tem cumprido em tudo os deveres de um bom pae...

EMILIA

(*Scismando sem lhe dar attenção.*) Vai tambem para Lisboa... Tenho medo, Rosalia! Ouviste aquellas ameaças?... Quem sabe o que elle tenciona fazer!...

SCENA XVI

AS MESMAS E CARLOS.

CARLOS

(*Descendo pallido, e alguma coisa perturbado.*) Nada receiem, minhas senhoras; offereço-lhes os meus serviços...

ROSALIA [3]

O senhor?...

CARLOS

Desculpem: ia a entrar, e receioso de interromper uma conversação interessante, parei, e... sem querer, ou... com franqueza!—Curioso como todo o marinheiro, escutei.

EMILIA [1]

(*Tremula.*) E ouviu?...

CARLOS

Ouvi umas ameaças, covardes, porque se dirigiam a duas senhoras; indignas, porque as fazia um homem!...

ROSALIA [3]

(*Muito contente.*) Vês, Emilia? Vês como Deus é bom!

Abençoada curiosidade, snr. capitão! Visto isso quer ser nosso alliado?

CARLOS

Quero... devo sel-o: razões fortissimas, que depois saberão, me obrigam a não perder mais de vista aquelle homem, até que me desengane de certas apprehensões bem fundamentadas que tenho a seu respeito. E... ai d'elle, miseravel, se... (*Sorrindo e cahindo em si.*) Oh! perdão, minhas meninas! Desculpem estas rudezas de marinheiro.

ROSALIA

Oh! que fortuna! Tambem lhe tem raiva, snr. capitão?... É mentira tudo quanto elle disse de meu pae, não é assim?

CARLOS

Não sei, minha senhora; hei-de sabel-o cedo.

ROSALIA

Mas como? Vamos separar-nos...

CARLOS

(*Rapidamente.*) Separar-nos? Oh! isso nunca mais!

EMILIA

(*Alegre.*) Vem para Portugal no seu navio?

CARLOS

(*Sempre sombrio, mas diligenciando sorrir.*) Vou.

EMILIA [1]

(*Aproximando-se-lhe.*) Não sei porque... mas não faz idéa do prazer que isso me causa!

ROSALIA [3]

(*Pulando de contente.*) Tambem a mim, tambem a mim! O snr. capitão parece-me tão bom rapaz!... Desculpe a franqueza... mas, se vem no navio, parece-me que hei-de ser muito sua amiga!

CARLOS

(*Que tem estado sempre com os olhos fixos em Emilia.*) Pois eu, já o sou, minha senhora, e a prova é que as acompanho a Portugal.

*

ROSALIA

E defender-nos-ha d'aquelle homem?

CARLOS

Eu lh'o juro, minha senhora, pela honra de marinheiro! (*Sempre olhando para Emilia de um modo estranho.*)

ROSALIA

(*Reparando n'elle, e admirada.*) Porque está a olhar assim para a Emilinha, snr. capitão?

CARLOS

(*Sorrindo.*) Perdão, é que... (*Para Emilia e com certa commoção.*) Conheceu sua mãe, minha senhora?

EMILIA

Lembro-me d'ella, como de um sonho.

CARLOS

(*Para Rosalia.*) V. exc.ª ainda menos?

ROSALIA

Morreu dando-me o sêr. (*Reparando melhor n'elle.*) Mas o que tem? Está tão commovido...

CARLOS

(*Effectivamente muito commovido, e tomando a mão de Emilia.*) Desculpe, minha senhora... olhe para mim... Supplico-lhe que...

EMILIA

(*Admirada e encarando-o.*) Que significa isto, snr. capitão?

CARLOS

Perdão, minha senhora... Recordações penosas!... Uma similhança extraordinaria... (*Agarrando-lhe com força a mão e beijando-lh'a arrebatadamente.*) Oh! Vejo-a, meu Deus!...

EMILIA

(*Espantada e fugindo com a mão.*) Enlouqueceu, senhor?!...

CARLOS

(*Cahindo em si.*) Effectivamente devo parecer-lhes um louco!... Peço-lhes que não digam aos meus tripulantes

que viram as lagrimas nos olhos do capitão *Mata-Negros*. (*Comsigo.*) Se fosse ella!... (*Sahe lançando um ultimo olhar sobre Emilia.*)

EMILIA

(*Que o seguiu com os olhos.*) É singular!... Não sei o que sinto por aquelle homem!

ROSALIA [2]

(*Comsigo.*) Tambem este lhe terá amor!... Muito feia sou eu, meu Deus!...

CAHE O PANNO

ACTO SEGUNDO

O convés da *Diamantina*, visto por estibordo e um pouco obliquamente. Quasi a coberto com o regulador da esquerda do espectador, está o mastro grande, e vêem-se tres ou quatro dos seus óvens, com os enfrexates, fuzis, etc., etc.; a mesa figura estar occulta por uma cortina do regulador, que deve ser posta supplementarmente em toda a bocca do theatro, proximo a ribalta. A' direita o mastro do traquete, que se vê todo, por isso que o navio, como já se disse, está obliquo para o fundo. D'este mastro, em razão do atramelado da scena, esconde-se a enxarcia de estibordo no regulador da direita; a de bombordo, porém, vê-se completamente, assim como os brandaes, cupés, etc., etc. O navio está com o panno largo, e visto por barlavento: á esquerda a véla grande na respectiva verga; á direita o traquete; ambos á bolina; de fórma que a primeira (a grande) vem amurar proximamente ao centro da bocca do theatro, occultando o punho na cortina da ribalta; e o outro punho entra pela esquerda, assim como toda a sua testa de sotavento, de tal maneira que a linha visual do espectador seja cortada pelo regulador da esquerda, e nada rompa para o coxia do palco. O traquete tapa todo o lado direito, e nada deixa romper tambem: a sua testa de barlavento vem entrar no regulador da direita, e a de sotavento fica quasi escondida pela de barlavento da véla grande. As duas vergas (ficando com os laezes occultos na mesma disposição das testas do panno) teem caçadas as respectivas gáveas; d'ellas porém não se vê mais do que a segunda ou terceira fôrra-de-rizes, porque o resto da véla é cortada pela bambolina do regulador. Do cesto de gávea grande, e da respectiva enxarcia vê-se apenas parte: o cesto de gávea do traquete vê-se todo, assim como a enxarcia do velacho, com os competentes fuzis, bigotas, cassoilos, etc., etc. Tanto os mastros reaes, como os mastaréos de gáveas, devem ter todos os cabos de laborar nos seus respectivos logares, com voltas nas malaguetas, ou soltos conforme os seus usos. Nas

vélas tambem devem estar os cabos de manobra, taes como estingues, escotas, apagapenoes, etc., etc. No centro do palco, entre os dois mastros, estão as antênas, cabos de sobrecellente, baldes, etc., etc. Por ante a ré do mastro grande, quasi a desapparecer na linha do regulador, vê-se a escotilha grande, que é communicavel; por ante-ávante do mastro do traquete vê-se o escotilhão de prôa, que tambem é communicavel. O fundo é a amurada de bombordo, com o seu portaló, e tres peças de pequeno calibre montadas nos competentes reparos, e atracadas ás portas com as suas retenidas e vergueiros: na bocca da scena figura-se ser a outra amurada, mas cortada pela cortina supplementar dos reguladores, que se estendeu pela ribalta: para este effeito devem estar os mastros mais proximos á bocca do theatro, e não muito no centro. Por debaixo das esteiras das vélas que formam (amuradas como estão) uma especie de arco, vê-se o horisonte sem a mais pequena nuvem, e o mar por cima da borda do navio. *N. B.* Recommenda-se ao práctico que assistir á decoração da scena, que as vélas, especialmente o traquete e o velacho, tenham todos os cabos de laborar nos seus logares, em razão de manobras que se executam durante o acto. A polaca deve estar no respectivo estae, porque, ainda que a principio não seja vista, é quem tapa a seu tempo o lado direito do theatro, quando se bracear o traquete. Para ser mais completa a illusão, propõe-se o seguinte alvitre: adoptados ás costuras das vélas por ante-ávante, se cozerão perpendicularmente uns juncos, que atesados por meio de cordeis delgados fixos n'elles, farão o concavo da véla, o que imitará perfeitamente o bolso cheio pela brisa com que o navio vai singrando. As peças que figurarem o mar, devem ser em espiral, para que, girando sobre si, parecerem correr para a ré.

Ao levantar do panno é quasi sol posto: o theatro vai escurecendo pouco a pouco.

SCENA I

O PILOTO, MARINHEIROS, DEPOIS GUILHERME

(Ouve-se a sineta de bordo tanger a trindades: os marinheiros encostados em grupos na amurada, tiram os barretes e parecem resar: o piloto passeando á bocca da scena, tira o chapéo, e resmunga uma oração. Momento de silencio.)

GUILHERME [*E.* 1]

Deus o guarde, mestre piloto!

PILOTO [2]

(Cobrindo-se e puxando o fumo do seu cachimbo.)

Viva, snr. Travassos.

GUILHERME

(Passeando com elle.) Temos moço de governo ao leme!... Isto vai perfeitamente, hein? *(Os marinheiros benzem-se e vão para a prôa.)*

PILOTO

Assim me parece. Aquelle diabo é que não quer tomar tino!

GUILHERME

E continuaremos n'esta *monção*, ou haverá novidade d'aqui até lá?

PILOTO

Não sei, snr. Travassos; isso é com Deus, e com o snr. capitão.

GUILHERME

E com vocemecê, mestre piloto, que sabe d'isto como aquelles que sabem. Ha quantos annos navega?

PILOTO

Ha quarenta, com a ajuda de Deus. *(Voltando-se para a ré e gritando.)* *Orça*, rapaz! Que estás tu a fazer? *(Como respondendo-lhe.)* Qual mudar! Valha-te o diabo, que nunca ha-des ser nada em tua vida!

GUILHERME

O rapaz é novo... Não sei como lhe confiam o leme!

PILOTO

Se não fôr aprendendo com a *brisa* que está, debaixo de tempo, então não sabe nada. *(Outra vez para a ré.)* *Andar assim*, rapaz! *(Resmungando.)* Se o capitão visse, já tinhas *a tua conta!*

GUILHERME

Em que altura estaremos, a final?

PILOTO

Não sei.

GUILHERME

Não sabe!? Essa agora!... Vocemecê o celebre piloto da *Diamantina*, tão fallado em toda a costa d'Africa.

PILOTO [1]

(Páram.) Mais fallado, é o capitão e... olhe, sabe

que mais, snr. Travassos? Eu não ignoro que v. s.ª foi um bom *práctico*, nos seus tempos: escusa cá vir perguntar-me pela *derrota*, que v. s.ª melhor a sabe do que eu, e mais o capitão.

GUILHERME [2]

Dou-lhe a minha palavra de honra que não percebo o que quer dizer, mestre piloto!

PILOTO [1]

(Sorrindo e tirando uma baforada de fumo.) Ora essa, snr. Travassos!... Pois v. s.ª ha de negar que aqui tem andado *marosca* n'esta viagem? Não, que eu hoje ao meio dia peguei no *oitante!*...

GUILHERME

E que resultado tirou das suas observações?

PILOTO [*Seguem*]

Que ou eu já estou tonto de velho, ou o mundo mudou, ou o capitão... não quer chegar a Portugal! N'uma embarcação d'estas, que com as *gáveas nos segundos* ainda hontem fez mais de seis milhas e meia com uma *brisa* de norte para nor-nordeste. Não percebo!

GUILHERME

Homem, explique-se! Ha mais de trinta annos que estou fóra d'estas coisas de nautica, e afianço-lhe que não o entendo.

PILOTO

Pois nem eu, snr. Travassos.

GUILHERME

Parece-lhe que errariamos o *rumo?*

PILOTO

Isso não! Para que vou eu aqui? O *rumo* é este: o que é... é que podiamos estar mais adiantados.

GUILHERME

Prudencia do capitão, talvez. *(Os marinheiros n.os 2 e 3 a B. B.)*

PILOTO

Prudente, elle!... Olha quem! Mais atrevido e sabedor, no mar, não quero eu que o haja.

GUILHERME

Então...?

PILOTO

Então!?... É por isto mesmo que scismo com similhante *marear!* Eu a pôr o navio cá a meu modo... ao modo de todos! A aproveitar esta *brisasinha do nordeste* com que vamos *singrando* ha vinte e um dias, e elle... nada!—Chega a *riba,* e toca logo a navegar quasi á *capa!* *(Dando-lhe um murro no hombro.)* Irra, que isto não é d'elle, snr. Travassos! *(Páram.)*

GUILHERME

Antes prudente, que desacisado, mestre piloto. O navio vai com grande carga, e leva-me o cabedal que tenho. Ainda bem que elle se porta como desejo!

PILOTO

(Segue E.) Bem se lhe dava ao capitão d'isso, se não fosse algum motivo mais particular que o obriga a prolongar a viagem. V. s.ª não o conhece.

GUILHERME

Não... isto é, tenho ouvido tantas coisas extraordinarias a seu respeito!... Foi negreiro, não foi, mestre piloto? Ouvi contar d'elle uma revolta de negros a bordo...

PILOTO

(Sorrindo.) Ah! isso foi uma historia bonita!

GUILHERME [2]

Diga lá, mestre piloto, como foi? *(Páram a D. B.)*

PILOTO [1]

Como foi? foi... como eu nunca vi, nem espero tornar a vêr... nem v. s.ª! Faça de conta que era um brigue, lindo como um navio inglez! Levavamos a bordo quatrocentos negros dos mais valentes, robustos, e corpulentos da costa de Guiné! Com a fortuna! bom ganho foi aquelle! duzentos e vinte contos em dezeseis dias! *(Entra o marinheiro n.º 4.)*

GUILHERME

E que fez elle a tanto dinheiro?

PILOTO

Ora... que fez!... Comprou o brigue, para depois lh'o queimarem em Madagascar aquelles marotos dos gentios, que é raça do diabo! (*Os marinheiros aproximam-se do mastro do traquete.*)

GUILHERME

E lá se foram os duzentos contos?

PILOTO

Qual historia! o brigue não lhe custou isso; ainda ficou com uma fortuna soffrivel: mas aquelle demonio não quer ter juizo! Gastou tudo!

GUILHERME

Em que?

PILOTO

Em que?... (*Reparando nos marinheiros que o ouvem.*) *Salta* lá p'ra prôa, mandriões! Que fazem vocês ahi?

UM MARINHEIRO

Estamos ouvindo, mestre piloto.

PILOTO

Sim? pois é melhor que me vão *caçar* mais aquella *bojarrona,* que está como a sua cara de você, *sô tratante!* (*Para a ré.*) *Orça,* rapaz do diabo! Tu queres hoje vêr os *meninos orphãos a cavallo,* commigo! (*Os marinheiros desapparecem todos para a prôa por debaixo da esteira do traquete.*)

GUILHERME

(*Indo a elle.*) Mas dizia, que o capitão.... A final em que gastou elle tanto dinheiro, que até para a viagem me pediu bastante adiantado?

PILOTO

(*Ambos a E.*) Isto já lá vai ha tantos annos e... Aquillo é o diabo mais extravagante, que ha ahi por esses mares! Em que? Pergunte-o v. s.ª ás mulatinhas de Olinda, aos jogadores de todo o mundo, e a quanto mariola lhe pede dinheiro, e lhe propõe uma patuscada. Aquillo é umas *mãos* rôtas, o mofino! Pois olhe que tem ganhado muito dinheiro. (*Passa e examina o cesto de gávea.*)

GUILHERME [1]

(*Ao centro.*) Como foi então, essa historia dos negros?

PILOTO

Foi bonita, não tem duvida! Levavamos, como ia dizendo, quatrocentos negros: a tripulação era de trinta e dois homens, commigo e com o capitão. Uma tarde, aquelles *tições* entenderam que não deviam ir para diante: *alevantaram-se com o santo e com a esmola*, e o que valeu foi um d'elles vir avisar o capitão. Alli não havia que scismar; ou morrermos todos, ou perdermos navio e carga, fugindo nos escaleres. Fecharam-se á pressa as *escotilhas*, tanto a *grande*, como o escotilhão de prôa; mas... boas noites!... os malditos, não sei como tinham apanhado á mão tres ou quatro machados, e agora o vereis!—Toca a arrombar as *escotilhas*, e, o peior ainda!—*toca a picar* os mastros ao pé da *escóra do convés*, pela parte debaixo, já se vê. Creio que se persuadiam que poderiam sahir por alli, os estupidos! O meu amigo capitão, vendo aquella dança, não fez mais nada!—pega-me em dois *revolvers* de seis tiros cada um, abre a *escotilha grande*, e quando elles vinham a sahir de roldão, fallou-lhes, e... fallou-lhes bem, olá! Começa-me a distribuir aquellas *ameixas* pelos *catingas* que estavam com os machados, e... Perdeu-se um par de contos, mas salvou-se o resto.

GUILHERME [1]

Accommodaram-se?

PILOTO [2]

Podéra! Não, que o capitão agarrou nos que ficaram pelas *custas*, e a uns pendurou-os pelo pescoço aos *pés do carneiro da coberta*, e a outros pôl-os muito direitos e estendidos nos *chassos do berço*. Alli estiveram dois dias, e accommodaram-se os vivos, á vista d'aquellas *estatulas* da morte! (*Passeiam para a D.*)

GUILHERME [2]

(*Sorrindo.*) Tudo isso é muito heroico, mas estimarei que o snr. capitão *Mata-Negros* se não lembre de fazer

d'esta vez alguma proeza igual. Quem andou sempre como eu, na *cabotagem*, ou á baleia.

PILOTO

(*Sorrindo com certa ironia e puxando uma baforada do seu cachimbo.*) Não tem *estamago* para estas coisas, bem sei. Pois olhe que vem mal, snr. Travassos, digo-lh'o eu! Aquillo não é rapaz, é o diabo em pessoa! E por isto é que me dá que scismar a *andadura* que quer agora ao navio. Elle, que parece que não está contente se não quando a tripulação tem de manobrar agarrada a um cabo de *vaivem!* Não percebo.

SCENA II

OS MESMOS E CARLOS

CARLOS

(*Que tem entrado da ré durante a falla do piloto, examina o panno, e dirige-se para aquelle.*) Vá cear, mestre piloto, são horas.

PILOTO

(*Voltando-se.*) A pressa é nenhuma.

CARLOS [1]

Ha alguma novidade?

PILOTO [2]

Não senhor; o navio vai no seu andamento. *Amarrei* da costa cerca de um grau para aproveitar melhor o vento que tem soprado sempre no mesmo quadrante; desde nordeste, até les-nordeste.

CARLOS [1]

(*Interrompendo-o.*) Deitou a barquinha? Quanto faz?

PILOTO [2]

(*Desabrido um pouco.*) Não deitei, não senhor; eu cá já não me entendo com esses calculos. . . .

CARLOS

(*Carregando o sobr'olho.*) O que?

PILOTO

(*Fumando e com certo ar de ironia.*) Quero dizer. . . já me não servem. O navio ora anda bem, ora atraza. . .

CARLOS

(*Com severidade.*) Isso é commigo, mestre piloto. Vá cear, ande.

PILOTO

Cá vou, capitão. (*Baixo para Guilherme.*) Aposto que me vai *ferrar joanetes?* . . .

GUILHERME [3]

Deus o queira, que a noite parece-me que vai refrescando.

PILOTO

(*Resmungando.*) Eu cá não percebo isto. (*Sahe.*)

SCENA III

GUILHERME, CARLOS E DEPOIS MARINHEIROS
QUE ENTRAM E SAHEM AO MESMO TEMPO

CARLOS

(*Fallando para cima.*) Ó da gávea grande?

GAGEIRO

(*De cima*). Senhor?

CARLOS

Não se descobre nada nas *nossas aguas?*

GAGEIRO

Sim, senhor; mas não se póde ainda *osservar* se é *nuve* ou embarcação. (*Sóbe ao reparo d'uma peça de B. B.*)

CARLOS

(*Frenetico*). Que vista que teem os meus *gageiros*, louvado seja Deus! (*Fallando para ávante.*) Ó rapaz!

UM MOÇO (*Entra da D. por B. B.*)

(*Correndo.*) Senhor?

CARLOS

Salta-me lá a buscar o oculo á camara.

O MOÇO

Sim, Senhor. (*Corre para E. por B. B.*)

CARLOS

Isso *lestro*, rapaz!

O MOÇO

Prompto! *(Desapparece a correr para a ré).*

GUILHERME (2)

(Que tambem chegou á borda do navio, voltando). Eu nada vejo, capitão.

CARLOS (1)

(Sempre com certo desabrimento). Não admira; quando o *gageiro grande* lhe acontece o mesmo...

GUILHERME [2]

Mas suppõe que é navio o que além vem?

CARLOS

Não sei; vou sabel-o.

O MOÇO (1)

(Da E. por B. B. com o oculo.) Prompto!

CARLOS

(Tomando-o). Quem está lá em baixo?

O MOÇO (1)

Na camara?

CARLOS (2)

Sim.

O MOÇO

Saberá v. s.ª que está só o snr. Barcellos.

CARLOS

(Depois d'um pequeno momento de despeito). Dize ao cosinheiro que quero hoje uma gallinha para a cêa. *(Dirige-se para a borda por sotavento).*

O MOÇO

Sim, senhor. *(Desapparece para a prôa por barlavento).*

CARLOS

(Para a ré). Andar assim, rapaz! Queres mostrar que sabes, e nada sabes a final! *(Sóbe pela enxarcia grande, e desapparece no cesto da gávea).*

GUILHERME

(Comsigo.) Se me vejo em Lisboa, não o posso crêr! Não sei que antipathia, ou receio, me inspira este homem, e, sobretudo, porque é que a sua presença me alimenta

um certo presentimento de fatalidade!... Emfim, será o que Deus quizer!

SILVESTRE [2]

(Vindo do escotilhão de prôa, com uma grande tigella na mão, fallando para baixo.) Obrigado, mestre cosinheiro: eu já trago a *malga. (Dirige-se para a ré).*

GUILHERME

O que é isso?

SILVESTRE

Uma tigella de caldo para a snr.ª Angelica, que já vai melhorsinha, e que está com a mania de se levantar.

GUILHERME

Se lhe dura ainda o enjôo, é melhor que não veja o mar.

SILVESTRE

Isso já eu lhe disse, meu senhor; mas... está com aquella teima!... V. s.ª bem sabe, em teimando, nem o démo lhe dá volta.

GUILHERME

E onde está ella a final?

SILVESTRE

Está tambem alli á ré, n'um dos beliches que o snr. capitão mandou arranjar para as senhoras, debaixo do *tombadilho:* acharam muito calor, e muito abafadiça a camara.

GUILHERME

(Com bondade.) E tu aonde vais?

SILVESTRE

Ah! eu cá vou perfeitamente: estou *arranchado* lá á prôa com os *officiaes marinheiros,* e durmo n'um *catre* excellente.

GUILHERME

Bem, leva o caldo á pobre velha, anda.

SILVESTRE *(P. E.)*

Sim, snr. Guilherme. *(Comsigo.)* Estás servido, coitado! *(Desapparece para a ré.)*

CARLOS

(Descendo da gávea, e fallando para ávante.) Chega aqui a gente do quarto!

GUILHERME

Então? é navio, snr. capitão? *(Entram os marinheiros.)*

CARLOS

Assim o creio. *(Para a gente que veio apressadamente da prôa, e formou grupo junto do mastro grande.)* Ás obras de joanetes. *(Os marinheiros executam o que se lhes diz; alguns desapparecem para a prôa, outros para a ré, e outros collocam-se ás obras, que pela posição do navio são vistas da plateia.)*

GUILHERME [2]

Vai tirar panno ao navio, capitão?

CARLOS

(Sempre muito sêccamente.) Sim, senhor. *(Depois de curto silencio.)* Arria joanetes, e braceia por barlavento! *(Depois de pausa, durante a qual se ouve o chiar dos gornes dos moitões, os marinheiros, que estão á vista, álam os braços do joanete de prôa, e os mais cabos que devem morar no mastro grande.)*

CARLOS

(Continuando.) Carrega joanetes! *(Fallando mais directamente para a prôa aos que estão em scena.)* Ateza ahi mais esses *amantilhos! (Depois de pausa.) Salta* lá arriba *a ferrar! (Os marinheiros sóbem rapidamente pelas enxarcias, e desapparecem na linha da bambolina do regulador: tornam depois a descer, e vão para a prôa, no fim do tempo que o práctico julgar preciso para ferrar joanetes. Para os que estão em scena.) Volta* ahi a tudo! *(Os marinheiros dão volta aos cabos nas malaguetas respectivas, e desapparecem para a prôa.)*

GAGEIRO [1]

(Descendo da gávea grande.) Posso ir cêar? ou quer que fique em *osservação* do que lá vem?

CARLOS

Eu cá estou; póde ir cear. Porque é que se não metteu aquella lancha para dentro?

GAGEIRO

Como v. s.ª mandou pela manhã a bordo d'aquelle americano levar a bolacha que nos pediu, ainda não tive tempo.

CARLOS

Bem. O outro gageiro, o de prôa, ainda está doente?

GAGEIRO

Não, senhor.

CARLOS

Diga-lhe que tenha prompta a gente do *escaler*, que talvez vamos a bordo do que além vem, se fôr navio de guerra, como julgo.

GAGEIRO

Sim, senhor.

CARLOS

Diga tambem ao José Mathias que venha para o leme; vai *refrescando* e não quero lá o rapaz.

GAGEIRO

Cá vou dizer-lh'o, senhor. (*Sahe para o escotilhão de prôa.*)

GUILHERME [1]

(Que foi á borda.) Ó capitão, agora é que eu vi claramente que é uma embarcação; parece-me até que *d'alto bordo.*

CARLOS [2]

(*Indo ao portaló, e observando com o oculo.*) Assim me parece tambem.

GUILHERME [1]

(*Tomando-lhe o oculo.*) Dá licença?

CARLOS [2]

Pois não. (*Descendo e olhando sempre para a ré*).

GUILHERME [1]

(*Depois de se certificar.*) E bem aproveitada com o vento: se não me engano, traz o panno todo *caçado*... Parece-me que tem até *sobre joanetes.*

CARLOS [2]

Creio que estará enganado.

GUILHERME [1]

(*Descendo.*) Seja como fôr (*com certa intenção*), aquillo é que é aproveitar o vento! Tudo *largo!*...

CARLOS [2]

E com *amuras* a *estibordo*... Terá mais pressa do que nós: faz bem.

JOÃO FATEIXA [3]

(*Correndo da ré, e puerilmente.*) Então capitão! Fomos bem?

CARLOS

Quem ficou ao leme?

FATEIXA [3]

Foi o Zé Mathias.

CARLOS

(*Admirado.*) Por onde passou elle?

FATEIXA

Creio que foi lá pela *coberta:* elle surdiu-me da *escotilha de ré.*

CARLOS

(*Fallando alto para a ré.*) Já tenho dito muitas vezes que não quero que se faça o serviço por alli, principalmente em quanto que houver senhoras a bordo.

GUILHERME

(*Tomando Carlos de parte.*) Faz favor...

CARLOS

(*Para Fateixa.*) Espera ahi. (*Seguindo Guilherme.*) Que manda, snr. Travassos?

GUILHERME

(*A meia voz, desviando-se muito do moço.*) Já por vezes tenho desejado interrogal-o a respeito d'aquelle rapazinho, mas... o capitão conhece-o bem? Isto é, tem confiança n'elle?

CARLOS

Tanta quanto em mim proprio. Porque me faz essa pergunta?

GUILHERME

Porque não sei se deva attribuir a simples curiosidade,

uma certa espionagem que este rapaz exerce em mim, e, sobretudo, no meu guarda-livros.

CARLOS

Espionagem!...

GUILHERME

Parece. Tenho-o surprehendido mais de uma vez escutando o que dizemos... Lembrei-me, portanto, como o rapaz sabe, porque já viu com os seus proprios olhos, que levo bastante dinheiro, e como isto de *marujada* e *taifeiros* não são lá muito *limpos de mãos*...

CARLOS

Está enganado, snr. Travassos: a meu bordo não ha ladrões, póde crêl-o: (*Com certa intenção muito disfarçada.*) Isto é, a meu bordo... *entre* a *minha gente*, quero dizer, não ha quem roube.

GUILHERME

(*Que o não percebeu.*) Então... é curiosidade do rapaz.

CARLOS

Seguramente. Hei-de reprehendel-o, e isso acabará, fique descansado.

GUILHERME

Bem; mas não o castigue ainda; como lhe parece que é só curiosidade...

CARLOS

Sim, senhor, sim; não o castigarei.

GUILHERME

Até já. Vou ao camarote buscar a capa; esfriou devéras! (*Sahe para a ré, E.*)

SCENA IV

CARLOS E JOÃO FATEIXA

N. B. Vai-se levantando no horisonte pouco a pouco um nevoeiro que engrossa a seu tempo a ponto de cerração.

CARLOS [2]

(*Para o moço.*) Vem cá.

FATEIXA [1]

(*Descendo.*) Prompto!

CARLOS

És um estupido! Um desastrado!

FATEIXA

(*Muito apoquentado.*) Porque, senhor? Não governei bem? A culpa não foi minha... Tenho ainda tão pouca força!... O mar está alguma coisa *encapellado*... (*Choroso.*) Valha-me Deus!...

CARLOS

(*Sorrindo.*) Não é isso...

FATEIXA

(*Radiante.*) Ah! então governei bem?

CARLOS

(*Passando-lhe a mão pela cara.*) Governaste, sim, rapaz; não te amofines.

FATEIXA

Então... porque é que sou... isso que disse?

CARLOS

Porque te apanharam já algumas vezes a escutar o que aquelles dois homens diziam.

FATEIXA

É verdade, snr. capitão, que apanharam. Mas... se aquelle *carrancudo* do snr. Barcellos parece que está sempre desconfiado de que o ouvem!... Principalmente quando falla com o tal Silvestre, que parece-me que é uma *prenda* de *truz!*

CARLOS

Parece-te mau?

FATEIXA

Eu sei lá!... Pois o maldito é criado do snr. Travassos, e quando o snr. Barcellos está fallando com elle, põe-se o meu amigo Silvestre *amolando* o *caso*, e se o patrão diz alguma... tolice, creio eu, o maroto *pisca* logo o ôlho para o tal Barcellos! Eu julgo que elles teem o quer que é de planos contra o pobre velho, coitado, que no fim de contas, parece-me um bom homem. Pois não, é snr. capitão?

CARLOS

Sim, sim... E com os tripulantes tem havido mais alguma coisa?

FATEIXA

(*Baixo.*) Nada, a *modos* que já se deixou d'isso: isto é, *honte* ainda lá esteve com o *contramestre* e com os gageiros no *castello* de *prôa*, dizendo que o *rancho* não prestava, que assim é que era o mundo,—uns tudo, outros nada!—Que o bom marinheiro era digno de melhor comida, de melhor tractamento e de melhor soldada... Emfim, esteve para alli a *aldrabar* tanta *endrómina*, que a final fiquei sem saber o que elle queria dizer na sua.

CARLOS

(*O mesmo.*) E elles que lhe respondiam?

FATEIXA

(*O mesmo.*) Que era *direito* tudo o que elle dizia, mas que não tinham razão de queixa de vocemecê, porque, acudiu o *contra-mestre* (*Imitando-lhe a voz grossa*), quando o capitão da *Diamantina* ganha dinheiro, tambem a sua tripulação o ganha, que se não fosse isso, e o seu genio em terra, podia vocemecê ter prégos de oiro pelas *anteparas* da *camara!*

CARLOS

(*Sorrindo.*) O *contra-mestre* disse isso? Grande *sovina!* Como póde tel-os de prata...

FATEIXA

Depois, quando elle voltou costas, ficaram dizendo que a *modos* que o tal *Barcellos* queria pôr a tripulação contra vocemecê.

CARLOS

Faz bem.

FATEIXA

Perde o seu tempo, disse o *contra-mestre:* continue elle assim, que verá como vai parar ao *charco,* com uma balla de quatorze na algibeira! (*Sente-se ao longe um tiro de peça de grande calibre.*)

CARLOS

(*Correndo á amurada.*) Oh! oh! Já?!...

FATEIXA

(*Correndo tambem ao portaló.*) Navio de guerra!...

CARLOS

(*Para elle.*) Prompta lá a bandeira.

FATEIXA

(*Com malicia.*) A nossa?

CARLOS

(*Sorrindo.*) Sim.

FATEIXA

Prompto! (*Corre para a ré, E.*)

SCENA V

CARLOS, GUILHERME E BARCELLOS, VINDOS DA RÉ, DEPOIS MARINHEIROS QUE ENTRAM E SAHEM A SEU TEMPO DA PRÔA

GUILHERME

(*Com a sua capa.*) Temos navio de guerra?

CARLOS

(*Visivelmente satisfeito.*) Temos; venha vêr o que não vê ha vinte e um dias, snr. Travassos: a bandeira portugueza!

GUILHERME

(*Chegando-se.*) Olá! Compatriotas!...

BARCELLOS

(*Chegando-se tambem.*) Uma fragata... será a *Diana?*

CARLOS

Veremos. (*Para a prôa.*) Chega aqui o *morrão!*

UM MARINHEIRO

(*Trazendo-o.*) Prompto!

CARLOS

(*Tomando-o para a ré.*) Está lá *desenrascada* essa *aderiça* da *bandeira?*

FATEIXA

(*Á ré.*) Está sim senhor.

CARLOS

(*Desce.*) Arriba com ella! (*Tira a pranchada que tapa o ouvido d'uma das peças, chega-lhe o morrão e dispara.*) Salta o porta-voz. (*O marinheiro vai buscar-lh'o á ré, sóbe de novo ao reparo.*)

GUILHERME

Virão a nosso bordo?

BARCELLOS

(*Com certa ironia.*) É provavel.

CARLOS

(*Encarando-o.*) É certo, diga. (*Escutando.*) Silencio!

UMA VOZ

(*Longiqua e com o tom de porta-voz.*) D'onde vem?

CARLOS

(*Tomando o porta-voz que lhe entrega o marinheiro, e respondendo.*) De Loanda.

A VOZ

Para onde vai?

CARLOS

Para Lisboa.

A VOZ

Quantos dias de viagem?

CARLOS

Vinte e um.

A VOZ

Como se chama?

CARLOS

A *Diamantina.*

A VOZ

Qual é a sua... (*É visivelmente interrompida a pergunta.*)

CARLOS

(*Depois de silencio.*) Bravo, ficaram em meio... Não querem saber da carga!...

A VOZ

Atravesse.

CARLOS

(Para Barcellos.) Já se vê que não me enganei. *(Desce ao centro e dá vozes.)* Aos braços de grande e gávea. *(Guilherme e Barcellos descem. Os marinheiros vem de vante, e vão collocar-se ás obras que se lhes designar.)*

SCENA VI

OS MESMOS, EMILIA E ROSALIA, DA RÉ

ROSALIA [1]

(Correndo para Guilherme.) Que tiros foram estes, papá? Ha algum perigo?

GUILHERME

Não; navio de *cruzeiro* que nos quer á falla.

CARLOS [3]

(Baixo para Emilia, e com galanteria.) Já vê que o capitão *Mata-Negros* não é a bordo menos tractavel, como disse antes de hontem, porque... cumpre fielmente as ordens d'uma senhora.

EMILIA [2]

(Esperançosa.) Que quer dizer?

CARLOS [3]

Quero dizer... *(levando-a á amurada)* que temos a sotavento a fragata *Diana*, que alcançou a minha pobre *Diamantina*, sahida com sete dias de avanço. *(Rindo.)* Dou-lhe a minha palavra de honra, que nunca tal me aconteceu.

EMILIA

(Apertando-lhe a mão rapidamente.) Obrigada!

CARLOS

O interesse tambem é meu... *(Para os mais.)* Acautelem-se que podem ser magoados. *(Formam todos grupo proximo da borda.)*

GAGEIRO

Está prompta a gente, capitão.

CARLOS

Bem vejo! (*Commandando.*) Carrega a véla grande. Larga a bolina á gávea! Ála a grande e gávea por estibordo! Mette o leme de ló! Folga a escôta á bujarrona! Ála a retranca a barlavento! Volta alli! Safa cabos!

(*N. B. Apparece ao lado E. do theatro, tapado pela* polaca, *como já se disse na disposição da scena; fica, portanto, um grande intervallo entre as duas vélas que se bracearam, e as outras que se conservam á* bolina. *Por este intervallo, vê-se ao longe a fragata, através do nevoeiro, que se vai tornando mais denso. A fragata tem o panno todo largo, bandeira na* carangueja, *e vai tambem atravessando, para o que se lhe vê distinctamente carregar papa-figos e os* joanetes, *e* bracear *as gáveas, arriando-as a meio* mastaréo, *mas de fórma que se perceba bem o* velacho *sobre a* gávea *por* sotavento, *mostrando em* cheio. *Todas as manobras da fragata são feitas a apito, que se ouve muito ao longe. Os marinheiros, depois de haverem executado as manobras ordenadas por Carlos, vão, uns para a amurada, outros para a prôa.*)

ROSALIA

(*Que tem estado a conversar com sua irmã, em quanto Guilherme e Barcellos vão observar á amurada.*) Pois digo-te que é lindo, Emilia! No grande oceano!... entre o mar e o céo!... Acho isto d'uma poesia sublime!...

EMILIA

(*Sorrindo, mas visivelmente embaraçada.*) És uma creança!

ROSALIA

E tu... uma dissimulada! Olha, vê-se no teu rosto a alegria... (*Rindo*) que eu não posso mostrar no mesmo tom de côr.

EMILIA

Mas... se elle não vem!

ROSALIA

É o que faltava!... Se não vier, vamos nós lá!

EMILIA

O quê? Estás louca! Como poderiamos...

ROSALIA

(Rindo.) A nado!... *(N'outro tom.)* Vem, descansa.

CARLOS

Prompto ahi um *cabo solteiro.* *(Collocam-se ao portaló dois marinheiros com um cabo nas mãos.)*

ROSALIA [1]

(Que foi á borda, desce, correndo, para sua irmã.) Elles ahi vem! elles ahi vem, Emilia! O snr. Frederico já eu conheci; os outros dois é que não sei quem são.

CARLOS [3]

(Para Emilia, sorrindo.) Tem receio de chegar á *amurada,* minha senhora?

EMILIA [2]

Receio, não; mas...

CARLOS [3]

Elle contou-me tudo, e os seus rogos, bem iguaes aos de v. exc.ª, fizeram com que a minha pobre *Diamantina* figurasse... do que não é. *(Os marinheiros lançam os cabos.)*

FREDERICO

(Da parte de fóra do portaló.) Leva remos! Deita o croque ahi, rapaz!

CARLOS

(Para as duas, pegando delicadamente na mão de Emilia.) Minhas senhoras, puz o meu navio á sua disposição; portanto, como donas da casa, cumpre-lhes receber as nossas visitas.

FREDERICO

(Saltando no portaló, e visivelmente sobresaltado.) O capitão?

CARLOS

(Avançando.) Eil-o aqui, acompanhado por duas damas, para mais honrar os snrs. officiaes da armada real!

FREDERICO

(A meia voz, e abraçando-o estreitamente.) Obrigado, Carlos!

SCENA VII

OS MESMOS, FREDERICO, BENTO ROSADO
E AYRES SEQUEIRA

(*Frederico e os mais cumprimentam-se reciprocamente.*)

ROSADO

(*Entrando com o mesmo apuro no seu uniforme, muito penteado, e com luvas brancas.*) Quem é o capitão? (*Chegando sempre ao nariz um vidrinho d'essencia.*)

CARLOS

Ás suas ordens, snr. tenente. (*Estende-lhe a mão.*)

ROSADO [5]

Oh! capitão!...

ROSALIA [3]

(*Correndo para elle.*) O meu par infatigavel no baile do snr. governador!

ROSADO

(*Apertando-lhe a mão respeitosamente.*) Minha senhora...

ROSALIA [3]

(*Vendo-lhe o vidro na mão.*) Padece de enxaqueca, snr. tenente? Para que é esse vidrinho.

ROSADO [4]

É que, como não sabia ao certo que navio era este, porque não assisti ao interrogatorio, receei que fosse algum *baleeiro*, ou navio de negros, e... v. exc.ª não faz idéa do pessimo cheiro que ha a bordo dos navios de similhantes traficos! É horroroso! A mim costuma-me até causar vertigens! (*Guarda o vidro n'algibeira.*)

ROSALIA [3]

(*Rindo.*) Que previdencia!

AYRES SEQUEIRA (5)

Ó tenente, ainda bem que o *immediato* me deixou vir a bordo! Que lindas meninas!

ROSADO

(*Baixo.*) Leva de rumor, snr. aspirante! Isto pertence-me.

AYRES

(Rindo, baixo.) Ambas?!

ROSADO

(Baixo.) Ambas, porque ainda não me decidi por nenhuma d'ellas.

AYRES

(Baixo.) Isso é um monopolio absurdo, porque (desgraçadamente!) creio que não ficaremos aqui!

CARLOS [6]

(Descendo, para Rosado.) Meu caro snr. tenente, na presença d'estas senhoras, não duvidará da innocencia da minha carregação; no entanto, se v. s.ª quizer . . .

ROSADO

Oh! senhor! Pelo amor de Deus! Não fallemos em similhante assumpto.

CARLOS

Bem; aproveitaremos, portanto, o tempo muito melhor, se me quizerem fazer a honra de servir-se do que houver na minha pobre dispensa. *(Gritando á ré.)* Ó Fateixa! *(Sóbe.)*

FATEIXA [6]

(Correndo da E. por B. B.) Senhor?

CARLOS [7]

Dize ao *dispenseiro* que abra meia duzia de garrafas de Champagne e Porto, que ponha tudo lá em baixo na camara, e o mais que houver na dispensa.

FATEIXA

Sim, senhor.

CARLOS

Depois, trarás tu mesmo duas ou tres garrafas de Room, e umas bolachas, que distribuirás pela gente do escaler do snr. tenente.

FATEIXA

Prompto! *(Sahe correndo.)*

CARLOS

(Descendo a Ayres.) Se me quizerem fazer favor, descendo á camara... É pobre e incómmoda para quem está

habituado ás espaçosas *cobertas* d'uma fragata; mas, tal como é, muito honrada ficará com a presença dos snrs. officiaes. (*Rindo.*) Advirto-lhes que é tão pequena, que tive de accommodar estas senhoras além debaixo do *tombadilho,* andando eu aqui pelo *convés* como qualquer *gageiro;* mas, repito, tal como é, está ás suas ordens.

ROSADO [5]

Eu até nem sahiria do *castello de prôa*, se debaixo d'essa condição me propozessem levar a meu bordo tão amavel companhia.

ROSALIA [4]

(Perdida de riso.) Oh! é d'uma delicadeza!...

CARLOS [6]

Minhas senhoras, reitero o pedido de me fazerem as honras da casa a estes senhores.

ROSADO [5]

(Baixo, tendo estado a olhar para Barcellos.) Tem a certeza de que aquelle homem se chama Barcellos?

CARLOS

(Desconfiado.) Tenho: porquê?

ROSADO [5]

Nada... É d'uma similhança espantosa!

FATEIXA

(Com duas garrafas, uma bandeja e copos, dirigindo-se para o portaló.) Ó rapazes! *Salta* cá arriba!

FREDERICO

(Offerecendo o braço a Emilia.) Minha senhora...

ROSADO

(Para Carlos.) Terá a bondade de me mostrar o seu diario?

CARLOS

Pois não, immediatamente. *(Vão a sahir para a E. e param á voz de Fateixa.)*

FATEIXA

(Desce ao segundo plano.) Ó capitão, a gente do escaler não póde subir sem licença do snr. tenente.

ROSADO

Que subam.

FATEIXA

(*Sóbe ao segundo plano.*) O snr. tenente dá licença, arriba, rapazes!

ROSADO

(*Dando o braço a Rosalia.*) O seu braço, minha senhora. (*Rosalia dá-lhe o braço e caminham todos para a ré. Rosado, comsigo, olhando para Barcellos.*) É singular tal similhança!

(*Todos desapparecem para a ré, á excepção de Barcellos, que parece evitar as vistas dos officiaes. Pelo portaló entram os marinheiros, tripulantes do escaler, com o patrão. Fateixa começa a distribuir o room e as bolachas. Da prôa vêem alguns marinheiros da* Diamantina, *que parecem fraternisar com elles, e trocam entre si tabaco em rôlo, charutos e cigarrilhas.*—N. B. *O nevoeiro vai adquirindo rapidamente as proporções de cerração, a ponto de quasi não se vêr a fragata. Anoitece tambem rapidamente.*)

SCENA VIII

BARCELLOS, FATEIXA, MARINHEIROS DA *DIAMANTINA* E DA FRAGATA, DEPOIS SILVESTRE

BARCELLOS

Não me resta a mais pequena duvida. Aquella commoção, mostra evidentemente que ha alli grande sympathia; e as mulheres... em se lhes dispertando pela primeira vez taes sentimentos, são teimosas! Bem: execute-se o plano... atrevido, mas inevitavel. (*Chamando para a ré*). Silvestre!

FATEIXA

(*Para os marinheiros.*) Vá, vá! ellas hão-de ficar vasias!

O GAGEIRO DE PRÔA DA FRAGATA, PATRÃO DO ESCALER

E viva o capitão *Mata-Negros*, e *male* os tripulantes

da *Diamantina*, que, apesar de *mercantões*, são bizarros como *quaesqueres* marinheiros de guerra!

SILVESTRE [1]

(*Vindo da ré, baixo para Barcellos.*) Chamou?

BARCELLOS [2]

Chamei; olha! (*Apontando para o mar.*)

SILVESTRE

(*Visivelmente assustado.*) Uma *cerração* temivel.

BARCELLOS

Além d'isso, o navio, *atravessado* como está, vai cahindo para a costa com grande velocidade. Julgo que estaremos muito proximos de Cabo Verde.

SILVESTRE

(*Tremulo.*) E então?

BARCELLOS

Então? Os nossos planos!...

SILVESTRE

Pois sempre quer...

BARCELLOS

(*Reparando em Fateixa, que os não perde de vista.*) Cuidado! Falla devagar. O espião do commandante observa-nos.

SILVESTRE

(*Baixando mais a voz.*) Mas sempre está resolvido...

BARCELLOS

Resolvidissimo! O capitão vai cada vez mais desconfiado commigo; a presença do tenente Albergaria a bordo, o alvoroço d'essa rapariga e o d'elle, confirmam-me o que, pelas conversações que tivemos, já sabia: amam-se extremosamente; e quando uma mulher ama devéras, baldadas são as pretenções d'outro, que não seja o escolhido do seu coração. Emilia recusar-se-ha a casar commigo; vêr, portanto, dissipado o sonho de tanto annos, é absurdo, é covardia! (*Depois de pausa.*) São duzentos e vinte e dois contos para nós dois, Silvestre!

SILVESTRE

(*Radiante.*) Tanto dinheiro!!...

BARCELLOS

E as feitorias que ainda ficaram em Angola? Depressa acharemos meio de lá voltar; ninguem saberá antes d'isso o que aconteceu, e chegados, vendemos tudo, porque me reconhecem como o unico *gerente* da casa Travassos, e... fugiremos depois para o fim do mundo, mas... millionarios! millionarios!

SILVESTRE

Porém... que crime, snr. Barcellos!

BARCELLOS

E elle? não tem usufruido uma fortuna que lhe não pertence? Não foi tambem por meio d'um crime que a obteve?

SILVESTRE

Mas...

BARCELLOS

Se não quizeres... olha; ao ponto a que as coisas chegaram... não pódes recuar. Se te lembrasses de me accusar... (*mostrando-lhe uma navalha*) tirava-te a vida!

SILVESTRE

(*Recuando.*) Credo!!

BARCELLOS

Se me não segues, embora não me denuncies, morres tambem... com elles! Ou morrer, ou ficar rico. Escolhe. Decide-te.

SILVESTRE

Que remedio!... É questão de bolsa, ou vida! Mas... porque motivo é que só no fim de vinte e um dias de viagem lhe deram as pressas de pôr em execução esse plano?

BARCELLOS

Porque não me convém ir para Lisboa; o tenente Rosado tambem para lá vai, e suspeita conhecer-me. Estou aqui, e estou descoberto. Conheço a parte da costa para onde vamos descahindo, e poderemos, portanto, evadirnos com toda a facilidade. Perder o ensejo, seria loucura.

SILVESTRE

Bem! São duzentos e...

BARCELLOS

E vinte e dois contos em dinheiro e papeis de credito. Está tudo debaixo da minha chave.

SILVESTRE

Estou resolvido. *(Depois de silencio.)* E as pobres raparigas, coitadas!

BARCELLOS

(Com cynica ironia.) A Providencia que as salve.

SILVESTRE

E se as encontrassemos algum dia?

BARCELLOS

Dir-lhe-iamos que escapamos milagrosamente com o que tinhamos no corpo.

SILVESTRE

Bem: está dito.

(Escuro. É noite completa: já se não vê a fragata. Alguns marinheiros vão á prôa buscar lanternas de vista d'osso, e conservam-se ainda com os da fragata, comendo e bebendo.)

BARCELLOS

Bem! Tambem eu agora digo. Sabes aonde estão as garrafas da *aguardente?*

SILVESTRE

Sei, sim, senhor. Mas se elles desconfiam!...

BARCELLOS

Não desconfiam, não; temos um bom pretexto para lh'a distribuir, á vista do que o capitão fez com a tripulação do escaler. (*Sente-se ao longe um tiro de peça.*)

SILVESTRE

O que é aquillo?

BARCELLOS

É de bordo da fragata, receiam talvez que o escaler vá já de volta, e com a *cerração* não veja onde ella pára.

SILVESTRE

Olhe que estou já a tremer, snr. Barcellos!

*

BARCELLOS

Covarde! Mais tremerás... de alegria, quando te vires com um cabedal de «principe!»

SILVESTRE

Quem ficará em cima esta noite?

BARCELLOS

Até ás dez horas é o piloto, bem sabes. (*Novo tiro de peça.*) Estão apressados! Tudo nos corre ás maravilhas!

SILVESTRE

(*Olhando para a ré.*) Elles ahi vem.

BARCELLOS

(*Afastando-se mais para a prôa.*) Pois em sahindo, e que os mais vão para baixo, trarás a aguardente. Agora vê lá se tremes!...

SCENA IX

OS MESMOS, ROSADO, FREDERICO, CARLOS E AYRES
TODOS DA RÉ

CARLOS

Com este nevoeiro que se levantou devem procural-a na nossa *alhêta,* porque a fragata, em razão do panno com que estava *atravessada,* de certo andou menos do que a minha *Diamantina.*

ROSADO

Ah! havemos encontral-a: tenho faro para estas coisas. (*A gente do escaler desce pelo portaló, depois de se despedir da tripulação da galera.*)

FREDERICO

(*Para Carlos.*) Adeus, meu bravo capitão, até á vista.

CARLOS

Até cedo em Lisboa. (*Novo tiro de peça da fragata.*)

ROSADO

Coitados! estão em *brasa!* Ó capitão faz favor de mandar fazer um tiro, para lhes indicar que sahimos agora de bordo.

CARLOS

Pois não. (*Para os seus.*) Fogo ahi a uma d'essas peças. (*Um dos marinheiros vai buscar o morrão e dispara.*)

FREDERICO

Boa viagem, Carlos.

CARLOS

(*Abraçando-os.*) O mesmo lhes desejo (*Rindo*); e se toparem por ahi com algum pobre *negreiro*, poupem-no, em acção de graças d'este feliz encontro. (*Marinheiros com lanternas. Dirigem-se todos para o portaló.*)

FREDERICO

(*Vendo Barcellos.*) Oh! por aqui, snr. Barcellos! Não quiz honrar-nos com a sua presença?

BARCELLOS

Estava alguma coisa incommodado.

ROSADO

Até a voz!... Isto é extraordinario! (*Chegando-se ao portaló.*) Está ahi o gageiro de prôa?

GAGEIRO

(*Lá de baixo.*) Prompto!

ROSADO

Venha cá.

GAGEIRO

(*Apparecendo ao portaló e descobrindo-se.*) Ás ordens, snr. tenente.

ROSADO

Você andou na *Urania?*

GAGEIRO

Saberá v. s.ª que sim, senhor; lá andei sete annos.

ROSADO

Pegue n'uma d'essas lanternas, e diga-me se conhece aquelle senhor. (*Indica-lhe Barcellos.*)

BARCELLOS

(*Comsigo.*) Pois verei morrer tão estupidamente todas as minhas ambições? Coragem! (*Alto.*) O que quer dizer?

ROSADO

(*Para o gageiro.*) Veja!

GAGEIRO

(*Elevando a lanterna.*) Olá!

ROSADO

Conhece?

GAGEIRO

Para fallar verdade, saberá v. s.ª que...

ROSADO

(*Vendo que elle não continúa.*) Que...?

GAGEIRO

Que, sim senhor, conheço.

BARCELLOS

A mim?!

ROSADO

Quem é?

GAGEIRO

É o snr. Antonio Duarte, marinheiro que foi da *Urania.*

CARLOS

(*Com uma exclamação de feroz alegria.*) Ah!!! Até que emfim!...

BARCELLOS

(*Para o gageiro.*) Vocemecê está doido, homem!

GAGEIRO

Isso lá é que não estou; e, como nunca menti em minha vida...

ROSADO

Bem; deixemo-nos de mais exclamações. (*Sem se alterar, para Barcellos.*) Tenha a bondade de me acompanhar: está prêso á *ordem* do snr. *Major-General.*

BARCELLOS

Eu?!... Mas estão enganados: tive um irmão que foi marinheiro a bordo da *Urania;* mas eu...

ROSADO

Pois bem, bem, lá a bordo haverá todas essas explicações; por agora, está prêso á *ordem do snr. Major-General da Armada.*

FREDERICO [3]

(*Desce.*) Mas... tenente, se effectivamente houver

engano, como estou convencido, incommodar este senhor no meio da sua viagem...

ROSADO

(*Para o gageiro.*) Assegura o que disse, gageiro?

GAGEIRO

Ah! lá isso asseguro.

ROSADO

Tenham paciencia; o que disse está dito. (*Para Barcellos.*) Acompanhe-me.

BARCELLOS

(*Comsigo.*) Que estupidez de vida esta! Agora... tenho de me deitar ao mar.

CARLOS [2]

(*Sahindo da especie de estupefacção em que tem estado, com os olhos cravados em Barcellos.*) Perdão!... (*Para Rosado.*) Além do desdoiro que resultará para o meu navio, se effectivamente este senhor, como tambem creio, fôr incommodado por um deploravel engano, tenho razões fortissimas para supplicar encarecidamente ao snr. tenente Rosado que não persista n'esse intento. Espero que...

ROSADO

(*Cada vez com a voz mais delgada em razão da sua perturbação.*) Realmente, tenho pena da minha... precipitação; mas, sou militar; invoquei o nome de uma authoridade superior, e só ella agora póde pôr fim a este negocio.

CARLOS

Pois bem, snr. tenente; o ser militar não dá direito á ingratidão. V. s.ª confessou ha pouco lá em baixo na minha camara, que me devia a vida: em presença d'esse serviço, não quererá de certo recusar-me... a liberdade d'aquelle senhor.

ROSADO

(*Afflicto.*) Tenho o maior desgosto!... Não posso, capitão! Está prêso á *ordem* do snr. Major-General...

FREDERICO [2]

Mas se ninguem fallar mais n'isto...

ROSADO

Ninguem?... Ora essa! E a minha consciencia de militar não me fallará bem alto?

CARLOS

(*Baixo: tambem afflicto; mas sempre com uma certa terribilidade no gesto, puxando Rosado de parte.*) Por tudo quanto lhe é mais caro no mundo, tenente, peço-lhe que m'o deixe aqui! Tenho que exercer sobre elle uma vingança tremenda! Sagrada, se n'esta palavra não vai uma blasphemia.

ROSADO

(*Rapido.*) Mas...

CARLOS

(*O mesmo.*) Não queira que me arrependa de o haver salvado! Não queira que... Se m'o leva, deixo o meu navio, deixo a minha unica fortuna!... tudo! para seguir esse homem! (*Novo tiro da fragata.*)

FREDERICO

(*Para Rosado.*) Então, tenente?...

ROSADO

(*Commovido pelo tom de Carlos.*) Snr. capitão, pela primeira vez falto ao meu dever! V. s.ª responde-me por elle vivo, ou morto, quando chegarmos a Lisboa. Dá-me a sua palavra de honra que o ha de apresentar no *Quartel General da Marinha*?

CARLOS

(*Solemnemente.*) Ou vivo, ou morto, dou-lhe a minha palavra de honra!

ROSADO

Bem; boa viagem. Desculpe o desgosto que lhe causei. Adeus. (*Dá-lhe um abraço, e desce o portaló com Ayres e Frederico, que tambem abraça o capitão. Silvestre sahe para a ré.*)

SCENA X

CARLOS, BARCELLOS E FATEIXA, AO FUNDO

CARLOS [2]

(*Depois de silencio e trazendo Barcellos á bôca da scena.*) Chama-se realmente Antonio Duarte?

BARCELLOS [1]

(*Comsigo.*) Saberá tudo?. . . . (*Alto.*) Sim, senhor; chamo-me Antonio Duarte.

CARLOS

(*Tremulo.*) Esteve em Moçambique ha vinte e tantos annos?

BARCELLOS

Que idéa!. . . Será este o. . .

CARLOS

Responda!

BARCELLOS

Nunca estive em Moçambique.

CARLOS

(*Furioso.*) O coração não me enganava! Mente. Esteve!

BARCELLOS

(*Perturbado.*) Snr. capitão!. . . Se lhe digo que. . .

CARLOS

(*Com a cabeça perdida, lançando mão de um espeque de artilheria.*) Covarde!. . . Assassino!. . . (*Vai a descarregar-lhe o espeque sobre a cabeça.*)

FATEIXA

(*Agarrando-lhe o braço e com muita humildade.*) Perdão, capitão; não *maréa* o navio, que ainda está *atravessado,* e que vai cahindo para a costa!

CARLOS

(*Encarando com um e outro estupidamente e cahindo em si.*) Tens razão. . . (*Depois de silencio, e contendo-se a muito custo.*) Senhor (*Accentuando*) Antonio Duarte. . . livrei-o da calcêta, como desertor, livrei-o de subir ao pa-

tibulo, como assassino!... O senhor pertence-me!... (*Terrivelmente.*) É meu!!

BARCELLOS

Seu!?...

CARLOS

(*Chegando-lhe o punho á face.*) Meu!!... meu!!... (*Depois de silencio.*) Vá-se d'aqui!... Está no meu navio, debaixo do meu poder absoluto!... Aqui só eu governo! aqui sou mais que o rei!... Sós, entre o mar e o céo, perante a sua consciencia que o condemna, e Deus, que me approva, podia, devia matal-o! Não quero! Em terra lhe direi quem sou; e então... (*Depois de curto silencio.*) Vá-se da minha presença!

BARCELLOS

(*Comsigo.*) É elle!... D'aqui a pouco, nada terei que receiar. (*Sahe para a ré.*)

SCENA XI

CARLOS, FATEIXA, DEPOIS MARINHEIROS
QUE ENTRAM E SAHEM A SEU TEMPO

CARLOS

(*Que ficou ainda meio estatico, olhando para onde sahiu Barcellos.*) Achei-o!!...

FATEIXA

(*Chegando-se-lhe tremulo.*) Meu capitão!... (*Choroso*) Não se agonie!... Nunca o vi assim!... Isso póde fazer-lhe mal!

CARLOS

(*Agarrando-lhe nervosamente por um braço.*) Não te entendo! que dizes?!

FATEIXA

(*Choroso.*) Valha-nos Nossa Senhora da Bonança, que o meu rico capitão endoideceu!

CARLOS

(*Cahindo mais em si.*) Não me digas isso, rapaz! (*Passando a mão pela testa, e depois de silencio.*) Obrigado,

Fateixa! Ainda tenho amigos no mundo! Obrigado, rapaz! Fizeste-me um grande serviço, em me não deixares matar aquelle homem! (*Dando-lhe machinalmente um abraço.*)

FATEIXA

(*Radiante de alegria.*) O meu capitão deu-me um abraço!!...

CARLOS

(*Desabrido.*) Não dei tal! Mentes!

FATEIXA

(*Muito contente e à meia voz.*) Se deu!...

CARLOS

Nem uma palavra do que viste, e ouviste! Vai-te deitar.

FATEIXA

Cá vou, capitão. (*Comsigo com alegria pueril.*) Deu-me um abraço!... Estou aqui, estou *segundo marinheiro!* (*Sahe para a prôa.*)

CARLOS

(*Comsigo.*) Deus Omnipotente e justo! dá-me coragem para resistir ás ruins tentações que me assaltam o espirito, e me desvairam o coração! (*Depois de silencio e forcejando por socegar.*) Á gente do *quarto!*... (*Os marinheiros veem apressadamente da prôa.*) Allivia o leme! Ás obras de grande e gávea! Ala braços por sotavento! Caça a escôta á bojarrona! Ala a retranca a sotavento! Entra ahi a véla grande! Ala a bolina á gávea! Volta ahi! Gente a riba a largar joanetes! (*Os marinheiros dividem-se pelas differentes localidades.*)

SCENA XII

OS MESMOS E O PILOTO

PILOTO [2]

Boas noites, capitão.

CARLOS [1]

Guarde-o Deus, mestre piloto. Veja lá aquella *sonda-*

resa quanto dá. Estamos com uma cerração que nada se vê, e creio que temos descahido muito para a costa.

PILOTO

Em navegando no rumo do nordeste, não ha perigo.

CARLOS

Pois sim; mas veja primeiro se temos grande *fundo*.

PILOTO

Sim, senhor. (*Vai para a prôa.*)

CARLOS

(*Para cima.*) Isso lá está safo?

UMA VOZ

(*Muito do alto.*) Sim, senhor.

CARLOS

P'ra baixo. (*Os marinheiros descem pouco a pouco. Carlos passeia agitado.*)

PILOTO

(*Vindo da prôa.*) Não ha *fundo*, capitão.

CARLOS

Bem. *Caça* joanetes! Iça! (*Depois de silencio.*) *Ala braços por sotavento!* (*Os marinheiros que teem nas mãos as obras á vista, executam o que se lhes manda.*) Volta ahi a tudo. (*Os marinheiros depois de acabada a manobra, vão para a prôa.*)

PILOTO

(*Comsigo.*) Se ha um diabo assim! Agora, com uma cerração d'estas, manda-me largar *joanetes!* O rapaz está doido!

CARLOS

Andar assim, mestre piloto. Tenho pressa de chegar a Lisboa.

PILOTO

Mas... se esta cerração continuar...

CARLOS

(*Frenetico.*) Faça o que quizer; repito-lhe só que... que *tenho pressa!* Boas noites. (*Vai para o lado da prôa, como para observar se está tudo álerta: depois atravessa para a ré durante o áparte do piloto.*)

PITOTO [1]

(*Comsigo.*) Tem pressa... tem pressa!... *Por via* das *pressas* é que acontecem muitos precalços! (*Alto para a prôa, e como dirigindo uma reprehensão tacita ao capitão.*) Estejam lá promptos a atravessar, e com a *sondaresa* na mão, até vêr se allivia este nevoeiro. (*Dirige-se para a prôa.*)

SCENA XIII

CARLOS, ROSALIA E EMILIA, DA RÉ

ROSALIA [2]

(*Para Carlos que ia a sahir.*) Desculpe, snr. capitão... Vinhamos agora da camara para os excellentes *beliches* que nos preparou alli, quando notamos os seus gestos ameaçadores para com o snr. Barcellos. Minha irmã negava-se a interrogal-o (*Sorrindo*); mas eu, mais curiosa e authorisada pela bondade com que nos tem tractado, resolvi-a a acompanhar-me. Cercadas ha tantos annos por mysterios insondaveis, por palavras sem nexo para nós; emfim, por tantas coisas extraordinarias, não é para extranhar que desejemos esclarecer-nos, snr. Carlos Saraiva; poder-nos-ha levantar uma extremidade a este véo negro, que encobre a nossa verdadeira posição?

CARLOS

Sim, minha senhora, posso agora fazel-o, devo-o até, para desvanecer quanto seja possivel, essa nódoa que manchou a vida de seu pae, minha senhora.

EMILIA [1]

Ha effectivamente uma nódoa na vida de meu pae?

CARLOS

(*Sorrindo tristemente.*) Na do seu, creio que não ha, snr.ª D. Emilia; na do snr. Travassos... isso sim.

EMILIA

Quer dizer, que, na verdade, não somos irmãs?

CARLOS

Não são... (*Para a prôa.*) Tragam-me uma lanterna.

ROSALIA

Que vai fazer?

CARLOS

Lêr-lhes uma carta. Tem havido muitas occasiões de lhes revelar o que vão saber; mas... com franqueza o digo, e d'isto não me envergonho: a grande sympathia que senti e sinto pela snr.ª D. Rosalia, esse typo de angelica candura e de filial amor, obstava-me a proseguir nas minhas indagações, e cortava-me a palavra, quando me lembrava de interrogal-a. O receio em que estava, esta vacillação de qual d'esses homens era aquelle de quem eu devia tirar um desforço terrivel; o receio de que a minha mão tivesse de ir castigar seu pae, snr.ª D. Rosalia, tudo isto me tem feito guardar um profundo silencio; porque, acredite, não é galanteio... V. exc.ª é para mim um objecto de tanta veneração, de tanta... nem eu sei o que! (*Sorrindo.*) O homem de mar, quando diz d'estas coisas a uma senhora... receia sempre tornar-se ridiculo...

ROSALIA

(*Commovida pelo tom d'elle.*) Mas... não póde tornar-se de maneira alguma. Não vejo n'isso mais de que um protesto de estima e veneração, de que não sou digna, mas que muito lhe agradeço, porque devo a elle, segundo vejo, a sua repugnancia em offender o meu querido pae.

CARLOS

Faz-me justiça, minha senhora. (*Para a prôa.*) Vem essa lanterna?!

UM MARINHEIRO

(*Correndo com a lanterna.*) Prompto.

CARLOS

(*Tomando-a.*) Vai-te embora. (*O marinheiro sáhe para a prôa.*)

CARLOS

(*Puxando por uma carteira e tirando uma carta.*) Desculpem, minhas senhoras... (*Indicando-lhes as an-*

tenas.) Desculpem, mas, se vamos para a ré, poderemos ser ouvidos pelo *homem do leme*, ou pela sua criada, que está no *tombadilho*, creio eu.

ROSALIA

Tem razão, fiquemos aqui. Porque está tão tremulo, snr. Carlos?

CARLOS

Vai sabêl-o. (*Lendo e commovendo-se progressivamente.*) «Meu Carlos.—Quando te chegará ás mãos esta «carta? Não sei! talvez nunca! Talvez eu me fine por cá «n'estes desterros, sem que tu o saibas... Depois da morte «de tua mãe, parti da India com todos os meus haveres, «e com tua irmã pequenina, que para mim era a maior «fortuna! Naufraguei na costa de Moçambique; alli estive «algum tempo, esperando navio que me transportasse para «Portugal. Um malvado, em casa de quem me hospedei, «tentou contra a minha vida, com o fim, creio eu, de me «roubar! Atravessando-me a clavicula esquerda com uma «lança das que se usam no mister de *baleeiro*, lançou-me «ao mar. Não perdi de todo o alento, e vindo á tôna d'agua, «impelliu-me o instincto da vida a nadar por espaço d'um «quarto de hora. Quasi exangue, dispunha-me a morrer, «balbuciando a benção para meus filhos, quando me appa«receu de longe um navio, que *singrava costa a costa* na di«recção do sitio em que me achava. Por um ultimo esforço, «nadei para elle. Tomaram-me a seu bordo. Contei a mi«nha historia, mas o capitão não podia desviar-se da sua «*derrota*. Era um navio negreiro. D'ahi a oito dias fo«mos aprisionados por um *crusador* inglez. Deitaram-nos «em terra, e eu, sem recursos, cheio de fome, convales«cente apenas da minha ferida, caminhei, caminhei!... «rogando a Deus por minha filha, que assim ficava desam«parada, pobre creança! Não sabia em que paiz me achava: «soube-o depressa! Encontrei-me nas florestas d'aquellas «inhospitas regiões com uma horda de selvagens. Apode«raram-se de mim e conduziram-me (depois é que o soube) «para o interior de Madagascar.»

ROSALIA

Meu Deus! São os taes que devoram os brancos!?

CARLOS

São, sim, minha senhora. O pobre homem estava fadado para coisas bem horriveis! (*Continuando a leitura.*) «Apresentado ao regulo d'aquelles gentios como um ob«jecto raro, perdoou-me a morte, mandou cobrir o meu «corpo de listas das côres indeleveis de que usavam, e fez«me seu escravo. Empregado nos misteres mais abjectos, « ahi estive... quatorze annos, sem encontrar uma só pes«soa que me comprehendesse, e me suavisasse as dôres «da alma, despedaçada por tantas agonias! Appareceu alli «um navio hollandez, que hia *refrescar*, e que seguia para «a Australia. Metti-me a bordo como marinheiro, e de «*Bottanybay* te escrevo esta carta, da qual será portador «um capitão inglez, que vai brevemente para Macau. Mas... «onde estarás tu depois de tantos annos?!... A minha que«rida filha onde estará tambem?—Olha, meu Carlos, pro«cura, se poderes, esses homens em Moçambique. Um «chama-se Francisco da Serra, e o outro Antonio Duarte. «Não te posso dizer qual d'elles commetteu aquelle atten«tado inaudito, porque confundo sempre estes dois no«mes fataes. Só o que sei é que, o que me feriu, foi de«sertor da armada real, parece-me que da *Urania*. Não «lhes faças mal, para que te entreguem essa menina. Adeus, «meu Carlos! Apesar das minhas faculdades intellectuaes «se irem de dia para dia resentindo de tantas commoções «e de tanta miseria, conto embarcar-me como marinheiro «no primeiro navio que saia para Portugal. Achar-te-hei? «Viverás ainda? Se vives, e nos não tornarmos a vêr, roga «a Deus por teu pae, e ensina tua irmã a amal-o tanto, «quanto elle a ama. Pergunta-lhe se ainda conserva aquella «cruz esmaltada, que sua mãe, na hora extrema, lhe lan«çou ao pescoço...

EMILIA

(*Interrompendo-o muito commovida.*) Comprehendo agora!... Essa mulher moribunda, que me acompanhava

como a recordação d'um sonho de creança, era minha mãe. (*Tirando a cruz do collo e apresentando-a a Carlos.*)

CARLOS

(*Tomando-lh'a arrebatadamente e cahindo de joelhos, beijando-a na maior commoção.*) Oh! minha mãe!... (*Depois de silencio, revendo ávidamente a joia.*) Quantas vezes embalado no regaço d'aquella santa, e com os olhos fitos n'esta cruz, que lhe pendia do collo, eu adormecia sentindo o contacto frio do oiro roçar-me nas faces infantis! Oh! vejo-a... meu Deus! (*Levantando-se, e depois de silencio, tomando novamente a carta.*) «A cruz esmaltada que sua mãe na hora da morte lhe lançou ao pescoço. Se ainda a possuir, jura-lhe sobre ella, que a protegerás e lhe quererás como pae.» (*Muito commovido e collocando a mão sobre a cruz.*) Juro-o pela minha honra e pela alma da nossa boa mãe!

EMILIA

Finalmente... não estou só no mundo! Dê-me um abraço, meu irmão! (*Abraçam-se commovidos em silencio.*)

SILVESTRE

(*Passando ao F., vindo da ré com algumas garrafas sobraçadas, e dirigindo-se para a prôa. Comsigo, vendo-os.*) Comprehendo!... Á vista do que acaba de se passar com o snr. Barcellos, houve explicações!... Agora é uma necessidade absoluta. (*Desapparece para a prôa.*)

ROSALIA

(*Tristemente.*) Quizera felicital-os, mas... realmente não posso! O que é ventura para uns, é quasi sempre desgraça para outros; nada ha mais certo! Vejo n'essa historia singular, que meu pae está envolvido n'um crime, vejo que esta, a quem eu estremecia ha tantos annos, como irmã, tem hoje o direito de me odiar!...

EMILIA

Não, Rosalia, não devo, nem posso deixar de te estimar como minha irmã, como minha amiga, porque o teu caracter, não sahiu eivado pela... ambição, que levou esses homens a practicar similhante crime. Socega; para

mim és a mesma: elle, porém... Vês como o coração presagia? Vês como nos falla? Lembras-te quando te disse...

ROSALIA

Se lembro!... Mas... *(Commovida)* perdoem-lhe... por mim! *(Para Carlos.)* Snr. Carlos, se lhe perdoar, juro-lhe tambem que terá em mim outra irmã! Meu pobre pae!... no ultimo quartel da vida...

CARLOS [3]

Nada tenho com elle, minha senhora: que restitua a minha irmã o que de direito lhe pertence, e nunca mais o verei siquer. Para mim, nada exijo. Tenho braços e um navio... Não tocarei n'esse dinheiro, manchado pelo sangue de meu pae!

ROSALIA

(Chorando.) E hei de eu ouvir isto! Nunca mais o verei, disse, nem a mim, não é verdade?... Nem a Emilinha me tornará a vêr! oh! que se eu tal adivinhasse!... Se eu soubesse que havia de acontecer isso!... chegava alli á borda, e atirava-me ao mar. *(Dando um passo para o F.)*

EMILIA

(Agarrando-a.) Rosalia!...

CARLOS

(Ao mesmo tempo.) Minha senhora!...

ROSALIA

(Sempre chorando.) Pois não é assim!?... Nem que eu tivesse a culpa de todos estes funestos acontecimentos! Sou bem desgraçada! Em risco de ficar sem as pessoas que mais estimo... *(Descobrindo o rosto desesperada e chegando-o muito a Carlos)* porque eu tambem já sou muito sua amiga! não sabe?

CARLOS

(Sorrindo e pegando-lhe na mão.) É um anjo, minha senhora!

ROSALIA

Bom anjo este, que tem um pae que fica com o que

não é seu, para o expôr assim a ser abandonado por aquelles que ama. *(Chorando mais.)*

EMILIA

Não te afflijas, Rosalia, tudo se ha-de conciliar: verás.

ROSALIA

Não me abandonam?

EMILIA

Não, descansa.

ROSALIA

(Para Carlos.) Nem o senhor?

CARLOS

(Perturbado.) Mas... menina...

ROSALIA

Ah! sim; fujam de mim, que eu lhes direi! Ou deitome ao mar, ou sigo-os. *(Batendo com o pé.)*

CARLOS

Quem ha de abandonal-a, menina, com esse caracter bondoso, espelho do seu coração, inacessivel a qualquer maldade!

ROSALIA

Pois sim, sim; mas não quero palavras, quero factos. Jura que nunca ha de fugir de mim, com a minha querida Emilinha?

CARLOS

Mas se lhe digo...

ROSALIA

Nada quero ouvir! Jure sobre a cruz de sua mãe.

CARLOS

Pois bem; juro. *(Executa.)*

ROSALIA

(Muito contente.) Ah! agora estou descansada! *(Abraça Emilia, depois Carlos.)* Tenho mais um irmão... melhor! *(Passa a 3.)*

EMILIA [1]

(Depois de curto silencio.) E diga-me, Carlos, nunca procurou saber de nosso pae?

CARLOS [2]

Se procurei! Infructiferas, desgraçadamente, foram as minhas investigações. Eu vivia em Lisboa, frequentando o curso de marinha, quando deixei de receber as minhas mesadas. Escrevi muitas vezes para a India, mas sem nunca obter resposta. A miseria apresentava-se-me, aos dezesete annos, com toda a sua hediondez! Impossibilitado de continuar o meu curso, embarquei como practicante de pilotagem, e subi até capitão de navios. Por toda a parte busquei novas de meu pae. Apenas pude saber nas Molucas, que tinha ahi naufragado, havia muitos annos, um europeu, com o corpo todo listado, á moda dos indigenas de Madagascar, que provavelmente seria victima dos selvagens do interior. Fiz depois mais indagações, mas... em vão.

EMILIA

E que tenciona fazer? Interrogar esse Barcellos?... *(Tremula.)* Quererá tambem manchar a sua vida com um crime?

CARLOS [2]

(Sombrio.) Não sei!... Hei de fazer... o que a inspiração me suggerir. Se me podésse vingar, mas... bem atrozmente!...

EMILIA [1]

(Supplicante.) Oh! meu irmão!... o que quer fazer?!

CARLOS [2]

(Sempre com feroz serenidade.) Não sei, repito. Meu pae ha-de dizer-m'o... lá de cima.

SCENA XIV

OS MESMOS E O PILOTO

PILOTO

(Vindo da prôa. A distancia.) Capitão, olhe que navegamos em 97 pés d'agua. A cerração continúa; creio

que devemos largar panno, e *amarar* mais da costa, a não estarmos já mettidos em alguma...

CARLOS

(*Para ellas.*) Recolham-se aos seus *camarotes;* vamos manobrar, e não é conveniente que as vejam aqui. Até ámanhã. Dissimulem, quanto poderem, o que acaba de se passar entre nós. (*Entregando a cruz a Emilia, depois de a beijar.*) Hoje tambem póde orar, diante d'esta sagrada recordação, pelo eterno descanso d'aquelle que nos deu o sêr.

EMILIA

Talvez; mas... não sei! diz-me o coração que ainda o hei de abraçar!

CARLOS

(*Sorrindo tristemente e duvidoso.*) O céo a ouvisse!... Adeus, senhora... (*Sorrindo.*) O que é de costume! Nunca julguei poder servir-me d'esta phrase:—Adeus, minha irmã! (*Offerece-lhe a mão.*)

EMILIA

(*Apertando-lh'a.*) Adeus, meu irmão.

ROSALIA

(*Para elle, estendendo-lhe a mão.*) E eu?

CARLOS

(*Sorrindo e apertando-lh'a.*) Adeus, minha...

ROSALIA

(*Atalhando-lhe a phrase.*) Irmã... mais nova, sim?

CARLOS

(*Beijando-lhe a mão.*) Sim.

ROSALIA

Que coisas tão extravagantes que eu vou sonhar, meu Deus!

CARLOS

(*Depois de as acompanhar até desapparecerem á ré, para o piloto.*) O que dizia, mestre piloto?

PILOTO

Dizia que temos noventa e sete pés d'agua, que precisamos largar panno e *amarar,* se é que não estivermos

por ahi mettidos em alguma *alhada*. Aquelle Zé Mathias esta noite parece que está com o diacho no corpo a governar o navio!

CARLOS

Pois tire panno; *rize as gáveas*, se lhe parecer: eu não estou com cabeça para nada! Vou encostar-me até ás dez horas, e se me demorar, mande chamar-me.

PILOTO

Sim, senhor.

CARLOS

Até logo. Fique-se com Deus. (*Sahe para a ré.*)

PILOTO

(Comsigo.) Que demonio terá elle... *(Alto para a ré.)* Ó Zé Mathias! Tu *orças*, homem?! O que estás tu a fazer?! *(Depois de silencio.)* Não ouves?!

SCENA XV

PILOTO, FATEIXA E MARINHEIROS A SEU TEMPO

FATEIXA [1]

(Correndo da ré.) Ó mestre piloto! Veja se manda render o Zé Mathias!... Não sei o que é aquillo!... Não faz senão cabecear em riba da *roda* do *leme*, e lá coisa de governar, é que não! Eu creio que elle está *borracho*, mestre piloto.

PILOTO [2]

O que dizes tu, rapaz?! O Zé Mathias *borracho!*... Isso não é possivel!

FATEIXA

Faz incrivel, faz! mas olhe que está, mestre!

PILOTO

(Gritando.) O Zé Mathias!...

FATEIXA

(Que se tem aproximado da ré.) Olhe! está ou não está? Lá cahiu!

PILOTO

Salta lá ao leme, depressa!

FATEIXA

Prompto! *(Corre para a ré.)*

PILOTO

(Comsigo.) Ora esta! Nunca vi o Zé Mathias embriagado! *(Alto para a prôa.)* Olá, *gentes!* leva arriba! *(Veem da prôa sete marinheiros e o gageiro grande.)*

PILOTO

(Para um d'elles.) Ó Antonio *Zarolho,* vai para o leme, que o Zé Mathias está... incommodado, creio eu. *(Resmungando.)* Ora esta!... Deixa que tu m'o pagarás! *(O marinheiro que elle designou sahe para a ré.)*

PILOTO

(Para o gageiro.) Então só isto?! Aonde estão os outros?

GAGEIRO

(Perturbado.) Ó mestre piloto... você vai ficar *como uma bicha!* Os mais estão... estão a dormir, creio eu, e... como uns *cachos!*

PILOTO

(Espantado.) Tambem estão bebados?!

GAGEIRO [3]

Creio que sim; e elles que dormem como uns bemaventurados...

PILOTO [2]

Homem!... esta é nova!...

FATEIXA [1]

(Correndo da ré.) Ó mestre piloto, eu lá dei o leme ao Antonio *Zarolho,* mas olhe que o homem não está bom!

PILOTO

Que dizes tu, rapaz!?

FATEIXA

Pela minha salvação, que o Antonio *Zarolho* tambem *está prompto!* Aquillo foi da aguardente que um dos snrs. passageiros mandou distribuir á gente do *quarto por via* do frio. Deu-lhe aguardente á *ufa!*

PILOTO

Ah! grandes *borrachões!*... Eu os ensinarei, deixem estar!

FATEIXA

(Rindo.) Vocemecê tambem bebeu, mestre piloto: porque não lhe recommendou que bebessem pouco?

PILOTO

(Desesperado.) Eu já os vou ensinar com o *chicote de um cabo,* tratantes! Ora não ha uma patifaria assim! Vá!... Vocês ahi ás *obras de joanetes! (Os marinheiros obedecem todos, abrindo muito a bocca, e outros espreguiçando-se.)*

PILOTO

Vá! isso *lestro! (Depois de silencio.) Arria e carrega!* Bracêa por *barlavento!* (*Os marinheiros obedecem: ouve-se o chiar dos gornes, depois de silencio.*) Salta lá arriba *a ferrar,* e soltem-me as *troças* e *amantilhas,* que quero as *vergas* cá p'ra baixo. (*Os marinheiros sóbem pelas enxarcias e desapparecem na linha da bambolina do regulador.*)

FATEIXA

Deixa-me ir lá a cima, mestre piloto? São poucos...

PILOTO

Vai, mas toma cuidado comtigo.

FATEIXA

Não tem duvida!... (*Desapparece na mesma linha da enxarcia.*)

PILOTO

(*Abrindo muito a bocca.*) Ora o demo dos homens!... Olhem se o capitão sabe d'isto!

SCENA XVI

PILOTO, SILVESTRE, DEPOIS FATEIXA E OS MARINHEIROS

SILVESTRE

(*Com um grande frasco na mão.*) Boas noites, mestre piloto.

PILOTO [1]

Boas noites. Então você *arranjou-me* bem a gente do *quarto!*

SILVESTRE [2]

Porque?

PILOTO

Está tudo *borracho* com a aguardente que você lhe deu.

SILVESTRE

Bebem que nem os negros no Brazil!... Se todos fizessem como vocemecê... É verdade: vá lá mais uma gôta, mestre piloto?

PILOTO

Você será o diabo, homem? Venha lá, mas cautela! (*Depois de beber.*) Elles teem razão, os ladrões! Esfriou, que parece que estamos na Russia!

SILVESTRE

Vá mais, vá! que não lhe faz mal.

PILOTO

(*Recusando.*) Qual mais, nem meio mais! Você quer pôr-me como elles?

SILVESTRE

Oh! Deus me livre! (*Tomando o frasco.*) Sabe que mais, mestre piloto? A *modos* que esta viagem vai-se estendendo!... Pois não acha?

PILOTO

(*Abrindo a bocca.*) Lá isso vai; mas agora boas noites! o capitão assim o quiz ao principio... (*Cambaleando com somno.*) Mas em alevantando este nevoeiro, se Deus quizer, havemos *singrar* mais veloz.

SILVESTRE

Eu cá por mim tomára-me vêr já em Lisboa!

PILOTO

(*Cambaleando.*) Tambem eu, que ha um par de mezes que ando por cá... (*Encosta-se ás antenas e cerra um pouco os olhos. Os marinheiros descem uns após outros. Momento de silencio.*)

SILVESTRE

(*Para o gageiro, indo-lhe ao encontro.*) Vai mais, camarada gageiro?

GAGEIRO

(*Tomando o frasco.*) Veja lá se o piloto vê!...

SILVESTRE

Qual! está passando pelo somno, creio eu. (*Insistindo.*) Vá, vá, rapazes! Está frio de levar o nariz á gente!

GAGEIRO

Ah! lá isso está. (*Bebe.*)

SILVESTRE

Passe palavra. (*Os marinheiros bebem todos, uns depois dos outros.*)

SILVESTRE

(*Tomando o frasco do ultimo.*) Agora... Adeus, vou para o *beliche.* (*Dirige-se para a prôa e desapparece.*)

GAGEIRO

(*Para o piloto.*) Ó mestre piloto!... (*Vendo que elle não responde, e chegando-se-lhe.*) Mestre piloto!...

PILOTO

(*Assarapantado.*) Hein?!... O que é?... O que querem?

GAGEIRO

Os joanetes estão promptos a *arriar ao convés.*

PILOTO

(*Tonto do somno.*) Ah! bem... Larguem-nos *por mão!*

GAGEIRO

O que!? Arriar *por mão* as vergas dos joanetes?!

PILOTO

Não é isso... (*Forcejando por espertar.*) Chega ahi aos *amantilhos,* e aos *andrebellos!...*

GAGEIRO

Andrebellos!?... (*Rindo.*) Ó mestre piloto, olhe que vocemecê quer mandar deitar cá a baixo... *as vergas de joanetes!...*

PILOTO

(*Perdido de somno.*) Pois é isso... Pega nas *adriças* e *amantilhos* (*Os marinheiros obedecem.*) *Arria!* (*Os marinheiros arriam os cabos que se lhes designou, as vergas de joanetes, com o panno ferrado descem sobre o convés; estendem-nas junto das antenas.*)

FATEIXA

(*Deixando escorregar-se por um brandal abaixo.*) Cheguei tão depressa como as *vergas.* Ó mestre piloto, parece-me que a cerração vai alevantando mais.

PILOTO

Melhor! (*Fateixa e os marinheiros vão para a prôa. O piloto continúa fallando comsigo.*) Mas que demonio de somno que me havia de atacar! (*Passeando.*) Esta só pelos diabos!

SILVESTRE

(*Apparecendo á ré, comsigo.*) Ainda não dormem os malditos! Parece-me que foi pouco!... (*Occulta-se cautelosamente atraz do mastro grande.*)

PILOTO

(*Encostando-se de novo ás antenas e dando pancadas com a mão na testa.*) Nunca tive um somno assim!... *Mã raios...*

FATEIXA

(*Correndo muito contente.*) Já não ha fundo outra vez, mestre piloto!...

PILOTO

Era o baixo por onde passamos: estamos aqui estamos em Cabo-Verde! (*Para a ré.*) Orça mais, Zarolho!

FATEIXA [1]

Posso ir descansar?

PILOTO [2]

Pódes.

FATEIXA [1]

Boas noites, mestre piloto.

PILOTO [2]

Deus te guarde. (*Fateixa sahe para a prôa.*)

SCENA XVII

O PILOTO, DEPOIS SILVESTRE E BARCELLOS

PILOTO

(*Ainda diligenciando passear, mas visivelmente narcotisado, pendendo sempre para as antenas.*) Pois senhor, se isto continúa, vou, pela primeira vez, dar parte de... (*Cambaleando*) de fra... fraco! Chamo o capitão... Ora está! Com quarenta annos de embarque, nunca... nunca tal me succedeu!... Que... que... ver... vergonha! (*Diligenciando voltar-se para a ré.*) E aquelle homem tambem... *Or... orça!...* (*Cahindo estendido junto das antenas.*) Deus... nos... acuda! (*Fica sem dar signal de vida. Harmonia em surdina na orchestra, até ao fim do acto.*)

SILVESTRE

(*Vindo cautelosamente até junto do piloto.*) Ah! já, meu velho lobo-marinho! (*Para a ré.*) Snr. Barcellos... do piloto nada ha que receiar.

BARCELLOS [1]

(*Entrando cautelosamente.*) O homem do leme tambem já dorme profundamente. A *cana* está a *meio* e *aguantei-lhe* a *roda* com um *escrôpo*, que achei á mão; de fórma que não ha perigo do navio dar *guinadas*, que se tornem notaveis lá em baixo. Está a bussola na lancha?

SILVESTRE [2]

Está, sim senhor.

BARCELLOS

Vê se a gente da prôa tambem dorme, e traze dois machados dos maiores.

SILVESTRE

Sim, senhor. (*Desapparece para a prôa.*)

BARCELLOS

(*Dirige-se ao piloto e certifica-se de que elle dorme.*) Bem. Agora... a lancha. (*Dirige-se para a ré.*)

SILVESTRE

(*Da prôa com dois machados.*) Dormem todos profundamente. Aqui estão os machados.

BARCELLOS

Vamos á lancha. (*Dirigem-se para onde se suppõe que ella esteja, e desapparecem por um instante.*)

PILOTO

(*Sonhando afflictivamente.*) Valha-me Deus!... A cerração... nordeste. Se eu... podesse acor... acordar!...

(*Barcellos e Silvestre vindo alando um cabo, como a sirga, e prendendo-o n'um dos ovens da enxarcia, proximo ao portaló.*)

BARCELLOS

Tambem lá pozeste a barrica de bolacha, e o barril d'agua?

SILVESTRE [2]

Sim, senhor; lá está tudo.

BARCELLOS [1]

E as armas?

SILVESTRE

Tambem. E... e o dinheiro?

BARCELLOS

Está todo n'um cofre debaixo dos paneiros da lancha. Agora aos escaleres.

SILVESTRE

Aos escaleres?! O que?

BARCELLOS

Picar as estralheiras e fundas para os deitar fóra dos turcos.

SILVESTRE

De fórma que ainda que se queiram salvar...

BARCELLOS

Com os escaleres ás ordens, depressa nos alcançariam: Vamos... (*Desapparecem para a ré, e pouco depois ouvem-se umas pancadas surdas como de machados sobre cabos. Depois de seis ou sete pancadas ouve-se a queda de um corpo pesado na agua.*)

BARCELLOS

(*Depois de pequeno intervallo de silencio, atravessando a scena com Silvestre.*) Agora o de *vante*. (*Desapparecem para a prôa, e d'ahi a pouco as mesmas pancadas e a mesma queda na agua.*)

PILOTO

(*Sonhando.*) Que *pesadello!*... Se Deus me acordasse!... Não... não posso!... parece que... que... mor... ro!...

BARCELLOS

(*Entrando novamente com Silvestre.*) Bem, vigia que não venha o capitão, em quanto eu cá vou abaixo á coberta. Fica ahi no portaló, e se elle vier dá-me signal. (*Desapparece pela escotilha grande.*)

SILVESTRE

(*Só, tremulo e ancioso.*) O capitão vem para cima, não tarda!... O que póde o dinheiro! Que crime!... que de mortes!... que desgraças! Mas... duzentos e vinte e dois contos. (*Escutando.*) Sinto passos!... E se eu saltasse para a lancha, e fugisse á força de remos?... Mas não conheço estas paragens... Quem sabe lá aonde iria... Muito se demora o maldito! (*Vacillante.*) Estamos proximos da costa... Podia talvez ficar eu só com... (*Enthusiasmado*) tanto dinheiro! Ih! Jesus! muito se demora!... (*Depois de silencio.*) Eu... deixo-o a bordo!... Mas depois?... Se elle me encontrar algures... ah! eil-o.

BARCELLOS

(*Da escotilha grande.*) Está tudo acabado! Desce, Silvestre! Estamos salvos, e... ricos!

SILVESTRE

E esta gente? Se algum dia nos apanhar?

BARCELLOS

D'aqui a um quarto de hora, vai tudo pelos ares! (*Desce pelo portaló com Silvestre e desapparecem. Momento de silencio: a harmonia continúa na orchestra, sempre em surdina.*)

SCENA XVIII

O PILOTO DORMINDO, FATEIXA, DEPOIS CARLOS

FATEIXA

(*Entrando da prôa.*) Ó mestre piloto, que pancadas seriam aquellas, que... (*Vendo-o estendido junto das antenas.*) O que é isto?! (*Puxando-lhe por um braço.*) Ó mestre piloto!... mestre piloto! (*Assustado.*) Isto não é natural!... O homem estará morto?... (*Escutando de joelhos junto d'elle.*) Mas... elle respira! (*Abanando.*) Mestre piloto!... (*Levantando-se.*) Nada! Os outros tambem estão a dormir como uns bem-aventurados... Isto não é natural! Eu vou dar parte ao capitão. (*Vai sahir para a ré.*)

CARLOS [1]

Aonde vais?

FATEIXA

(*Tremulo.*) Ó capitão... eu ia á *cata* de vocemecê... O piloto não sei o que tem!... a gente do *quarto* tambem não dá signal de si...

CARLOS

Que dizes tu, rapaz?

FATEIXA

Digo-lhe isto! Ou está tudo *borracho*, ou não sei o que teem hoje todos!

CARLOS

Será possivel que... (*Depois de observar o piloto, puxando-lhe por um braço e escutando*). Este homem está narcotisado!... Prevejo uma grande infamia!... (*Dirige-se apressadamente para a prôa.*)

FATEIXA

(*Olhando para a ré, e aproximando-se.*) Bravo! O timoneiro cahido ao pé do leme!... Isto está bonito! (*Aproximando-se mais da ré.*) E o leme *aguentado* a meio com um cabo!... Bonito! (*Para Carlos, que entrou.*) Capitão,

a *cana* do leme está amarrada a meio, e o homem cahido como o piloto!

CARLOS [2]

(*Com terrivel serenidade.*) Comprehendo!... a gente do *quarto* no mesmo estado!... Que comeram ou beberam estes homens, Fateixa?

FATEIXA

Beberam aguardente que o snr. Barcellos mandou distribuir pelo Silvestre!

CARLOS [2]

(*Que foi á borda, voltando.*) E os escaleres não estão nos turcos!... Esse miseravel, depois de me inutilisar a gente do *quarto*, fugiu e lançou os escaleres ao mar, para evitar que eu o seguisse. Bem! (*Dando um murro nas antenas.*) Oh! hei de encontral-o, ainda que se esconda no inferno!

FATEIXA

(*Que se aproximou da escotilha grande, voltando muito aterrado.*) Ó capitão!... Ó meu rico capitão, que parece que temos fogo a bordo!!...

CARLOS

(*Dando uma gargalhada terrivel, e com a resignação do desespêro.*) Sim... era a unica maneira de ficar impune!... Meu Deus!... e consentireis isto?! (*Depois de silencio e assumindo o seu ar habitual.*) Salta lá á prôa a tocar o sino, até se partir, para acordar essa gente que lá está em baixo, se é que não estiver no mesmo estado.

FATEIXA

Cá vou! Valha-me Nossa Senhora! (*Sahe correndo para a prôa.*)

CARLOS

Coragem, meu Deus!... coragem!... (*Ouve-se o sino tocar desesperadamente.*)

CARLOS

Vejamos aonde é o fogo. (*Desce apressadamente pela escotilha grande.*)

SCENA XIX

EMILIA, ROSALIA, DEPOIS CARLOS, FATEIXA
E MARINHEIROS

EMILIA [1]

(*Para Rosalia, vindas da ré.*) Digo-te que senti distinctamente cahir ao mar uns corpos pesados; além d'isso, aquellas pancadas surdas e prolongadas não são naturaes a similhante hora!... E este toque tão apressado...

ROSALIA [2]

Meu Deus!... estás a assustar-me cada vez mais! Nós nada entendemos d'isto; talvez sejam tudo coisas naturalissimas, e...

EMILIA

(*Cada vez mais assustada.*) Talvez; no entretanto... não sabes, por experiencia, como o coração me adivinha?

CARLOS [3]

(*Da escotilha grande, com um par de pistolas na mão.*) No *paiol* dos *sobrecellentes,* proximo ao *paiol da polvora!*... Que previdente é aquelle homem! (*Vendo-as.*) Que fazem aqui, minhas senhoras?

ROSALIA

Pareceu-nos ouvir...

CARLOS

Orem a Deus para que nos salve... sobretudo, para que me dê a coragem que até hoje tenho conservado em todos os perigos da minha vida do mar.

EMILIA

Estamos em perigo?

ROSALIA

O que é, snr. capitão?

CARLOS

Recolham-se ao *tombadilho;* a sua presença...

ROSALIA

Se ha perigo, deve animal-o a nossa presença, creio eu!...

CARLOS

(*Sem lhe responder e para os marinheiros que vieram de prôa apressados, uns descalços, outros em mangas de camisa; uns cobertos, outros não*, etc.) Chega aqui! todos! (*Chegam-se e formam grupos junto ao mastro do traquete.*) O primeiro que me soltar um grito, um ai, uma palavra de terror, faço-lhe saltar os miollos! (*Depois de silencio, engatilhando as pistolas.*) Temos fogo a bordo. (*Sussurro de horror nos tripulantes.*) Silencio!! Está ahi o *fiel do porão?*

FIEL

Prompto.

CARLOS

Quantas arrobas de polvora ha no *porão?*

FIEL

Vinte e duas.

CARLOS

(*Para os marinheiros, que vai designando.*) João Bateira, Antonio, e tu lá, Córado, vão ao *paiol,* e... deitem-me ao mar toda a polvora, excepto uma barrica encartuxada, que hão de trazer para alli. (*Indica-lhes a amurada.—Para outro marinheiro.*) Tu, Guilherme, vai para o leme, desamarra-lhe a cana, e governa para a costa. (*Para outros.*) Vocês vão buscar machados para *picar* os mastros, se fôr preciso. (*Para os mais.*) Nós, ao *paiol dos sobrecellentes*, a vêr se conseguimos atalhar o fogo. (*Com grande imperio.*) Vamos! e o primeiro que me soltar um grito... morre! (*Comsigo, despindo o casaco e a jaleca.*) Coragem, meu Deus! (*Sahe pela escotilha grande com os marinheiros que designou.*)

(N. B. *Todos os tripulantes vão para os serviços que se lhes indicou, em silencio e apressados. Durante o seguinte dialogo, um traz para a amurada a barrica dos cartuxos, outros, trazendo a polvora do paiol em barricas,*

deitam-na pela borda do navio para o mar; outros trazem os machados pedidos, etc. etc. *Grande faina, mas tudo em silencio.*)

FATEIXA [3]

(*Vindo da prôa.*) Estamos arranjados, não tem duvida! E Deus não ha de castigar aquelle malvado?!

ROSALIA [2]

(*Para elle.*) Está tudo perdido, não é assim?

FATEIXA

Eu sei lá, menina! Eu creio que sim! Meu pobre capitão!... Demais a mais, ainda que a fragata esteja perto, ou outro qualquer navio, com a cerração não se vê nada!...

ROSALIA

(*Afflictissima.*) Valha-nos Deus!... e meu pae!...

EMILIA [1]

(*Com certa resignação.*) É inexplicavel esta fatalidade que nos persegue constantemente!

FATEIXA

Para onde iria o capitão?

ROSALIA

Foi para alli!... (*Para Emilia.*) Será bom acordar o pae?...

CARLOS [3]

(*Vindo da escotilha com dois ou tres marinheiros e trazendo na mão uma lanterna grande.*) Não, meninas; só se fôr para lhe dizer que o seu guarda livros, o seu socio, acaba de practicar mais esta infamia...

ROSALIA

(*Interrompendo-o.*) Parece castigo de Deus!

CARLOS

(*Para os marinheiros que teem andado com a polvora, e que estão em scena.*) O fogo foi lançado de proposito no *paiol dos sobrecellentes,* onde existe grande quantidade de cabos *alcatroados* e *pêz em rama.* Se não houver energia, coragem e obediencia, estamos perdidos! Ao resto da tripulação e ao mestre piloto, deram-lhes um narcotico... (*comprehendendo que elles o não entenderam*) deram-lhes

*

uma coisa para os fazer dormir, e estão... como se fossem cadaveres; não contemos com elles.

UM MARINHEIRO

(*Não se podendo conter.*) Ih! Jesus!... Misericordia!

CARLOS

(*Apontando-lhe a pistola.*) Silencio!!... (*Para um marinheiro.*) João, vai tu lá acima ao *tope grande*, e amarra este *pharol* no *galope*, junto á *borla*. (*Dá-lhe a lanterna.*)

O MARINHEIRO

Com a cerração que está...

CARLOS

Faze o que te digo! (*O marinheiro sóbe pela enxarcia grande.*)

ROSALIA

(*Ajoelhando.*) Meu Deus! tende piedade de nós!

(*Emilia, de pé, junto de Rosalia, parece orar fervorosamente.*)

OUTRO MARINHEIRO

(*Vindo com os camaradas que ficaram em baixo.*) Capitão, é impossivel apagar o fogo: o fumo não deixa parar ninguem no *paiol!*

CARLOS

(*Para alguns.*) Carreguem ahi essas peças todas. (*Para os outros.*) Vocês vão arrombar tres ou quatro toneis d'agua, e deixem-n'a correr para o *paiol.* (*Alguns marinheiros tornam a descer pela escotilha grande, d'onde começa a sahir algum fumo.*)

ROSALIA

(*Para Carlos.*) E por nossa causa, snr. Carlos!... O senhor, que não queria commandar o navio...

CARLOS

São destinos, minha senhora... (*Chega o morrão a uma das peças, que dispara. Os marinheiros estão visivelmente desanimados, mas silenciosos.*)

FATEIXA]4]

(*Que tem ido á borda, voltando, e baixo a Carlos.*) E

a cerração augmentou mais agora... É impossivel que nos vejam o *pharol!...*

CARLOS

(*Baixo.*) Cala-te!

FATEIXA

(*Ajoelhando proximo do piloto.*) Valha-me a Virgem da Nazareth, minha madrinha!

CARLOS

(*Chegando fogo a outra peça.*) Carreguem aquella. (*Os marinheiros obedecem.*)

UM MARINHEIRO

(*Apressado e vindo da escotilha.*) Capitão!... O fogo arrombou já a *ante-pára do paiol* e anda na coberta!... Estamos perdidos! Olhe, capitão! (*Indica-lhe a escotilha grande por onde se vê sahir fumo e de repente uma grande chamma que torna a recolher.*)

CARLOS

Aos mastros todos! (*Agarra elle mesmo em um machado.*)

OS MARINHEIROS

(*Vendo sahir novas labaredas da coberta, recuam como fulminados e soltam um brado unisono de*) Misericordia!

CARLOS

(*Depois de silencio, e lançando fóra o chapéo.*) Pois bem!... de joelhos! (*A Emilia.*) A cruz de nossa mãe. (*Emilia dá-lh'a; elle elevando-a acima da cabeça.*) Misericordia, meu Deus!... Misericordia!... (*Os marinheiros cahem de joelhos em redor d'elle, Emilia e Rosalia veem tambem ajoelhar junto do grupo. Momento de silencio solemne, em que todos parecem orar. Sente-se muito proximo um tiro de peça de grosso calibre. Todos se levantam sobresaltados de alegria.*)

CARLOS

(*Correndo á ultima peça e dando-lhe fogo.*) Ouviu-nos, meus filhos! (*Sente-se proximo os silvos de um apito de guerra que vira por d'ávante.*)

GAGEIRO

(*Depois de ouvir o apito.*) Um navio de guerra que *vira por d'avante!*

CARLOS

O *porta-voz!*

FATEIXA

(*Indo a correr buscar-lh'o.*) Aqui está, capitão!

CARLOS

(*Chegando á borda e gritando.*) Fogo a bordo... Navega em rumo de noroeste! (*Para os seus.*) Gente, ahi ás *obras* para *atravessar!* (*Os marinheiros vão correndo a obedecer-lhe.*) *Ala braços por...* (*Não póde continuar: a galera soffre um choque terrivel que faz com que alguns caiham sobre o convés e outros se agarram aos ovens para não cahir. Por ante ávante do mastro do traquete e enrascando-se nas enxarcias de sotavento apparece repentinamente o pau da giba da fragata: sente-se um temeroso estalar de madeira, um grito unisono da tripulação da fragata e o bramir do mar debatendo-se entre as prôas dos dois navios.*)

GAGEIRO

Abalroamos com a fragata!

CARLOS

(*Correndo a Emilia e abraçando-a.*) Nossa mãe ouviu-nos, Emilia! Estamos salvos! (*Para os seus.*) Animo! Corra á prôa a *picar o gurupés* e o mais que estiver *enrascado!* Machados para cortar os *patarrazes* e tudo! (*Vão a correr, mas esbarram com os marinheiros, pagens e officiaes da fragata, que veem da próa, entre elles Rosado e Frederico: o primeiro dirige-se logo para Carlos; o segundo corre para Emilia, que ajoelhou de novo, e ajuda-a a levantar-se.*)

CARLOS

Era v. s.ª que estava de quarto?

ROSADO

Sim, senhor.

CARLOS

(*Abraçando Rosado.*) Tenente, salvou-nos... estamos quites! Mas a minha palavra...

FATEIXA

Conheço a costa; ou eu hei-de morrer, ou o meu capitão ha de desempenhar a sua palavra de honra. (*Sahe para a prôa.*)

CAHE O PANNO.

ACTO TERCEIRO

A ante-camara da fragata *Diana*, vista por estibordo: ao fundo a amurada com as suas boccas de fogo de grosso calibre, envernizadas a preto e montadas nos seus reparos, com os competentes vergueiros, talhas, etc., etc. A' direita o mastro da mezena alguma coisa inclinado para a esquerda; proximo ao mastro por ante-ávante a ante-pára envidraçada que separa aquella parte do resto da coberta; na direita baixa uma pequena porta tambem envidraçada; na direita alta outra igual, que está sempre aberta, e pela qual se vê até desapparecer na linha visual do espectador a continuação da bateria da coberta. A' esquerda, grande porta que diz para a camara do commandante. Por ante a ré do mastro a escotilha da ré, com a competente escada que vai para a tolda e que desce obliquamente para a esquerda; esta escada tem balaustres de metal amarello e vai abrindo proporcionalmente até aos ultimos degraus para o lado de baixo. Entre as peças, na amurada, em panoplias, pistolas, machados d'abordagem e sabres; no mastro, mais sabres e arcabuzes de cesto de gávea. Uma mesa redonda quasi no centro e alguns bancos de cruzeta (de abrir e fechar) á roda da mesa. Pelas portinholas das peças vê-se o horisonte e o mar. É dia.

N. B. O ondular da embarcação é muito mais doce do que o do acto antecedente.

SCENA I

ROSADO, AYRES DE SEQUEIRA, AUGUSTO NEVES
PEDRO NORONHA
E MAIS ASPIRANTES, GUARDAS-MARINHAS

(Dois aspirantes, um com uma viola, outro com uma flauta, tocam uma contradança, e os camaradas execu-

tam a ultima marca da quadrilha. Rosado dança com um d'elles, como para ensinar os outros.)

ROSADO

(*Marcando.*) Allons! chassé croisé! (*Todos executam.*) En avant deux! (*Executam.*) Mais garbo, snr. Noronha! mais garbo!... Sobretudo, mais compasso!...

NORONHA

(*Dançando sempre.*) É o snr. Neves que está a fazer escarneo de mim!

ROSADO

Qual escarneo!... Ninguem nasce ensinado! Vamos! (*Marcando.*) Traversez. (*Executam.*) Então!?... En avant! Traversez, balancez! Deite esses pés para fóra, snr. Ayres de Sequeira!... Levante a cabeça, snr. Neves!... (*Contin*ú*a marcando todas as figuras até ao final da contra-dança.*)

AYRES DE SEQUEIRA

(*Acompanhando o camarada com quem dançou até sental-o na falca d'uma das peças. Rindo.*) Minha senhora, permitta-me...

NORONHA

(*Para Rosado.*) Então, snr. tenente? Não vamos já perfeitamente?

ROSADO

Perfeitamente, não; mas emfim... já se podem vêr...

NEVES [2]

O que é original... o que é até para desesperar, é que tendo nós a bordo duas meninas tão lindas e bem educadas, estejamos aqui a dançar uns com os outros!

NORONHA [4]

É verdade! Ó snr. tenente Rosado, porque lhes não pede v. s.ª para que o venham ajudar n'esta instrucção tão agradavel?

ROSADO [5]

Creança! Depois do que lhes aconteceu, estão mesmo dispostas para dançar!

AYRES DE SEQUEIRA [5]

Pois está visto; se ellas quizessem, bem hão de ter ouvido a musica e percebido o que estamos a fazer.

NEVES

(*Com certa ironia.*) A culpa não é do snr. tenente, não. Creio que não viemos do *alojamento* dançar para a porta do snr. commandante, senão com o fim de que ellas nos ouvissem.

ROSADO

Sim? é muito esperto, o snr. aspirante Neves! (*Vai fallar com os guardas-marinhas.*)

AYRES DE SEQUEIRA

(*Para os camaradas.*) Mal presumia o snr. commandante que *crusaria* estes mares em companhia tão seductora!

NORONHA

(*Rindo.*) O peor é o pae que tambem lá está, e que é provavel que não faça senão lamentar a sua desgraça!

NEVES

Desgraça? Tomára eu ser toda a minha vida tão desgraçado como elle! Segundo disse a velha, o homem ainda ficou com um grande cabedal.

NORONHA

Mas se o tal malvado lhe levou tudo...

NEVES

Qual tudo! O que tem em Angola não lhe pôde elle levar; e as letras de cambio, em se apresentando com ellas, não lhe servirão senão de passaporte para a cadêa.

NORONHA

Sim, e o dinheiro em metal?

NEVES

Esse, provavelmente, não ha de elle ter gasto todo, quando lhe deitarem a mão.

SCENA II

OS MESMOS, CARLOS E FREDERICO

CARLOS

(Para Frederico, descendo com elle da escotilha.) Mas, meu amigo, estás enganado! não é pelo dinheiro; ha coisas no mundo muito superiores a elle... *(Para Rosado.)* Bons dias, tenente.

ROSADO [1]

(Apertando-lhe a mão.) Como está, capitão?

CARLOS [2]

Excellentemente. *(Para Frederico.)* Pódes acreditar-me: hoje não é o dinheiro que esse homem roubou, e que poderia vir a pertencer-me, que me faz assim desesperar de o perder de vista. É, em primeiro logar, o crime que perpetrou contra meu pae; em seguida, é ter-me aniquillado aquillo que mais estimava no mundo—a minha linda *Diamantina*. Se não conseguir vingar-me... acredita que me ha de matar similhante desgosto! *(Para Rosado.)* Além d'isto, lembrar-me que assim faltarei pela primeira vez á minha palavra de honra...

ROSADO [1]

Mas... d'aquella fórma, quem não havia de perjurar? Não se desconsole, capitão: da falta do cumprimento d'essa promessa, só lhe póde resultar um bem.

CARLOS [2]

Um bem?! Qual?

ROSADO

O de ficar certo da veracidade d'aquelle proverbio: «Quem seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre!»

FREDERICO [3]

Mas a final, porque motivo, tendo nós estado tão proximos de Cabo-Verde, não pediste ao commandante para te deitar em terra? Era provavel encontrar aquelle homem.

CARLOS

Quiz fazel-o; mas, por conselho do mesmo comman-

dante, resolvi mandar alguem que primeiro lhe descobrisse a pista.

ROSADO

(Para Frederico.) Julgando que a galera foi pelos ares, esse homem está certamente muito descansado sobre o seu futuro d'oiro! Se o capitão, ou alguem notavel do seu navio, saltasse em terra, logo se saberia, e tinha tempo de fugir para o interior; depois seria muito mais difficil apanhal-o. (*Remonta.)*

FREDERICO

E quem foi então o encarregado?...

CARLOS [1]

Um rapaz, *moço do governo,* que eu tinha a bordo, e que me dedicava uma d'estas amizades espontaneas e sinceras, tão vulgares nos homens do mar. Como filho de Cabo-Verde, é possivel que, mais conhecedor da terra e beira-mar, possa seguir as pisadas d'esse malvado. Munido d'uma recommendação do snr. commandante da fragata para as authoridades portuguezas, talvez que o rapaz consiga o sèu fim; mas já lá vão oito dias, e...

ROSADO [3]

E o peior é que o tempo do cruzeiro está a findar, e o commandante de certo não póde demorar-se um só dia mais.

CARLOS

É isso que me desespera! Se até hoje não houver noticias, como estamos de novo proximos a Cabo-Verde, peço-lhe que me deite em terra! (*Rosado sóbe.*)

FREDERICO [2]

(*Baixo*). E... e tua irmã?

CARLOS [1]

(*Sorrindo.*) A todo o tempo a encontrarás; e se essa paixão romanesca ainda durar...

FREDERICO [2]

Oh! Já t'o disse: só com a morte deixará de me existir aqui no coração!

ROSADO

(*Para Carlos.*) O que mais me desgosta, capitão, é vêl-o talvez sem... sem dinheiro: mas aquelle tratante tambem lá me levou os meus seiscentos mil réis, que eu havia entregado nas mãos do snr. Travassos...

CARLOS

Obrigado, tenente; como salvei o meu dinheiro, perto de oitocentos mil reis, de nada careço. Em chegando a terra, aqui ou n'outro qualquer porto, tenho a felicidade de achar sempre quem me adiante tudo quanto necessito.

SCENA III

OS MESMOS, TRAVASSOS, EMILIA E ROSALIA

(N. B. *Travassos, visivelmente doente, vem encostado ao braço de sua filha, andando com difficuldade.*)

EMILIA [4]

(*Vendo-os.*) Ainda bem que aqui está, Carlos; o snr. Travassos ia justamente procural-o.

CARLOS

(*Sêccamente.*) Estou ás suas ordens: podia, porém, ter-me prevenido; doente, como está, segundo vejo, talvez fizesse mal em sahir do seu camarote.

TRAVASSOS [4]

Muito obrigado, senhor; sinto-me consideravelmente melhor, graças aos cuidados do commandante, e mais snrs. officiaes: (*Sorrindo*) porém esses cuidados, essa mesma assiduidade, impossibilitaram-me, quasi, de lhe poder fallar em liberdade: e como é isto o que mais desejo actualmente...

CARLOS

Repito, estou ás suas ordens.

ROSADO

(*Para Frederico.*) Deixemos estes senhores em liberdade, tenente... (*Cumprimentando as duas.*) Minhas senhoras...

EMILIA [2]

(*Para Rosado.*) E a minha cruz?

ROSADO [1]

Ha de apparecer, minha senhora. Já participei o roubo ao snr. commandante, que me authorisou a proceder ás mais minuciosas pesquizas, a fim de lhe ser restituida e castigado o roubador.

EMILIA

Se apparecer, desde já peço perdão para o criminoso. O que desejo unicamente é tornar a possuir aquella sagrada reliquia.

ROSADO

Fique descansada, minha senhora.

CARLOS

(*Para Travassos.*) Creio que v. s.ª não terá duvida em fallar diante do snr. tenente Frederico d'Albergaria, logo que lhe participe que me pediu formalmente a mão de minha irmã. Se é negocio de familia, como creio, julgo por este motivo desnecessario occultar-lhe o que v. s.ª tem a dizer-me.

TRAVASSOS

(*Com certa resignação.*) Como queira: porém, sendo coisas tão desagradaveis para mim...

FREDERICO

Eu retiro-me, snr. Travassos...

CARLOS

Não; fica.

ROSADO [3]

(*Baixo para Rosalia.*) Se eu tambem tivesse iguaes direitos!... Se tambem podésse pertencer á familia...

ROSALIA [2]

(*Sorrindo.*) Não o entendo!...

ROSADO

Sim? Algum dia me explicarei melhor. (*Para os guardas-marinhas.* Vamos, senhores.

(*Cumprimentam-se reciprocamente e sahem pela escotilha—D. A.*)

SCENA IV

TRAVASSOS, CARLOS, ROSALIA, EMILIA e FREDERICO

TRAVASSOS

(Sentando-se com difficuldade.) Agora, snr. Carlos, que soube por minhas filhas... isto é, por minha filha, quem o senhor é, vejo-me na restricta obrigação de lhe prestar contas de... Emfim, não tractarei de desfigurar os factos para me illibar a seus olhos. Sei perfeitamente que isso é impossivel.

CARLOS

(Machinalmente.) Assim me parece.

TRAVASSOS

(Sorrindo tristemente.) Vejo, pelos seus modos, que acertei. Não fallemos, pois, senão... no dinheiro que lhe pertence e a essa menina. Eu desejava, primeiro que tudo, vêr se conseguia, ao menos, no ultimo quartel da vida, não ser totalmente odiado pelo irmão d'aquella que eu vi crescer, pronunciando e dirigindo-me o doce nome de pae...

CARLOS

(Sempre com ar severo.) E eu desejava, snr. Travassos, que v. s.ª se dignasse, em vez d'essa sensibilidade tardia, dizer-me quanto antes o fim d'esta conferencia.

ROSALIA [2]

(Com dignidade.) E eu peço licença a meu pae para me retirar...

TRAVASSOS

(Travando-lhe da mão.) Tu, filha?!

ROSALIA

Socegue, meu pae; vou para alli *(Apontando para a camara)*, e logo que termine esta conferencia, escusada, creio eu...

TRAVASSOS [1]

Escusada?

ROSALIA

Desnecessaria!—Creio que meu pae nada mais tinha

a fazer senão entregar ao snr. Carlos os titulos d'essas propriedades e feitorias que ainda lhe restam em Angola. Desculpe o conselho... ou antes, a idéa; mas o que m'a suggeriu foi...

TRAVASSOS

(Vendo que ella não continúa.) Foi...?

ROSALIA

(Desatando a chorar.) Foi... esse tom desabrido e rancoroso com que o snr. Carlos tracta meu pae!

CARLOS [3]

(Commovido e dando um passo para ella.) Menina!...

TRAVASSOS

(Limpando uma lagrima.) Deixa-o, filha; tem razão, desgraçadamente. Esse rancor, como lhe chamas, é a expressão d'um sentimento... de filho! não lh'o posso estranhar.

ROSALIA

Tambem eu sou filha, e não posso tolerar aquelles modos! Tambem a Emilia é filha, e nem por isso tem deixado de lhe prodigalisar tantos, ou mais cuidados do que eu propria! Aquillo é que se chama uma alma generosa e boa! Fosse qual fosse o seu passado, meu pae, hoje, victima da fatalidade, fulminado pela desgraça, a braços, talvez cedo, com a miseria, é digno *(Levantando a cabeça)* não de dó—de respeito! Não posso comprehender que nem todos pensem assim!!

TRAVASSOS

(Sempre commovido.) Cala-te, filha.

CARLOS

(Que tem estado fixamente a olhar para ella durante a sua falla, vai desenrugando pouco a pouco o semblante, e como fascinado pelo seu tom.) É uma grande alma, menina! Acceito-lhe a lição, e quasi que me curvo perante o exemplo de minha irmã. *(Depois de silencio, em tom mais brando, e sentando-se proximo de Travassos.)* Snr. Travassos... *(P. a 2)* não fallemos do passado: tudo o mais

que tiver a dizer-me, escutal-o-hei com a maior attenção. *(P. a 1.)*

TRAVASSOS [2]

(Depois de silencio.) Estou velho, snr. Carlos; o choque que soffri, abreviar-me-ha de certo os dias; achando-me, além d'isto, tão completamente punido d'essa vertigem d'oiro que me atacou ha vinte e tantos annos, e não tendo concorrido em nada para o crime que tanto... deploro, atrevo-me a pedir-lhe um favor: não me amargurar os ultimos dias de vida com o pêso do seu odio. O senhor, irmão d'aquella que tenho amado como filha, deve... não direi perdoar, mas esquecer. *(Supplicante.)* Snr. Carlos... não me odeie!

CARLOS [2]

(Meio commovido.) Não, snr. Travassos; não o odeio, deploro-o.

TRAVASSOS

E, conscio de que o arrependimento rehabilita o homem culpado, terá o snr. Carlos duvida em apertar a mão que guiou os primeiros passos de sua irmã? *(Estendendo-lh'a.)*

CARLOS

(Hesitando e perturbado.) De que servirá esse testimunho d'uma intimidade que não póde existir entre nós, snr. Travassos?

TRAVASSOS

Servirá... de me fazer morrer descansado sobre o futuro d'aquella pobre menina! *(Mostrando Rosalia.)*

CARLOS

(Desabafando.) Snr. Travassos!... Rogo-lhe que tracte d'outro assumpto. Seja qual fôr o sentimento que lhe consagre, não tenho o coração feito de bronze! A sua triste posição está-me commovendo, e... *(Levantando-se e dando um murro sobre a mesa.—P. a 2.)* Com os diabos! procure outro tom, e, sobretudo, não me falle n'aquelle anjo, que não estou resolvido a tornar-me ridiculo com as provas d'uma sensibilidade que não posso conter! *(Dá al-*

guns passos para o fundo, limpando disfarçadamente os olhos.)

ROSALIA [3]

(Depois de silencio geral, indo de mansinho até Carlos e pondo-lhe a mão no hombro, espreitando-lhe ao mesmo tempo a physionomia.) Com os diabos!... Isso não se diz, snr. Carlos!...

EMILIA [4]

Não tem a certeza, snr. Travassos, da intima amizade que me liga a *minha irmã adoptiva?* Como poderiamos nós, depois de privar com aquella menina, deixar de a considerar da nossa familia?

TRAVASSOS

Tudo isso me prova a sua indole generosa! Não posso infelizmente entregar-lhe inteira a herança de seu pae; mas as propriedades que ainda possuo em Angola, e os saques sobre Lisboa, que posso ainda receber, se o malvado não se apresentar primeiro do que eu...

CARLOS

(Com certa impaciencia, mas menos desabrido.) Bem, bem, paciencia! que lhe havemos de fazer? Se conseguirmos capturar aquelle homem, todos ficarão com o dinheiro que lhe pertencer de direito. Do contrario... não sei! *(Sente-se o silvo do apito, chamando toda a guarnição, como para mostra.)*

FREDERICO [5]

Para que reunirá toda a guarnição?

EMILIA [4]

Teremos algum novo perigo!?...

FREDERICO

Não é provavel: eu vou saber o que é. Até já, minhas senhoras. *(Sahe pela escotilha para a tolda.—D. A.)*

SCENA V

ANGELICA, TRAVASSOS, ROSALIA, EMILIA E CARLOS

ANGELICA

(Entrando com o chá.—D. A.) Oh! sahiram cá para fóra! Aqui está o chá: não o trouxe mais cedo, porque aquelles endemoninhados aspirantes beberam-m'o todo.

ROSALIA [3]

Ponha ahi, Angelica; e traga-nos umas bolachas.... que o papá ha de estar fraquissimo.

(Angelica sahe para a camara, e d'ahi a pouco torna a entrar com uma bandeja com bolachas.)

TRAVASSOS

(Puxando por uma carteira.) Em conclusão, snr. Carlos, está disposto a tomar desde já uma pequena nota do que tenho para o pagamento de...

CARLOS

(*Que tem andado a passear pensativo.*) Mas...

TRAVASSOS

Temos aqui papel, e...

CARLOS

(*Tomando o seu tom um pouco desabrido.*) Se deixassemos isso para mais tarde... Creio que não será tão meticuloso em casos de consciencia, que a demora de mais um dia ou dois o incommode.

TRAVASSOS

(*Sorrindo amargamente.*) Resigno-me com essa nova ironia, e... esperarei.

ROSALIA

(*Que tem estado a fazer o chá.*) Quer uma chavena de chá, snr. Carlos?

CARLOS

Quero, sim, minha senhora.

ROSALIA [4]

(*Dando-lh'a, e para Angelica.*) Ó Angelica, lembra-se, ha vinte e tantos annos, quando esteve em Moçambique,

ainda eu não tinha nascido, de certa historia tenebrosa, em que houve uma victima... no meio do mar, n'uma pesca de baleia?

ANGELICA [3]

(*Espantada e encarando com Travassos, como para o consultar.*) Mas, menina!... Atreve-se a fallar em similhante coisa?!

ROSALIA

Atrevo. Vejo que sabe, que se lembra d'essa historia. Pois bem, diga aqui com franqueza... (meu pae authorisa-a para o fazer.) Diga com franqueza, quem foi o perpetrador d'esse crime... porque julgo que houve um crime.

ANGELICA

(*Perturbada.*) Mas...

ROSALIA

Crime em que meu pae não teve parte alguma...

ANGELICA

Oh! isso não teve! Aquelle malvado é que... (*Interrompendo-se.*) Mas quer obrigar-me a fallar d'uma coisa em que não se deve tocar!!... Ora esta!... Que diz a isto, snr. Travassos?

TRAVASSOS [2]

Falle, Angelica; authoriso-a a fazel-o.

ROSALIA

Já vê... Dizia então que meu pae não tinha tomado parte...

ANGELICA

Absolutamente nenhuma! Foi o snr. Barcellos, que alli estava ha tempos com o snr. Travassos, e que se chamava então Antonio Duarte, quem commetteu aquella acção indigna.

ROSALIA

E onde estava o papá quando se deu esse caso?

ANGELICA

Estava em casa, brincando com aquella menina (*Mostrando Emilia*), que tinha n'esse tempo os seus cinco annos.

ROSALIA

Depois?

ANGELICA

Depois veio do mar o snr. Barcellos, todo azafamado, dizendo ao senhor que estava rico, que não precisava trabalhar mais, e que no dia seguinte partiam para Angola. Mudaram de nomes, e...

ROSALIA

Mas tem a certeza de que meu pae estava em sua casa, quando n'esse dia o snr. Barcellos foi ao mar com o seu hospede?

ANGELICA

Se tenho; lembra-me perfeitamente.

ROSALIA

(*Para Carlos.*) Agora, deixando fallar esse coração tão bem formado, condoer-se-ha do estado de abatimento em que vive meu pae? Só no mundo, não poderá resolver-se a vêr em nós uma segunda familia, já que a fatalidade lhe roubou a verdadeira? Defina, por uma vez, esta posição ambigua. Não posso viver sem minha irmã; não posso abandonar meu pae. O snr. Carlos, não sei se pelos laços que o prendem a Emilia, se pela sympathia que me inspirou, tambem hoje é para mim inseparavel...

EMILIA [1]

Não acha, Carlos, um meio de responder a isto com uma unica palavra? Com uma unica resolução?

TRAVASSOS

(*Levantando-se.*) Seria o cumulo da felicidade! Seria a unica maneira de eu viver mais alguns annos!...

CARLOS

Um pobre capitão mercante...

ROSALIA

(*Rindo.*) Uma menina pobre...

ANGELICA [3]

Pobre? Ora essa! Para quem é o ordenado das minhas soldadas de trinta e tantos annos?

CARLOS

(*Apertando a mão de Rosalia.*) Não será preciso, espero.

SCENA VI

OS MESMOS, ROSADO E MANOEL MATUTO

(*Surdina na orchestra: a mesma do prologo até final do acto.*)

ROSADO

(*Empurrando Manoel Matuto, e trazendo-o adiante de si.*) Anda para diante, ladrão!... Has de pagal-o caro!... Assim se lança uma nódoa d'estas n'uma tripulação inteira!...

MANOEL [3]

(*Submisso e com uma indifferença estupida.*) Tem razão, snr. tenente! O Matuto é um ladrão!...

ROSADO [4]

Não te faças mais tôlo do que és, que não escapas, não! (*Para Emilia.*) Minha senhora, por ordem do snr. commandante, depois de formada a guarnição, deu-se busca a todos, e essa cruz foi achada nas mãos d'este *tratante!* Entrega já essa joia!

MANOEL

(*Sempre com a mais estupida indifferença.*) Aqui está!... (*Dando-a a Emilia, mas sempre com os olhos cravados na cruz.*) O Matuto não roubou para... para vender...

EMILIA [1]

Elle é idiota, coitado?

ROSADO [3]

É; mas o idiotismo já se lhe vai dar! Uma guarnição onde nunca desappareceu a bordo o mais pequeno objecto! Eu já te dou o premio!

MANOEL [2]

V. s.ª tem razão!... O Matuto roubou.

ROSADO

E deshonrou os seus camaradas, grandissimo tratante!

(Para ellas.) Desculpem, minhas senhoras; mas estou como uma polvora. Com licença; vou fallar ao snr. commandante! *(Entra rapidamente para a camara.)*

SCENA VII

ROSALIA, EMILIA, ANGELICA, TRAVASSOS, CARLOS, MANOEL MATUTO E ALGUNS MARINHEIROS E SOLDADOS QUE VEEM POR CURIOSIDADE ESPREITAR ÁS PORTAS

EMILIA [1]

Coitado! é idiota; talvez practicasse este roubo...

CARLOS [4]

Ás vezes fingem-se, para escapar ao castigo.

MANOEL [2]

Qual castigo?... Vou ser castigado!... Mas... o Matuto não é ladrão... *(Sempre com os olhos fixos na cruz que Emilia ainda conserva na mão.)* Se ella é... é do Matuto essa cruz!...

EMILIA

(Espantada.) Sua?!...

MANOEL

Se foi, agora já não é... *(Rindo estupidamente.)* Mas o Matuto roubou-a...

CARLOS

(Para Emilia.) Como conseguiu elle apoderar-se d'essa joia?

EMILIA

Não sei.

SCENA VIII

OS MESMOS, FREDERICO, AYRES DE SEQUEIRA, NEVES, NORONHA, MAIS ASPIRANTES E ALGUNS OFFICIAES TODOS PELA ESCOTILHA, E. A.

FREDERICO [1]

Digo-lhes que nada fazem. O snr. commandante, assim como é bondoso para o marinheiro bem comportado, é inexoravel para o delinquente!

AYRES DE SEQUEIRA

Mas... se esta senhora juntar os seus rogos aos nossos...

EMILIA [2]

De certo; se poderem influir para que se perdoe a esse pobre homem...

FREDERICO [1]

O caso é que todos estamos penalisados por esta loucura, porque realmente não se póde qualificar de outra fórma similhante atrevimento! *(Para Manoel.)* Ó Matuto, quando roubaste tu aquella cruz?

MANOEL [3]

Foi antes de hontem, meu tenente.

FREDERICO [1]

E como a roubaste?

MAMOEL

Eu não a roubei... *(Com força e certo aspecto lucido.)* Roubar, eu!?... *(Cahindo no seu tom estupido.)* Ah! sim... o *Matuto* viu a cruz ao pescoço da menina... Entrou pé ante-pé na camara... viu a cruz em *riba* do lavatorio, e... *(Cantando.)*

Eu da cruz do Redemptor
Só espero a salvação...

(Fica como em extasi contemplando a cruz, e de vez em quando levanta os olhos para Emilia, mas retira-os logo, como envergonhado.)

AYRES DE SEQUEIRA

Coitado! Agora é que parece que elle ficou de todo perdido do juizo!

NEVES

E, apesar d'isso, foi sempre tão bom marinheiro!...

FREDERICO

Realmente é extraordinario!...

EMILIA [2]

(Baixo para Carlos.) Está-se-me a opprimir o coração, Carlos! Se eu intêrcedesse por elle...

CARLOS [5]

É desnecessario: as leis a bordo são, devem ser inexoraveis!

NORONHA

(Correndo pela escotilha D. A., e para Frederico.) Meu tenente, atracou uma lancha de terra: quer que vá saber quem é?

FREDERICO

Vá, e participe o que fôr ao senhor *immediato. (O aspirante sóbe.)*

SCENA IX

OS MESMOS E ROSADO

ROSADO [2]

(Sahindo da camara.) Um *xadrez* amarrado á *enxarcia grande,* e duzentas e cincoenta varadas n'esse maroto! É a ordem do snr. commandante.

CARLOS [6]

(Comsigo.) Pobre homem!

EMILIA

(Afflicta.) Mas isto é horroroso!... Se eu, que sou a offendida, supplicar ao snr. commandante...

ROSADO [1]

Não, minha senhora: a justiça não reconsidera, e o exemplo deve dar-se. *(Para os tripulantes que estão á porta.)* Vamos para cima todos!

MANOEL

(Descendo.) Varadas!... O *Matuto* vai ser varado!... *(Deixando transparecer pouco a pouco um vislumbre de entendimento e crescente horror.)* Ó meu tenente!... O *Matuto* quer primeiro pedir perdão áquella menina... O *Matuto* se leva varadas, morre!...

ROSADO

Pois peça o perdão, e... depressa!

FREDERICO [1]

Coitado! Está perdido do juizo de todo!

MANOEL

(Cantando por entre os dentes, em quanto ajoelha muito devagar defronte de Emilia, com os dois joelhos em terra.)

Eu da cruz do Redemptor
Só espéro a salvação...

EMILIA

(Muito perturbada.) Levem-me este homem d'aqui, por favor!... *(Como querendo recordar-se.)* Aonde ouvi eu esta *letra* meu Deus!...

MANOEL [3]

(Para ella.) O *Matuto* vai morrer, minha menina... Perdoem-lhe pelo amor de Deus!...

EMILIA

Perdôo, e se eu podésse salval-o... *(Diligenciando levantal-o.)*

MANOEL

Obrigado, menina!... O *Matuto* morre contente por que lhe perdoa. *(Beija-lhe a mão machinalmente, mas ao vêr-lhe um annel que ella tem n'um dos dedos, levanta-se desorientado, fixa os olhos n'ella, fica como petrificado.)*

ROSALIA

(Seguindo com a vista o olhar d'elle.) Este homem é extraordinario! Que impressão lhe fez o teu annel, Emilia!...

FREDERICO

Está completamente varrido, o pobre homem!

SCENA X

OS MESMOS, FATEIXA, DEPOIS BARCELLOS E SOLDADOS

FATEIXA

(Correndo.) Meu capitão!... meu capitão!...

CARLOS

(Indo a elle.) Que novidades me trazes?!... Onde está esse homem!?

FATEIXA

Apanhei-o á embarcar para Portugal! Tinha preve-

nido o snr. governador, e... Não lhe disse eu que havia de cumprir a sua palavra de honra?

CARLOS

(*Ancioso.*) Aonde está elle?!

FATEIXA

Vem ahi!

CARLOS

E o outro?

FATEIXA

O Silvestre? Não apparece: pelos modos creio que o homem tambem já deu cabo d'elle.

CARLOS

(*Frenetico.*) Mas aonde está esse infame!?

FATEIXA

(*Indicando-lh'o.*) Olhe, capitão.

(*Barcellos entra com as mãos amarradas, e com um cofre debaixo do braço.*)

CARLOS

(*Lançando mão de um sabre e correndo para elle.*) Graças, meu Deus! Posso vingar meu pae!!...

ROSALIA

(*Agarrando-o.*) Snr. Carlos!!...

BARCELLOS

(*Friamente.*) Estou desarmado, senhor... e manietado como vê!

CARLOS

(*Contendo-se.*) Tem razão! eu procurarei a occasião em que o não esteja e...

MANOEL

(*Que ouviu Barcellos, por uma reacção terrivel volta-se para elle.*) Esta voz!... (*Caminha para elle, e encarando-o bem de frente*) Meus Deus!!... Meu Deus!!... (*Lançando-lhe as mãos convulsivamente aos hombros.*) És tu!?... és tu, assassino!!?...

BARCELLOS

(*Reconhecendo-o.*) Este homem... vivo!!...

MANOEL

(Descobrindo a clavicula esquerda, e mostrando uma grande cicatriz.) Conheces-me, malvado!?...

CARLOS

(Correndo a Manoel, arregaça-lhe a manga da camisa; vê-lhe o braço com as pinturas em espiral usadas entre os gentios; cahe de joelhos como fulminado, e agarrando-lhe a mão convulsivamente.) Meu pae!!... *(Beija-lhe a mão, cobrindo-a de lagrimas, e no maior auge de commoção.)*

EMILIA

(Correndo para o grupo, e agarrando-o tambem.) Será crivel tanta ventura, meu Deus!?...

MANOEL

(Estupefacto.) Meus filhos!! *(Cahe-lhes nos braços sem sentidos. Silencio e espanto geral. Carlos e Emilia prodigalisam mil caricias e desvelos a seu pae. Commoção em todos.)*

ROSADO

(Depois de silencio.) Comprehendo tudo... *(Para um soldado.)* Vá buscar um *par de ferros* para os deitar aos pés d'este senhor, e mettam-no no *porão* até segunda ordem. *(O soldado sahe.)*

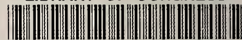
BARCELLOS

(Comsigo.) Coragem! Não hão de gosar o prazer da vingança, nem o fausto da riqueza. *(Dirige-se rapido por uma das portas das peças, e vai a precipitar-se.)*

FATEIXA

(Que lhe percebeu o intento e lançando-lhe a mão ao cofre.) Espere! Com isto não. *(Tira-lhe o cofre que vem depositar aos pés de Manoel. Dois soldados agarram Barcellos.—Quadro.)*

FIM.


LIBRARY OF CONGRESS
0 024 331 745 9
